

Chiesa viva

ANO XLI - N° 441
SETEMBRO 2011

MENSILE DI FORMAZIONE E CULTURA
DIRETTORE responsabile: sac. dott. Luigi Villa
Direzione - Redazione - Amministrazione:
Operale di Maria Immacolata e Editrice Civiltà
Via G. Galilei, 121 25123 Brescia - Tel. e fax (030) 3700003
www.chiesaviva.com
Autor. Trib. Brescia n. 58/1990 - 16-11-1990
Fotocomposizione in proprio - Stampa: Com & Print (BS)
contiene I. R.
www.chiesaviva.com e-mail: omieditriceciviltà@libero.it

«A VERDADE VOS LIBERTARÁ»

(Jo. 8, 32)

Poste Italiane S.p.a. - Spedizione in Abbonamento Postale - D.L. 353/2003
(conv. L. 27/02/2004 n° 46) art. 1, comma 2, DCB Brescia.

Abbonamento annuo:
ordinario Euro 40, sostenitore Euro 65 una copia Euro 3,5, arretrata Euro 4
(inviare francobolli). Per l'estero Euro 65 + sovrattassa postale
Le richieste devono essere inviate a: **Operale di Maria Immacolata e Editrice Civiltà**
25123 Brescia, Via G. Galilei, 121 - C.C.P. n. 11193257

I manoscritti, anche se non pubblicati, non vengono restituiti
Ogni Autore scrive sotto la sua personale responsabilità

Paulo VI

A close-up portrait of Pope Paul VI, wearing his white zucchetto and red cassock with a white clerical collar and a red sash. He has a slight smile and is looking slightly to the right.

O Papa
que mudou a Igreja

Apresentação

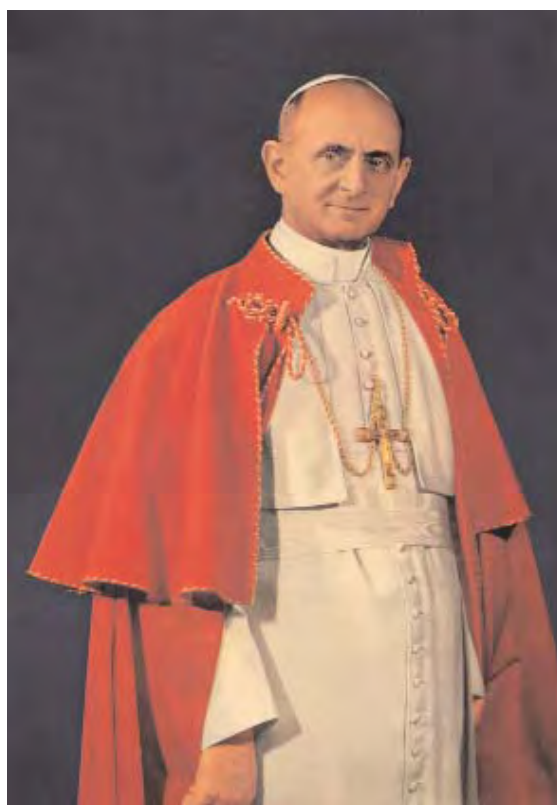
PAULO VI

O Papa que mudou a Igreja

pele Rev^o. Doutor Luigi Villa

O Papa Paulo VI foi dois: aquele que foi visto nas audiências gerais e privadas, e o que foi descrito em livros e jornais do seu tempo, sobretudo como iniciador, com João XXIII, e depois continuador até à conclusão do Vaticano II.

Nós, todavia, ousamos dizer que **Paulo VI foi um Papa que mudou a Igreja**. Até o *Avvenire* de 19 Março de 1999 o escreveu, sob o título “*A Cadeira de Paulo VI. Ruini traça o perfil do Papa que mudou a Igreja*”. Assim, até o **Cardeal Ruini** reconheceu que **Paulo VI** mudou a Igreja. Mas nós permitimo-nos afirmar que o **Cardeal Ruini** se calou, ao não dizer que **Paulo VI**, na sua eleição a Pontífice, **tinha jurado «não diminuir ou mudar nada de quanto tinham conservado os meus honradíssimos antecessores e não aceitar qualquer novidade, mas conservar e venerar com fervor, como verdadeiro seu discípulo e sucessor, com todas as minhas forças e com todo o empenho, aquilo que foi transmitido»**.



Paulo VI.

Então, porquê **mentiu o Cardeal Ruini**, como se não soubesse a viragem que tinha feito o **perjuro Paulo VI** em toda a estrutura da Igreja?

Mas, que mais se esperava de todas aquelas tramas e manipulações pós-conciliares, tais como mudar , ab imis, **toda a Igreja da Tradição**, e quem podia suspeitar que **Paulo VI** pudesse encontrar tantos artífices como lugares-tenente para deixar a Igreja em ruínas?

Impossível, agora, listar todos aqueles estragos por ele feitos, e os que ele encobriu ou encorajou, ou tolerou, ou desenvolveu, **como o niilismo, o paganismo moral, o divórcio, o aborto, a**

secularização, a pornografia, o temporalismo político, o comunismo... Assim, o abandono da religiosidade da vida, devido à perda dos valores cristãos, conduziu o mundo Católico a tal estado de degradação que até esqueceu **qual era a vida da Igreja anteriormente ao infausto Vaticano II!** E assim chegamos, mesmo nós, **como Lutero**, a rasgar a “**túnica inconsútil**”, sem costura, de Nosso Senhor Jesus Cristo, a verdadeira e

única Cabeça do Seu Corpo Místico, a Igreja.

Querendo fazer uma síntese do Pontificado de Paulo VI, poderemos dizer que, “politicamente”, era de esquerda; “intelectualmente”, era um modernista e que, “religiosamente”, era um mação.

De facto, a Fé, no seu Pontificado, foi destruída pelo “ecumenismo”, a Evangelização foi substituída pelo “diálogo”; o Reino de Deus deu lugar ao “Reino do Homem”, em nome da laicidade e dos presumíveis “direitos humanos”; a Moral Católica, enterrando a Fé e a centralidade da Pessoa de Jesus Cristo, dissolveu-se, sem mais contar com as consequências do “pecado original”; e a nova fórmula, definida como “a única legítima”, de relações entre a Igreja e o mundo, foi o “diálogo”.



Jerusalém, 5 de Janeiro de 1964. Na sua viagem à Terra Santa, Paulo VI encontra o Patriarca de Constantinopla. Atenágoras I.

Mas esta instituição do “diálogo” foi uma verdadeira condenação da doutrina e da prática da Igreja através de todos os séculos. A religião divina, por isso, quase desaparece frente à liberdade do homem, que prevalece sobre a Verdade divina, e a religião Cristã torna-se uma opinião entre outras. **O Inferno, o Paraíso, a Graça, a maldição, a piedade, a impiedade, perderam consistência.**

Esta hetero-praxis de Paulo VI gerou a heterodoxia do Culto do Homem. O seu discurso na IV sessão do Concílio foi o nascimento do verdadeiro “Culto do Homem”. E este seu amor

pelo homem provocará a famigerada “Pastoral da Igreja no mundo de hoje”, tornando-o “centro e cabeça do mundo”, re-presentando-o como coroamento da obra do Vaticano II, que cancela a sentença bíblica: «maldito o homem que confia no homem, e, pondo a sua força num ser de carne, retira de Deus o seu coração» (Jeremias 17, 5).

Mas Paulo VI, em 7 de Dezembro de 1965, perante toda a Assembleia Conciliar, pronunciou um discurso no qual proclamou o “CULTO do HOMEM”:

«Para conhecer Deus, precisa conhecer-se o homem».

«Toda esta riqueza doutrinal do Concílio não alveja senão uma coisa: servir o homem».

«Nós, nós mais do que ninguém, temos o CULTO do HOMEM».

«A religião do Deus que se fez homem encontrou-se com a religião (porque é uma!) do homem que se fez Deus»...

Em outra ocasião, em 5 de Julho de 1969, disse:

«... O homem revela-se divino. Revela-se divino não em si, mas no seu princípio e no seu destino».

Mas isto é idolatria. Paulo VI ignorava a frase de Jesus a Satanás: «Vade retro, Satanás, porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus, e a Ele só prestarás culto!» (Mt. 4, 10). Este abandonar Deus para seguir Satanás, caindo, assim, no Culto do Homem que substitui o Culto de Deus, não é senão um culto Luciferino que, sob a aparência de “actualização doutrinal”, fez brotar toda a espécie de “heresias”, e foi dada aos teólogos verdadeira imunidade com máxima autonomia. Dir-se-ia que Paulo VI tinha fobia à ortodoxia, uma aversão ao Magistério Ordinário e àquilo que ensinaram os seus predecessores.

O seu Magistério, de facto, foi uma nova teoria da religião, entendida como “Movimento de Animação Espiritual da Democracia Universal”, cheia de quimeras como o Messianismo Revolucionário de Lamennais, como a Democracia Cristã de Sangnier, ambos traduzidos no sistema de Jacques Maritain com o seu “Humanismo Integral”.

Esquematzemos:

1. A “Humanidade” no lugar da “Igreja”

Leão XIII, na sua “*Humanum Genum*”, escreve: «O género humano está dividido em dois campos inimigos, que se combatem por intermédio dos seus, um pela verdade e a virtude, o outro pelos seus contrários. Um, é a verdadeira Igreja de Cristo... o outro, é o reino de Satanás».

Paulo VI queria um mundo profano, corpo social universal, autónomo no exterior da Igreja. Na sua “*Ecclesiam Suam*”, intencionalmente omite duas “passagens” de São Paulo aos Coríntios: «Que acordo entre Cristo e Belial? Que acordo entre o templo de Deus e o dos ídolos?» (II Cor. 6, 14-16).

Paulo VI, por sua vez, queria os homens todos fraternos, numa “comunhão sacra”. É o primeiro artigo do seu novo “Credo humanístico”, que pretende uma “humanidade civilizada”. Na sua “*Mensagem de Natal de 1964*”, disse: «Hoje, a fraternidade impõe-se, a amizade é o princípio de toda a sociedade humana moderna... É preciso que a democracia, a que hoje se chama convivência humana, se abra a uma concessão universal, que transcenda os limites e os obstáculos de uma efectiva fraternidade».



Nova Iorque, 1965. **Paulo VI** pronunciando o seu histórico discurso perante a Assembléia Geral da ONU.

Foi um dos princípios de **Paulo VI**: o homem é bom; os homens querem a paz; a forma democrática permite ao povo impôr-se com a sua vontade pacífica... **Pois bem, estamos em democracia... Isto quer dizer que o povo comanda, que o poder provém do número, do povo, assim é**» (discurso de 1 de Janeiro de 1970). Deste modo, a virtude sobrenatural, a graça dos Sacramentos e a obediência aos **Mandamentos de Deus**, são substituídos pela “**democracia universal**”, como se o “**pecado original**” e o demónio não mais existissem. Por isso, como chefe da **Igreja de Deus**, **Paulo VI** colocou a ONU, aquela Torre de Babel maçónica, como esperança da humanidade: «**Este aspecto da Organização das Nações Unidas é o mais belo, é o seu lado humano mais autêntico. É o ideal da humanidade peregrina no tempo, é a esperança melhor do mundo, é o reflexo, ousamos dizer, do desígnio transcendente e amoroso de Deus acerca do progresso do consórcio humano na Terra, um reflexo onde vislumbramos a mensagem evangélica, de celeste fazendo-se terrena**» (discurso à ONU, em 1965).

Não conhecia **Paulo VI** o desprezo que esta organização mundial anti-Cristã – ONU, UNESCO, FAO – tem pela Igreja Católica?

2. OS “DIREITOS DO HOMEM” no lugar do “Evangelho”

A “**Democracia Universal**” sairá da “**Carta dos Direitos do Homem**”, que confunde a “**consciência moral**” com a força moral que só dá a **Graça Divina**, e confunde a **solidariedade humana** com a **Caridade Cristã**, e faz desaparecer a **Graça de Cristo Redentor, os Sacramentos e a Oração**.

Porque «o bem público... não pode subsistir diferentemente do vosso (ONU), fundado no respeito do Direito da justa liberdade e da dignidade da pessoa» (“Breve” às Nações Unidas, de 4 de Outubro de 1965).

Ora, **Paulo VI** empenhou-se a fundo naquele naturalismo cuja base é a actuação dos princípios da **Revolução Francesa de 1789**.

3. A “DEMOCRACIA UNIVERSAL” em lugar do “REINO DE DEUS”

É claro que **Paulo VI**, com as suas quimeras intelectuais terrenas, defraudou o **Reino de Deus** de todos os seus atributos divinos, para fazer sonhar com um Paraíso terrestre, construído com

a única força dos homens. Mas a palavra de Deus desmente todas as suas afirmações, uma por uma, mostrando que não há paz conseguida pelos homens ímpios, construtores daquela fabulosa Torre de Babel.

Só Cristo dá a paz, mas não do modo como a dá o mundo. São Pio X, na sua Carta sobre o Sillon, escreve: «... Não se edificará a cidade de modo diverso daquele que Deus edificou; não se edificará a sociedade se a Igreja não edifica a base e não dirige o trabalho; não, a civilização não se inventa e a nova cidade não se edifica no meio de nuvens. Essa foi, essa



São Pio X: Omnia instaurare in Christo!

é a Civilização Cristã, a Cidade Católica. Não se trata senão de instaurá-la e de restaurá-la sem descanso sobre os seus fundamentos naturais e divinos, contra os ataques sempre recorrentes da utopia malsã, da revolta e da impiedade: omnia instaurare in Christo».

Mas Paulo VI foi ainda subversivo. A dialéctica da sua encíclica “Populorum Progressio”, de 26 de Março de 1967, excitou o ressentimento de todos os povos do Terceiro Mundo, propondo o seu “desenvolvimento” como primeiro objectivo essencial do seu esforço. Sobretudo em Bogotá, em Manila, na Austrália, Paulo VI colocou os pobres contra os ricos, reco-

mendo-lhes mesmo a solução do Evangelho: o Amor. Mas este “reino do amor” é uma utopia irrealizável num mundo sem Deus. À parte os idílicos convites ao amor, a “Populorum Progressio” soa como o “Mein Kampf” do Anti-Cristo, para realizar um mundo no qual todos os homens, sem distinção nem de raça, nem de religião, podem viver uma vida plenamente humana.

Foi assim que em Belém, em 6 de Janeiro de 1964, Paulo VI disse: «devemos assegurar à vida da Igreja um novo modo de sentir, de querer, de comportar-se».

E, com mais audácia, repete: «A religião dever ser renovada»; e «não é mais o caso de atrair as almas e de interessá-las nas “coisas supremas”» (discurso de Dezembro de 1965). É o ecumenismo do Vaticano II: “Não se trabalha para a Igreja, trabalha-se para a humanidade”, pensamento e acção de verdadeira apostasia!



Jacques Maritain: Instaurar o humanismo integral!

Todos os dogmas, deste modo, são um verdadeiro obstáculo à compreensão universal, tornam-se entraves à fraternidade. Os Sacramentos cessam de ser nascentes de força e de energia espiritual para todo o empenho temporal. Os Mandamentos de Deus são rejeitados quando se tornam freios insuportáveis.

A instituição da Igreja, então, abana porque o seu modo de viver, de pensar, de educar não pode mais integrar -se no mundo, na comunidade secular como o fermento na massa. **Quer dizer, o humanismo integral sufocou a religião para se transformar em humanismo ateu.**

Todos os fiéis, neste momento, podem perguntar como podia **Paulo VI** reclamar-se de Fé Católica, até com firmeza, mas, depois, dar campo livre a todas as heresias, sem nunca intervir contra os seus propagadores. Como, por exemplo, **Teilhard de Chardin, que Paulo VI louvou por ter «dado uma explicação do universo e... saber ler nas coisas um princípio inteligente que deve chamar-se Deus».**

Este discurso deixa transparecer a afinidade de um vago teilhardismo com a forma mental de **Paulo VI**. A sua evolução panteísta, de facto, é uma visão utópica de um **progresso mundial** e de **união de todas as religiões** e de todos os homens em direcção a um fim comum.



Ódio à **Tiara**, ou **Trirregno**, na sua máxima expressão neste emblema do Cavaleiro Kadosh do 30º grau da Maçonaria de Rito Escocês Antigo e Aceite.

A sua visão, deste modo, é a do homem que sobe por intensificação de todo o seu esforço.

Temos outro exemplo na **escandalosa história do “Catecismo Holandês”, traduzido e difundido em todo o mundo. Foi ele que permitiu que aquele livro venenoso se difundisse em toda a Igreja**, sem as correcções queridas por Roma, não ousando

nunca pronunciar uma palavra de censura, nem tomar alguma providência contra os seus autores; subitamente, une-se aos admiradores das heresias contidas no Catecismo. Basta lê-lo para compreender o porquê da aceitação.

Naquele catecismo, **Deus não aparece, mas apenas o Homem e o Mundo. Deus é chamado profundidade misteriosa do nosso ser...** mas é o Ser Transcendente, soberanamente livre em relação à sua criação. Toda a dissensão, toda a contradição, todo o abandono definitivo são excluídos. Deus, por isso, está ao lado do homem, preocupado com a sua felicidade. Tais relações excluem qualquer ideia de justiça benéfica, porque Deus perdoa a todos e sempre. O mistério da Redenção é, assim, negado. A religião une-se sem ruptura de continuidade com a vida natural e mundana.

Como se vê, **esta linguagem não é diferente da heterodoxia e da hetero-praxis de Paulo VI**. Prega a **“liberdade de pensamento”**. Porque tinha mesmo necessidade dele [Catecismo holandês] para a sua fantasia e porque era a base doutrinal do seu humanismo progressista.

Não sem razão se diz que **foi obra de Paulo VI o envenenamento das seguintes gerações de Católicos baptizados com aquele novo catecismo, modernistas, progressistas, eróticas e subversivas.**

Inútil continuar com citações que convenceram toda as Autoridades da Igreja que, **com Paulo VI, não se podia condenar ninguém, nem combater algum erro ou acto de indisciplina: «não constranger ninguém, não impedir nada».**

Outra figura vergonhosa, Schillebeckx, desencadeou a máfia do “Concilium”, que protestou imediatamente contra todo atentado aos direitos do homem, à liberdade de pesquisa, à autonomia do teólogo.

Uma terceira figura vergonhosa é a de Hans Küng, que perseverou na sua crítica à instituição da Igreja, sempre tolerada por **Paulo VI**.

Mas a Igreja, por fim, já estava corroída na Cabeça! **Paulo VI** arrastava com mestria o povo Cristão atrás da sua quimera política. A **“fé no homem”** substituiu a **“fé em Deus”**. **Todos os dias, sob Paulo VI, foram dias de Paixão para a Igreja!** Como podia, então, ser **Paulo VI** Cabeça da Igreja, por cima de todos os erros, mesmo de toda a culpa, digna de esmagar toda a heresia **com a ajuda de Jesus Redentor e de Maria Imaculada, Mãe de Deus?**

Ora, um Papa que não cumpre a sua missão de **Cabeça da Igreja e de Vigário de Cristo**, mas procura formar no mundo outra **“comunidade de salvação”,** outra **“religião universal”,** um **“Movimento de Animação Espiritual da Democracia Universal”,** deve considerar-se cismático, porque incapacitado de distinguir a **Igreja, “Corpo Místico de Cristo”,** de uma **“nova religião humana”, “corpo do diabo”!**

Todo o Cristão e, com maior razão, todo o Sacerdote, deve estar consciente da Verdade e ter-lhe amor; e, deste modo, depois do anúncio público do **Cardeal Ruini**, no **Avvenire** de 29 de Março de 1999, dizendo que **“Paulo VI mudou a Igreja”,** deve sentir-se obrigado a **permanecer na “Igreja de antes”, a fundada por Jesus Cristo, que não é a “Igreja Conciliar”,** e considerar, como consequência, que o **Pontificado de Paulo VI foi uma “punição de Deus”**. Lançando às ortigas a **“Tiara”,** o reinado Papal de **Paulo VI** manifestou-se como verdadeira e dramática **“punição divina”!**

A SUA VIDA



A família: o Pai Giorgio, Giovanni Battista, a mãe Giuditta, Ludovico e Francesco.

GIOVANNI BATTISTA MONTINI

1897 (26 de Setembro) Giovanni Battista Montini nasce em Concesio (Brescia), filho do advogado Giorgio Montini e de Giuditta Alghisi. É o segundo filho a seguir ao irmão Ludovico (1896) e, depois dele, Francesco (1900).

1897 (30 de Setembro) É baptizado com o nome do avô materno.

1902 (Outubro) Inicia a frequência da escola elementar no colégio “Arici” de Brescia, dirigido pelos jesuítas, onde frequenta os estudos secundários até 1914.

1916 (Outubro) Obtém o diploma liceal no Régio Liceu “Arnaldo de Brescia”, depois de ter estudado privadamente em casa por razões de saúde.

1916 (1916-20) Sempre por razões de saúde segue como externo o curso teológico junto do seminário diocesano de Brescia.

1920 (29 de Maio) É ordenado sacerdote, na Catedral, pelo Bispo de Brescia, Mons. Giacinto Gaggia. No dia seguinte, celebra a sua primeira Missa.

1920 (10 de Novembro) Continua os estudos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, para o aprofundamento dos seus estudos filosóficos e jurídicos.

1921 (10 de Novembro) Inicia a seguir o curso da Pontifícia Academia dos Nobres Eclesiásticos, onde firmou amizade, que marcou a sua vida, com o colega siciliano **Mariano Rampolla del Tindaro**, sobrinho-bisneto do Card. Rampolla, falecido em 1913.

1922 (9 de Dezembro) Diploma-se in filosofia, no Prototariado Apostólico e em Direito Canónico na Faculdade de Direito do Seminário de Milão.

1923 (4 de Janeiro) Mons. **Giuseppe Pizzardo**, Substituto do Secretário de Estado, **Card. Pietro Gasparri**, convoca-o para avisá-lo que se mantenha à disposição.



Dom Montini na Academia dos Nobres Eclesiásticos.



Dom Montini num congresso da FUCI em Turim (1931).

1933 (12 de Fevereiro de 1933) Um Padre jesuíta responsável das Congregações Marianas “reconheceu no apostolado de Mons. Montini na FUCI uma perturbante saída dos limites do âmbito dos próprios associados. Lamentou-se ao Card. Francesco Selvaggiani, Vigário do Papa para a Diocese de Roma. Assim nasce uma denúncia contra Montini. Desencadeou uma bisbilhotice curial e uma polémica, como se Montini fosse um ambicioso, um imprudente centralizador”. **Montini foi constrangido a pedir a demissão**, que teve efeito em 12 de Março de 1933.

1923 (Maio) É enviado como “adido” para a Nunciatura de Varsóvia, mas regressa a Roma em 13 de Outubro, por razões de saúde.

1923 (20 de Outubro) Permanecendo na Academia dos Nobres, Montini é encarregado por Pio XI de se ocupar do Círculo Universitário Romano (CUR).

1924 (3 de Julho) Doutorado em Direito Civil no Pontificio Istitutum Utriusque Iuris do Ateneo Lateranense, coroando o seu percurso académico.

1924 (Outubro) Chamado para trabalhar na Secretaria de Estado na dependência de Mons. Giuseppe Pizzardo, na secção Negócios Ordinários.

1925 (Abril) É nomeado “minutante”.

1925 (Outubro – até 1933) É nomeado Assistente Eclesiástico Nacional da Federação Universitária Católica Italiana (FUCI), hostilizada e perseguida pelo regime fascista.

1929 (11 de Fevereiro) Assinado o Tratado de Reconciliação entre a Santa Sé e a Itália, com uma Concordata em anexo.



Dom Montini no seu estúdio na Nunciatura de Varsóvia (1923).

1933 (1930-37) Ensina História da Diplomacia Pontifícia no Pontificio Istitutum Utriusque Iuris, no Palácio S. Apollinare.



Montini nos anos 30, quando trabalhava na Secretaria de Estado.



Mons. Montini e Mons. Tardini, o duo de Pró-secretários de Estado Estiveram na Secretaria de Estado até 1954.

1934 Montini tira férias do seu trabalho na Secretaria de Estado para viajar à Inglaterra e Escócia na companhia do siciliano Mons. Mariano Rampolla del Tindaro, sobrinho-bisneto do Card. Mariano Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII.

1937 (16 de Dezembro) É nomeado **Substituto da Secretaria de Estado**, secção de Negócios Ordinários, na dependência do Secretário de Estado, **Card. Eugénio Pacelli**.

1939 (2 de Março) Eleito Papa o Card. Pacelli com o nome de **Pio XII**, Mons. Montini conserva o cargo de Substituto da Secretaria de Estado para os Negócios Ordinários com Mons. Domenico Tardini, Substituto dos Negócios Extraordinários, ambos na dependência do novo Secretário de Estado, **Card. Luigi Maglione**.

1939 (1939-45) Durante a II Guerra Mundial, Mons. Montini organiza o **Serviço de Pesquisa e Informações** para os prisioneiros de todos os países e a **Comissão de Socorro**, posteriormente Pontifícia Comissão de Assistência (POA).

"Chiesa viva" *** Setembro 2011

1943 Faleceram em curto intervalo os seus pais: o pai em 12 de Janeiro; a mãe em 15 de Maio.

1944 Na morte do **Card. Maglione**, **Pio XII** não nomeia novo Secretário de Estado e assim **Mons. Montini** e **Mons. Domenico Tardini**, como Pro-secretários de Estado na directa dependência do Papa, regerão a Secretaria de Estado até 1954, quando Montini é expulso de Roma por Pio XII.

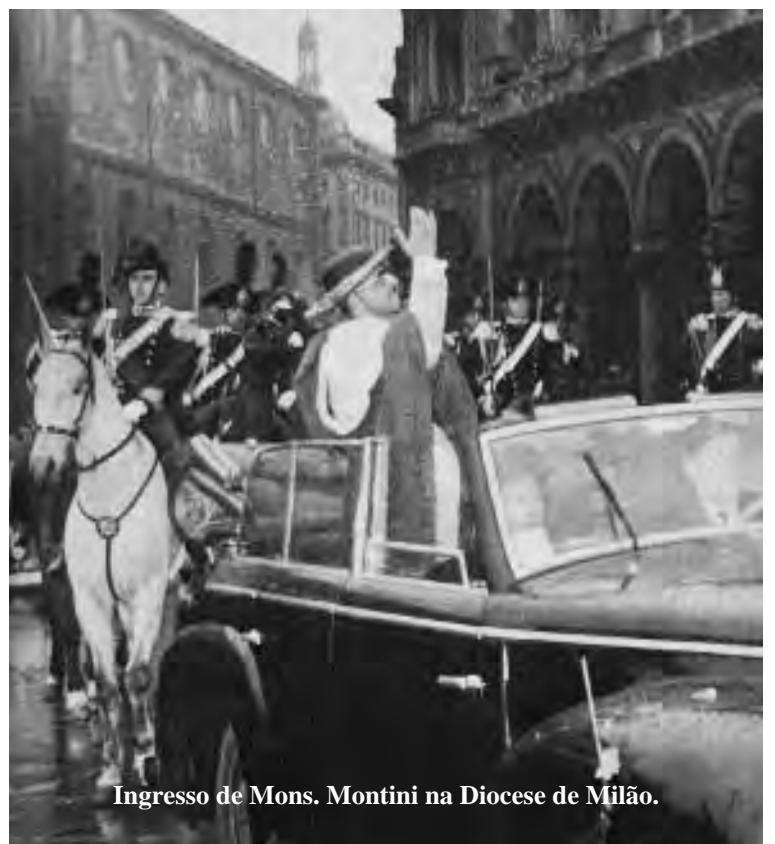
1950 Montini dirige a organização do Ano Santo.

1952 (Agosto) Viaja aos EUA e Canadá.

1952 (29 de Novembro) É nomeado Pro-secretário de Estado para os Negócios Ordinários.

1954 (Novembro) Montini é expulso da Secretaria de Estado por Pio XII, pela sua colaboração secreta com os serviços secretos russos e de outros países comunistas.

1954 (1º de Novembro) Montini é nomeado Arcebispo de Milão, sucedendo ao Card. Ildefonso Schuster.



Ingresso de Mons. Montini na Diocese de Milão.

1954 (12 de Dezembro) Consagrado Bispo, em São Pedro, pelo Cardeal Tisserant.

1955 (6 de Janeiro) Ingressa na Arquidiocese de Milão, na festa da Epifania.

1955 (1955-58) Nos anos transcorridos em Milão, o Arcebispo Montini teve como seus estreitos colaboradores **Mons. Giovanni Benelli** e **Mons. Pasquale Macchi**, e, como técnico de finanças, o “tubarão” **Michele Sindona**, notoriamente ligado à **Mafia**. Estes três personagens tinham uma coisa em comum: **a sua pertença à Maçonaria**.



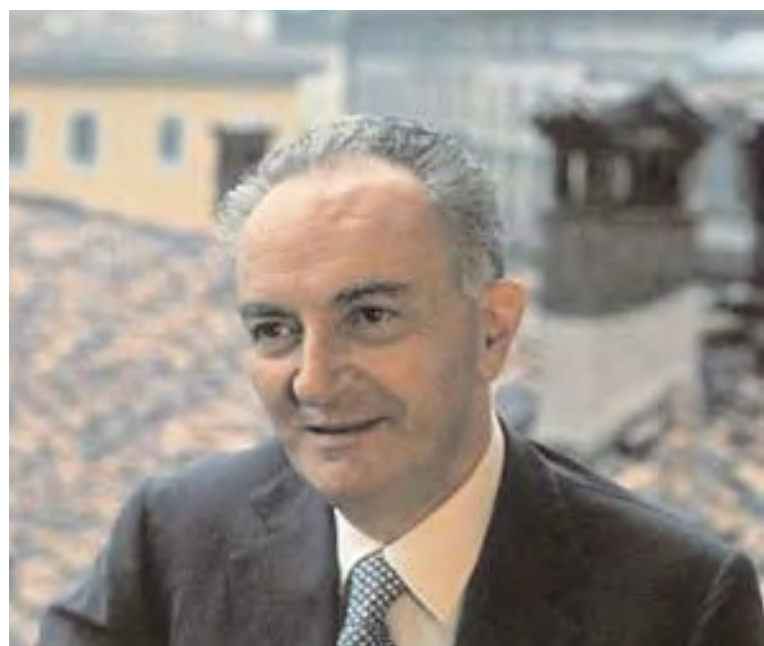
Mons. Giovanni Benelli, membro da Maçonaria, foi colaborador do Arcebispo Montini e torna-se depois representante de Paulo VI para a Cúria Romana.



Mons. Pasquale Macchi, membro da Maçonaria, foi colaborador do Arcebispo Montini e torna-se seu Secretário Particular quando Montini é eleito Papa Paulo VI.

1962 (19 de Julho – 20 de Agosto) Viagem a África: Rodésia, África do Sul, Nigéria, Gana.

1962 (10 de Outubro) O Card. Montini é hóspede pessoal de João XXIII no Palácio Vaticano.



Michele Sindona, iniciado na Maçonaria juntamente com Giulio Andreotti, teve relações com a Mafia. Paulo VI apresenta-o no Vaticano e fez com que lhe confiassem os investimentos estrangeiros do IOR.

1958 (9 de Outubro) Morre Pio XII.

1958 (28 Outubro) É eleito Papa o Card. Angelo Roncalli, com o nome de **João XXIII**.

1958 (15 de Dezembro) Mons. Montini é feito Cardeal pelo Papa João XXIII.

1959 (25 de Janeiro) João XXIII anuncia a intenção de reunir um Concílio Ecuménico.

1960 (3-16 de Junho) Viaja aos Estados Unidos, Brasil, Irlanda, e França. Em Notre-Dame recebe o doutoramento “honoris causa” juntamente com o Presidente Eisenhower. [Notre-Dame é uma famosa universidade jesuíta dos EUA – N.T.].



Vaticano, 30 de Junho de 1963. Cerimónia de coroação de Paulo VI na sagrada Basílica de São Pedro.

- 1964 (24 de Outubro)** Consagrando em Montecassino a igreja reconstruída da Abadia, Paulo VI proclama São Bento “Padroeiro da Europa”.
- 1964 (13 de Novembro)** Depõe definitivamente a **Tiara**, símbolo dos Três Poderes do Papa, na presença de 2.000 Bispos.
- 1964 (2-5 de Dezembro)** Peregrinação à Índia. Paulo VI preside ao Congresso Eucarístico Internacional que se realiza em Bombaim (Índia).
- 1965 (22 de Fevereiro)** Nomeia **27 novos Cardeais**.
- 1965 (9 de Abril)** Instituído o “**Secretariado para os não crentes**”.
- 1965 (29 de Abril)** Encíclica “**Mense maio**” para estimular o culto mariano.
- 1965 (10 de Junho)** Celebra Missa na **Catedral de Pisa**, participando no 17º Congresso Eucarístico Nacional italiano.
- 1965 (3 de Setembro)** Encíclica “**Mysterium fidei**” sobre a Eucaristia.
- 1965 (14 de Setembro)** Paulo VI abre a **Quarta Sessão do Concílio Vaticano II**, que se concluirá solenemente em 8 de Dezembro seguinte.
- 1965 (3-5 de Outubro)** Dirige-se a **Nova Iorque (EUA)** onde pronuncia um histórico discurso perante a Assembleia Geral da ONU.
- 1965 Abolição do Santo Ofício por Paulo VI.**



Paulo VI foi o primeiro Papa a utilizar o avião. Visitou todos os cinco continentes.

- 1962 (11 de Outubro)** João XXIII abre a Primeira Sessão do Concílio Vaticano II.
- 1963 (3 de Junho)** Morre João XXIII. A morte do Papa leva muitos a julgar oportuna a suspensão dos trabalhos do Concílio Vaticano II.
- 1963 (21 de Junho)** Mons. Giovanni Battista Montini é eleito Papa com o nome de **Paulo VI**.
- 1963 (30 de Junho)** Coroação de Paulo VI, sagrado na Basílica de São Pedro.
- 1963 (29 de Setembro)** Paulo VI abre a **Segunda Sessão do Concílio Vaticano II**, que será encerrada em 4 de Dezembro seguinte.
- 1964 Paulo VI** foi o primeiro Papa a viajar de avião: voou a terras distantíssimas; é o primeiro Papa a visitar todos os cinco continentes.
- 1964 (4-6 de Janeiro)** **Paulo VI** dirige-se em peregrinação à **Terra Santa** e, em 5 de Janeiro, em Jerusalém, encontra-se com o Patriarca de Constantinopla, **Atenágoras I**. Nesta peregrinação, **Paulo VI inicia o uso do Ephod**, colar do Sumo Sacerdote do Sinédrio, Caifás.
- 1964 (19 de Maio)** Instituído o “**Secretariado para os não cristãos**”.
- 1964 (6 de Agosto)** Primeira Encíclica “**Ecclesiam suam**”.
- 1964 (14 de Setembro)** Paulo VI abre a **Terceira Sessão do Concílio Vaticano II**, que se encerrará em 8 de Dezembro seguinte.



Vaticano. **Paulo VI** encontra o Arcebispo de Cantuária, **Michael Ramsey**.

- 1967 (15 de Agosto)** Publica a Constituição “**Regimini Ecclesiae universae**”, que aprova a reforma geral da Cúria Romana.
- 1967 (29 de Setembro - 28 de Outubro)** Convocação do **Primeiro Sínodo dos Bispos** para Roma.
- 1967 (26-28 de Outubro)** Visita a Roma do Patriarca de Constantinopla **Atenágoras I**, hóspede do Vaticano. Terceiro encontro, na Basílica de São Pedro.
- 1967 (4 de Novembro)** Submete-se a intervenção cirúrgica à próstata, no Vaticano.
- 1967 (8 de Dezembro)** Institui a “**Jornada da Paz**”, a celebrar no primeiro dia de cada ano.
- 1968 (28 de Março)** Abolição da “**côrte**” pontifícia.
- 1968 (30 de Junho)** Pronuncia a “**Profissão de Fé**”.
- 1968 (25 de Julho)** Publica a Encíclica “**Humanae vitae**” sobre a propagação da vida humana segundo a ordem natural cristã, que encontra críticas e resistências no interior e exterior da Igreja.
- 1968 (22-25 Agosto)** Viagem Apostólica a **Bogotá** (Colômbia), para o 39º Congresso Eucarístico internacional.

- 1966 (9 de Fevereiro)** Lança um apelo em favor das vítimas da penúria na Índia.
- 1966 (23 de Fevereiro)** Recebe a visita do Arcebispo de Cantuária e chefe da comunidade anglicana, **Michael Ramsey**.
- 1966 (11 de Junho)** Abolição do Index de livros proibidos.
- 1966 (6 de Agosto)** Estabelece a renúncia dos Bispos ao governo das dioceses, ao cumprirem 75 anos de idade.
- 1966 (15 de Setembro)** Encíclica “**Christi Matri Rosarii**”, com particular referência aos esforços pela paz no Vietname.
- 1966 (25 de Dezembro)** Viagem a Firenze para celebração da Missa da noite de Natal.
- 1967 (10 de Janeiro)** Institui o “**Consilium de laicis**” e a Comissão “**Justitia et pax**”.
- 1967 (26 de Março)** Publica a Encíclica “**Populorum progressio**” sobre o desenvolvimento dos povos.
- 1967 (13 de Maio)** No 50º aniversário das Aparições, dirige-se em peregrinação ao Santuário Mariano de **Nossa Senhora de Fátima** (Portugal).
- 1967 (24 de Junho)** Encíclica “**Sacerdotalis coelibatus**”.
- 1967 (26 de Junho)** Nomeia **27 novos Cardeais**.
- 1967 (25-26 de Julho)** Visita a Turquia (Istambul, Éfeso, Esmirna), e encontra-se, pela segunda vez, com o Patriarca de Constantinopla, **Atenágoras I**.



Paulo VI criou 140 novos Cardeais em cinco Consistórios.

- 1968 (24 de Dezembro)** Celebra a Missa da Vigília da Natividade em Taranto, entre os operários da Italsider.
- 1968 (28 de Abril)** Nomeia **33 novos Cardeais**.
- 1969 (10 de Junho)** Viagem a Genebra para o 50º aniversário da **Organização Internacional do Trabalho**. Visita a sede do **Conselho Ecuménico das Igrejas** e a **Sede da Organização Internacional do Trabalho**.

- 1969 (31 de Julho - 2 de Agosto)** Viagem ao **Uganda**.
- 1969 (Outubro)** Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos.
- 1969 (30 de Novembro)** Paulo VI impõe a nova liturgia da Missa: o “**Novus Ordo Missae**”.
- 1970 (24 de Abril)** Viagem à Sardenha e peregrinação ao Santuário Mariano de **Nossa Senhora de Bonaria de Cagliari**.
- 1970 (15 de Setembro)** Decide a dissolução dos Corpos armados pontifícios.



Paulo VI promulga o “Novus Ordo Missae”.

- 1970 (21 de Novembro)** Estabelece que os Cardeais, depois dos 80 anos de idade, não poderão mais participar no Conclave.
- 1970 (26 de Novembro - 5 de Dezembro)** Realiza a última e mais longa das suas viagens ao estrangeiro, com paragens no **Irão, Paquistão, Filipinas, Ilhas Samoa, Austrália, Indonésia, Hong Kong, Ceilão**. (Em 27, em Manila, Filipinas, o Pontífice foi alvo de um atentado por parte de um desequilibrado munido de punhal, do qual saiu indemne. **Paul Marcinkus**, encarregado de organizar a viagem, desviou o punhal com o qual o homem pretendia atingi-lo.)
- 1971 (14 de Maio)** Carta Apostólica “**Octogesima adveniens**”.

- 1971 (26 de Junho)** Inaugurada no Vaticano a Sala Pierluigi Nervi (agora “Sala Paulo VI”) para as audiências gerais.
- 1971 (30 de Setembro - 6 de Novembro)** **Segundo Sínodo dos Bispos**, em Roma.
- 1972 (28 de Junho)** Inaugura a Porta Brônzea da Oração, em São Pedro, obra do escultor Scorzelli.
- 1972 (16 de Setembro)** Participa, em Udine, no 18º Congresso Eucarístico Nacional, visitando ainda Veneza e Aquileia.
- 1972 (24 de Dezembro)** Celebra a Missa natalícia entre os operários que trabalham numa galeria ferroviária no Monte Soratte.



Paulo VI no bairro “Tondo” de Manila, onde milhares de pessoas vivem na miséria.

- 1973 (2 de Fevereiro)** Nomeia **33 novos Cardeais**.
- 1974 (23 de Maio)** Promulga o Ano Santo, publicando em São Pedro a Bula “**Apostolorum limina**”.
- 1974 (27 de Setembro - 28 de Outubro)** **Terceiro Sínodo dos Bispos**, em Roma.

- 1974 (25 de Dezembro)** Abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro, inaugurando o Jubileu de 1975.
- 1975** Em grande número de audiências, fala a milhões de peregrinos juntos em Roma para o Jubileu.
- 1975 (8 de Dezembro)** Encíclica “**Evangelii nuntiandi**” para o desenvolvimento da actividade missionária.
- 1975 (25 de Dezembro)** Clausura da Porta Santa.
- 1976 (Março)** Participa no Vaticano nos exercícios espirituais prègados pelo **Card. Karol Wojtyla**, Arcebispo de Cracóvia.
- 1976 (24 de Maio)** Nomeia **20 novos Cardeais**.
- 1976 (8 de Agosto)** Viagem a Bolsena, donde envia por rádio uma mensagem ao 41º Congresso Eucarístico Internacional, reunido em Filadélfia.
- 1977 (26 de Setembro)** Inaugurada a **Porta do Bem e do Mal** na Basílica de São Pedro, do escultor Luciano Minguzzi, para o 80º aniversário de Paulo VI.
- 1977 (30 de Setembro - 29 de Outubro)** **Quarto Sínodo dos Bispos**, em Roma.
- 1978 (Março)** Suspende a audiência por doença.
- 1978** Os últimos meses de vida de Paulo VI são perturbados pelo rapto (16 de Março de 1978) e posterior assassinato de **Aldo Moro**.
- 1978 (21 de Abril)** Escreve uma carta autógrafa aos “**homens das Brigadas Vermelhas**” para pedir a libertação do amigo Moro.
- 1978 (13 de Maio)** Em São João de Laterão, intervém na Missa fúnebre por **Aldo Moro**.
- 1978 (29 de Junho)** Celebra-se o décimo quinto aniversário da sua eleição ao Pontificado.



A nova “**Porta de Bronze**” da Basílica de São Pedro, para o 80º aniversário de Paulo VI.

- 1978 (3 Agosto)** Recebe em Castelgandolfo a visita do novo Presidente da República Italiana, Sandro Pertini.
- 1978 (5 de Agosto)** Agravando-se as suas condições, suspende toda a actividade.
- 1978 (6 de Agosto)** Morre na residência estival de Castelgandolfo.



Catafalco com o corpo de Paulo VI exposto na Sala dos Suíços, no Palácio Apostólico de Castelgandolfo.

PAPA PAULO VI: OS PRIMEIROS ANOS

Montini nasce em 26 de Setembro de 1879 na casa de campo da família, na aldeia de Concesio, a poucos quilómetros da cidade de Brescia.

Quando do nascimento, a matriarca da família, **Francesca Bufali Montini**, sua avó paterna, decide que a mãe da criança, **Giuditta**, era muito débil para aleitar¹ e, assim, foi a criança enviada para a **ama Clorinda Peretti**, de Nave, durante os primeiros catorze meses da sua vida.

O jovem Battista passou uma vida vegetativa de grande conforto, como filho “frágil” e “choroso” de entre dois irmãos de boa saúde: **Ludovico**, o maior, e **Francesco**, o mais jovem.



Os pais de Montini na Vila de Verolavechia da família materna Alghisi.

Giorgio Montini, o pai de Battista, era um jornalista de sucesso e, em 1885, com apenas 25 anos e ainda não diplomado, foi chamado a dirigir o diário católico “**Il Cittadino**”, de Brescia.

Ambos, **Giorgio** e **Giuditta**, compartilhavam a paixão pela **política de esquerda**; uma paixão que passou, depois, aos seus filhos. A **casa Montini**, na Via delle Grazie 15, Brescia, naqueles anos, foi de facto um centro de escolha e ponto de referência das personalidades mais notáveis do ressurgimento Católico esquerdista na Itália, como **Giuseppe Tovini**, **Luigi Bazoli**, **Giovanni Maria Longinotti**, **Giuseppe Manziana**, **Filippo Meda**, **don Luigi Sturzo**, **Filippo Cispolti**, o **barnabita Padre Giovanni Semeria**, **Alcide De Gasperi**.

Em 1892, **Leão XII** tinha lançado no mundo operário a sua célebre Encíclica “**Rerum Novarum**”, que suscitou grande interesse no mundo Católico. Brescia foi uma dessas cidades italianas, se não a primeira, a fermentar e um dos elementos impulsionadores foi o próprio **Giorgio Montini**.

Em 1914, os Católicos brescianos venceram a eleição administrativa, fazendo cair a junta, em actividade desde os tempos da ocupação de Roma, e apoiada pelo **Primeiro-ministro Giuseppe Zanardelli**, e **Giorgio Montini** foi eleito Conselheiro. Entrou, assim, em pleno na política e, quando o Padre siciliano **Dom Luigi Sturzo** constituiu o **Partido Popular Italiano**, foi eleito **deputado ao Parlamento**.

Aos 6 anos, **Battista** foi inscrito no **Colégio jesuíta “Cesare Arici”** de Brescia. Ali permaneceu até aos 14 anos, quando foi retirado pelos seus pais, por razões de saúde.² Como com **Eugénio Pacelli**, a educação secundária de **Battista Montini** foi feita em privado, com professores seleccionados pelos seus pais, os **Padres do Oratório** da vizinha **Igreja de Santa Maria della Pace**. Os **Oratorianos** representavam o clero da “**vanguarda**” naquele tempo. Eram muito mais **afinados com a política anti-fascista de Giorgio Montini** e sua mulher do que os **Padres tradicionalistas de Arici**. Os **Oratorianos** permaneceram **uma das mais importantes influências de Battista** durante toda a sua vida. Mesmo quando **Battista Montini** entrou ao serviço da Santa Sé, manteve o seu confessor Oratoriano.

Depois da Ordenação, em 29 de Maio de 1920, o Bispo de Brescia, **Mons. Giacinto Gaggia**, em Novembro seguinte, enviou **Dom Montini** para Roma para aperfeiçoar os estudos teológicos.

Em 18 de Novembro de 1921, **Dom Montini** entrou na **Academia dos Nobres Eclesiásticos para estudar diplomacia**. O seu ingresso na Academia foi facilitado pelo antigo aliado do **Card. Mariano Rampolla**, **Card. Pietro Gasparri**, **Secretário de Estado** e por **Mons. Giuseppe Pizzardo**, seu Substituto. Dom Montini iniciou os cursos da Academia, onde travou amizade para toda a vida com o colega siciliano **Mariano Rampolla del Tindaro**, sobrinho-neto do **Card. Mariano Rampolla**, último Secretário de Estado de Leão XIII.

¹ Mas a Igreja, durante séculos, sempre manifestou a sua veemente desaprovção do uso de amas pelas mães que possam aleitar os seus recém-nascidos, mas a censura era largamente ignorada pelas classes

altas da sociedade.

² Cf. Hebblethwaite, **Paulus VI**, p. 29.



Dom Montini pouco tempo antes de partir para a Polónia.



Pavia, 1926. Mons. Montini com universitários, por ocasião do Congresso da FUCI.

Falecido o **Papa Bento XV**, em 16 de Março de 1922, foi eleito, com o nome de Pio XI, o **Card. Achille Ratti**, amigo de **Giorgio Montini** e de **Giovanni Maria Longinotti**. Foi este último, expoente do movimento Católico, grande amigo dos Montini e com entrada na esfera do Vaticano quem afirmou peremptoriamente: «**Para Battista Montini um posto no Vaticano, ainda que seja o último!**».³

Dom Montini iniciou a sua carreira diplomática ao serviço da Santa Sé. Usei a palavra “carreira” em contraposição à de “vocação”, propositadamente.

Battista não era particularmente religioso – a política e o piano eram os seus pontos fortes. À parte a celebração da Missa e o cumprimento de vários ritos sacramentais, o jovem Padre mostrava ter pouca vida espiritual. O jovem Padre Montini, por outro lado, mostrava aversão às devoções marianas, particularmente ao Rosário. Disse que preferia uma aproximação mais centrada em Cristo do que Mariológica.⁴

Excelente Padre político, mas com escassa atitude quanto ao estudo. Montini voou através dos seus cursos diplo-

máticos, mas conseguiu a duras penas o doutoramento em Direito Canónico, na Gregoriana.

Em Maio de 1923, o **Papa Pio XI** enviou o jovem diplomata para Varsóvia, como “adido” à Nunciatura Papal; mas a saúde delicada de Mons. Montini não era de molde a suportar os Invernos polacos e, assim, após quatro meses apenas, regressou a Roma, onde foi colocado na Secretaria de Estado, dirigida pelo **Card. Pietro Gasparri**.

A VIDA NA CÚRIA ROMANA

O superior imediato de **Dom Montini** no Secretariado era ninguém mais do que **Mons. Francesco Borgongini-Duca**, logo depois feito Arcebispo. **Mons. Borgongini-Duca** foi o Primeiro Núncio Papal na Itália depois da assinatura do **Pacto Lateranense de 1929**. Recordar-se que **Borgongini-Duca** era o protector do **P. Francis Spellman** e um aliado de **Angelo Roncalli**. Toma o jovem Montini sob suas asas e torna-se, nesse tempo, seu protector clerical.

A juntar ao seu trabalho na Cúria, em 1925 o **Papa Pio XI** nomeou **Dom Montini** “Assistente Eclesiástico da Federação dos Estudantes Universitários Italianos” (FUCI), posição na qual o jovem Padre podia desafogar os seus maus humores anti-fascistas. Foi por intermédio da FUCI que **Montini** desenvolveu uma amizade pessoal e duradoura com **Aldo Moro**, um dos fundadores da política anómala posterior à guerra, conhecida pelo nome de **Par-**

³ Cf. Carlo Crermona, “Piccola biografia di Paolo VI”, Grafica 7, Bagnolo Mella (BS) 1977, p. 31.

⁴ Cf. Hebblethwaite, **Paulus VI**, p. 271



Giulio Andreotti na época do rapto de Aldo Moro.

tido da Democracia Cristã (PDC), à qual Montini e a sua família eram religiosamente dedicados.

Montini, ademais, estabelece amizade com o líder da Democracia Cristã, Giulio Andreotti, que foi, seguidamente, sete vezes Presidente do Conselho. Na sua longa carreira política, Andreotti estipulou uma aliança com o Partido Comunista, com a Maçonaria e com a MAFIA siciliana.⁵

É facto notório que a MAFIA não teria podido tornar-se o colosso que era sem o conluio com certos líderes Cristãos Democratas e sem o apoio da Maçonaria.⁶ Dormir com um, era como dormir com os três; uma verdade que Mons. Montini começa a apreciar quando se torna Papa Paulo VI.

Em 1933, todavia, um Padre jesuíta, responsável das Congregações Marianas, “reconheceu no apostolado de Mons. Montini na FUCI uma perturbante saída dos li-

mites do âmbito dos próprios associados. Lamentou-se ao Card. Francesco Selvaggiani, Vigário do Papa para a Diocese de Roma. Assim nasce uma denúncia contra Montini. Desencadeou uma bisbilhotice curial e uma polémica, como se Montini fosse um ambicioso, um imprudente centralizador”. Montini foi constrangido a pedir a demissão, efectiva em 12 de Março de 1933.⁷

Em 1934, Montini tira férias do seu trabalho na Secretaria de Estado para viajar à Inglaterra e Escócia na companhia do siciliano Mons. Mariano Rampolla del Tindaro, sobrinho-bisneto do Card. Mariano Rampolla.⁸

Durante a guerra da Abissínia de 1935, Dom Montini exprime o seu apoio à “Liga das Nações”, posição esta contrária à política vaticana. O Papa Pio XI estava convencido que a nova organização internacional tinha usurpado o papel da Santa Sé como mediadora das disputas internacionais (coisa que, de facto, aconteceu) e que a “Liga das Nações” fosse um fojo de Mações e Comunistas, como era efectivamente.⁹

Em 16 de Dezembro de 1937, o Card. Pacelli, naquele tempo Secretário de Estado, promove Montini a Substituto dos Negócios Ordinários e, em 1938, Pacelli convidou-o a acompanhá-lo a Bucareste para o Congresso Eucarístico Internacional.

Depois que Pacelli se torna Papa Pio XII, em 12 de Março de 1939, Montini continuou a trabalhar na Secretaria sob as ordens do Card. Luigi Maglione, novo Secretário de Estado. De qualquer modo, a sua posição cresce em importância com a eleição a Papa de Pacelli, o qual se dizia ser como um segundo pai para Montini.

Durante os 30 anos em que trabalhou na Santa Sé, Mons. Montini não foi nunca apreciado pelos funcionários da Cúria ou pelo seu pessoal. O filo-fascista Card. Nicola Canali, chefe da Administração Vaticana, não escondia a sua profunda aversão pelo jovem diplomata. Mesmo Mons. Ottaviani (posteriormente Cardeal), com tendências apolíticas, nutria antipatia pelo jovem Montini.

Alguns membros da hierarquia italiana deploravam os fanáticos sentimentos anti-fascistas e filo-comunistas de Dom Montini, que o jovem diplomata não cuidava sequer de esconder. Alguns Bispos estavam preocupados que tal fosse entendido como total falta de patriotismo pela sua pátria nativa; na verdade, Montini não mostrou nunca qualquer escrupulo em trair a sua Pátria e o seu povo em favor dos ingleses, dos soviéticos e dos americanos, durante a II Guerra Mundial.¹⁰

⁵ Cf. James Glampe, “Giulio Andreotti” su: <http://www.uwgb.edu/galta/333/androt.htm>

⁶ Cf. Sterling, “OCTOPUS, 220”. Como indicado por Sterling, os Aliados não conspiraram deliberadamente para entregar a Sicília nas mãos da MAFIA, mas, simplesmente, acabou deste modo. Provavelmente, não se tratou de um grande acordo entre os Aliados e a MAFIA, mas antes acordos com representantes de nível intermédio ou de nível inferior – afirma Sterling.

⁷ Cf. Carlo Cremona, “Piccola biografia di Paolo VI”, Grafica 7, Bagnolo Mella (BS) 1977, pp. 45-46.

⁸ Cf. Hebblethwaite, Paulus VI, p. 126.

⁹ Cf. Hebblethwaite, Paulus VI, p. 124.

¹⁰ Cf. Howen Chadwick, “Britain and The Vatican During the Second World War”, London: Cambridge University Press, 1986, p. 265. Segundo o historiador britânico Chadwick, não há dúvida que Montini foi instrumental em conseguir para Londres uma cópia

O fascista (Ministro da Justiça) **Roberto Farinacci** afirmava que era do domínio público o facto de **Montini ser amigo dos inimigos da Itália**.¹¹ E tinha razões válidas para o afirmar.

OS ANOS DA GUERRA

Durante a II Guerra Mundial, **Pio XII deu a Montini** a tarefa de ajudar a preparar a Itália para uma ordenada transição política, que incluía a reestruturação do novo governo italiano, baseada no modelo do **Partido Democrata Cristão**.

Montini foi encarregado de dirigir uma rede subterrânea para facilitar a fuga de refugiados políticos, incluindo judeus, para fora do país. No fim da guerra, **estas “redes subterrâneas” vaticanas** foram utilizadas com outros fins, como a **“Operação Paperclip”**, que transfere cientistas de topo, alemães e austríacos, para os Estados Unidos, de modo a não caírem nas mãos dos soviéticos. **Montini**, por seu lado, coordenava os esforços vaticanos na assistência aos prisioneiros de guerra e suas famílias, por intermédio da **Cruz Vermelha**.

Durante toda a guerra, **Dom Battista Montini**, Padre-diplomata de dia e **intrigante de noite, trabalhou em estreita relação com o pessoal aliado dos serviços de informações militares do Office of Strategic Services (OSS, precursor da CIA) e também com o pessoal britânico e soviético das Informações**,¹² contra os fascistas, os japoneses e os nazistas. **Montini** foi o responsável pela difusão de informações, obtidas pelos jesuítas no Japão, que serviram aos Aliados **para classificar os objectivos estratégicos a bombardear**.¹³

O **Office of Strategic Services (OSS)**, em troca, empenhava-se em encher a tesouraria vaticana com dólares, como até a caixa da **Mafia siciliana** e da **Maçonaria** (que **Mussolini** tinha colocado na clandestinidade), para acelerar a invasão aliada da Sicília. Um amigo importante de **Montini**, no período bélico, foi o solteirão **Sir Francis Godllopin D’Arcy Osborne, Embaixador Britânico no Vaticano**, que tinha assumido esse cargo em 1936. Quando a Itália entrou na guerra, aliada à Alemanha, Osborne e o seu pessoal de secretaria e doméstico procuraram refúgio no Vaticano.¹⁴ **Osborne e Montini tornaram-se amigos íntimos**.

Osborne caracterizou **Mons. Montini** como excelente diplomata, ainda que não do mesmo calibre que o seu colaborador na Secretaria, **Mons. Domenico Tardini**. Disse que **Montini** era um maníaco do trabalho, sempre sob controle, e ainda um gentil-homem. Pessoalmente, achou **Montini** gentil, persuasivo, mas indeciso.¹⁵ Depois da guerra, **Osborne** passou os seus últimos dias em Roma, onde



Durante a II Guerra Mundial, **Mons. Montini** era o agente do OSS (Gabinete de Serviços Estratégicos) no Vaticano.

apadrinhou um **Círculo Juvenil**, dirigido por **Padres Salesianos**.¹⁶ Protestante desde sempre, **ocasionalmente ocupado com o ocultismo**, **Osborne** morreu fora da Igreja, a despeito dos presumíveis esforços de **Montini** para o converter ao Catolicismo.

NEGOCIAÇÕES SECRETAS COM OS COMUNISTAS

Aos Aliados, que aconselhavam a Estaline uma política mais condescendente com o Vaticano, o ditador responde: **«De quantas divisões dispõe o Papa?»**.

Mas, no Vaticano, houve quem tentasse secretamente instaurar relações com a União Soviética, mau grado a posição oficial anti-comunista dos **Papas Pio XI e Pio XII**. **Mariano Rampolla del Tindaro**, companheiro de estudos de **Montini** na Academia dos Nobres Eclesiásticos e seu amigo íntimo e estimado, **foi organizador e protagonista de um encontro reservadíssimo com homens de fé comunista**, para tratar de eventuais relações diplomáticas entre o Vaticano e a União Soviética. **O encontro efectua-se em Agosto de 1938** com os expoentes do Partido Comunista Italiano, **Donini e Sereni**, na Cartuxa suíça de Valsainte, entre montes, longe dos confins italianos. **Mons. Rampolla** procura saber dos interlocutores se o Partido estava disposto a sondar o terreno em Moscovo,

dos detalhes do Armistício Italiano. Veja-se também: Anthony Rhodes, “The Vatican in the Age of Dictators”.

¹¹ Ibid, p. 82.

¹² Cf. Linda Hunt, “Secret Agenda: The United States Government, Nazi Scientists and Project Paperclip”, 1944-1990. New York: St.

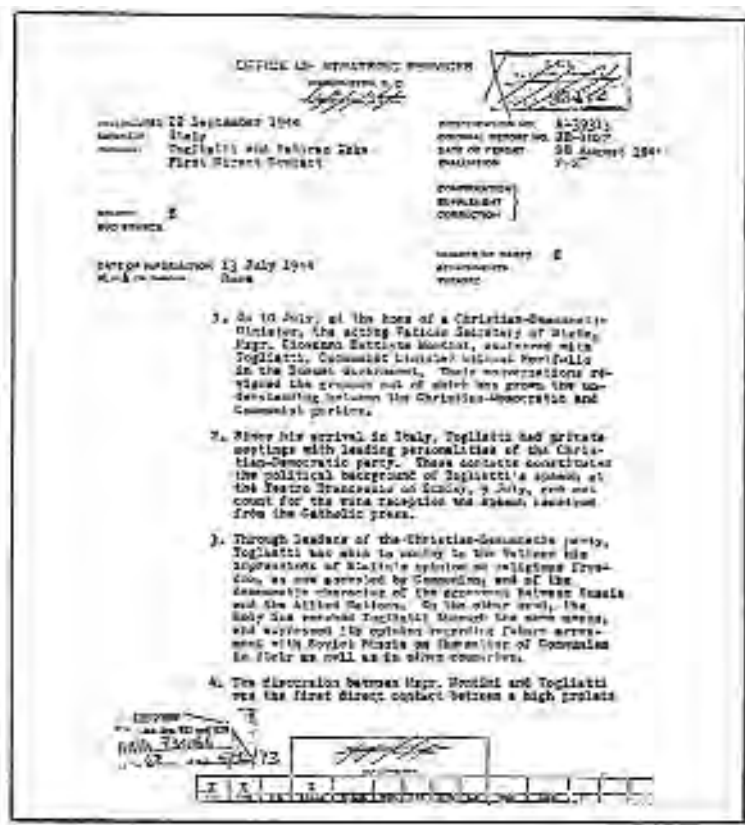
Martin’s Press, 1991.

¹³ Cf. Martinez, **op. cit.**, p. 82.

¹⁴ Cf. Owen Chadwick, **op. cit.**, pp. 22-23.

¹⁵ Cf. Owen Chadwick, **op. cit.**, pp. 23-24.

¹⁶ Cf. Owen Chadwick, **op. cit.**, pp. 232-233.



A primeira página do documento americano, citado no artigo, relativo ao encontro Montini-Togliatti, em 10 de Julho de 1944.



Palmiro Togliatti, chefe do Partido Comunista Italiano, teve um encontro com Mons. Montini, em 10 de Julho de 1944.

com vista a eventuais contactos entre a Santa Sé e o Governo Soviético, para normalização das relações diplomáticas. O relatório de **Donini**, enviado aos dirigentes do Partido Comunista, não foi tido em consideração e não chegou ao responsável **Palmiro Togliatti**; talvez – julga Donini – porque a proposta foi considerada suspeita.¹⁷ **No Verão de 1944**, quando a guerra estava a acabar, **Mons. Montini** entrou em negociações de alto nível com os **Comunistas italianos**, para delinear o papel que o Partido Comunista poderia ter após o período bélico. O seu objectivo era formar **uma aliança entre o Partido Democrático Cristão, os Socialistas e os Comunistas**.¹⁸ Como relatado por **Martinez**, em 10 de Julho de 1944 houve um encontro entre **Mons. Montini**, que agia com **desconhecimento de Pio XII**, e **Palmiro Togliatti**, chefe indiscutível do Partido Comunista Italiano, que havia pouco tempo regressara a Roma, depois de 18 anos de exílio na União Soviética.¹⁹ **Este foi o primeiro contacto entre o Vaticano e um líder do Comunismo**. Foi esboçado um plano como base de um acordo entre o **Partido Democrático Cristão, os Socialista e os Comunistas**, que teria conferido aos três partidos o controle total em qualquer governo italiano pós bélico. Por outro lado, o plano definia as condições para **futura colaboração entre a Igreja Católica e**

a União Soviética.²⁰

Outra tentativa para instaurar relações entre a Santa Sé e o Governo Soviético acontece em **1945, nas vésperas da Conferência de Ialta**, por iniciativa própria de **Mons. Montini: um encontro de Montini com o comunista Eugénio Reale**, então Subsecretário de Estado no Ministério dos Estrangeiros. O mesmo Reale refere o assunto do colóquio: possibilidade de um encontro de Sua Santidade com o chefe do Partido Comunista (Togliatti). «Ficou entendido – conclui o relatório de Reale – que se Togliatti aceitasse a ideia de uma visita ao Papa, **eu voltaria a Mons. Montini para fixar a data e a modalidade**». Parece que este contacto não teve desenvolvimentos.²¹

Enquanto **Mons. Montini** desafogava o seu anti-fascismo em contactos secretos com representantes comunistas de alto nível, a sua família manifestava a mesma paixão política de esquerda de modo ainda mais inquietante. Num artigo escrito pelo **Advogado Salvatore Macca, ex Presidente do Tribunal de Brescia**, com o título “**Os Montini ajudaram o terrorista comunista Speziale a matar gente com a bomba**” (publicado em duas partes na revista “**Chiesa Viva**”),²² lê-se a seguinte informação sobre Montini:

¹⁷ Carlo Cremona, “**Piccola biografia di Paolo VI**”, Grafica 7, Bagnolo Mella (BS) 1977, pp. 54-55.

¹⁸ Cf. Martinez, **op. cit.**, pp. 81-82.

¹⁹ Cf. Martinez, **op. cit.**, pp. 81-82.

²⁰ Cf. Martinez, **op. cit.**, pp. 81-82. Ver Documento JR 1022 emitido

pelo OSS, Washington, D.C. Office. Ver Piers Compton, “**The Broken Cross**”, pp. 51-52.

²¹ Cf. Carlo Cremona, “**Piccola biografia di Paolo VI**”, Grafica 7, Bagnolo Mella (BS) 1977, p. 55.

²² Cf. “**Chiesa viva**” n. 410, pp. 18-19 e n. 411, pp. 18-19.

«Tive nas mãos um livro, “**Memorie di uno zolfataro**”, de **Leonardo Speziale**, de Serradifalco (1903-1979), por ele datado e registado e transcrito por outros. É uma biografia, cujas passagens salientes são as relativas à sua **actividade de partidário comunista na província de Bréscia**, depois de 8 de Setembro de 1943, quando estava fugido da França ocupada pelas tropas alemãs.

«Na Sicília viveu até à idade de 27 anos. Acantonou-se em França como fugitivo, dado que a vida no seu país se tornara difícil pelo frequente envolvimento em encontros de rua e sindicais. Era de carácter agressivo, como demonstram os precedentes penais, de que resultaram condenações ou processos **por delitos de sangue, com lesões voluntárias, e até por um homicídio voluntário (...)**. Trabalhando em minas de enxofre, Speziale tinha desenvolvido um abundante ódio de classe. Em França, **com a idade de 30 anos, inscreveu-se no Partido Comunista**. Depois do advento do fascismo, um pouco por ignorância e um pouco por ódio e fanatismo contra o mesmo, acabou por confundí-lo com a máfia, identificando-o nesta, mas fingindo esquecer, ou, talvez, completamente ignorando, que apenas o Fascismo conseguira debelar o fenómeno mafioso. (...)

«Speziale, depois de 8 de Setembro, aproveitando a confusão daqueles momentos em França, onde estava preso como anti-fascista comunista, **consegue evadir-se e chegar a Itália**. Em Bréscia encontrou o terreno adaptado à sua vocação, **graças à solidariedade de certo anti-fascismo local**. Encontrou-se, assim, com outros comunistas de origem bresciana que estiveram foragidos em França, como **Italo Nicoletto e Luigi Guitti** (aliás, Tito), **dois guerrilheiros ferozes e sanguinários, que espalharam vítimas pelo seu caminho**, com os quais se tornou responsável por emboscadas e assassinatos de militares alemães e da R.S.I. e mesmo de simples civis, adeptos do partido fascista ou simpatizantes dele. Com conhecimento de explosivos adquirido nas minas de enxofre, **pensou iniciar uma verdadeira e própria actividade terrorista por meio de engenhos por si construídos**.

«O seu primeiro “**heróico empreendimento**” consistiu na colocação, em **31 de Outubro de 1943**, de um engenho na via Spalti San Marco, em Bréscia, que **causou a morte do Director do Centro de Detenção Judiciário, Dr. Ciro Miraglia**, calabrês, pai de quatro ou cinco filhos, que, de bicicleta, estava de regresso a casa, acompanhado por um soldado de dezanove anos, **Andrea Lanfredi**, de Ghedi, também de bicicleta. **Ambos foram despedaçados pela explosão**. O que segue é a fiel transcrição das memórias de Speziale, o qual regressava a Stochetta para comer tranquilamente **a ceia preparada pelos Montini, que o hospedavam**.

«Escreve: “**Naquela tarde explodi um engenho de grande potência, confeccionado com muito cuidado, junto do quartel da tropa anti-aérea, na via Spalti San Marco. A notícia do atentado deu brado...**».

O Bispo **Mons. Giacinto Tredici**, certo de interpretar os próprios sentimentos das pessoas, estigmatizou sem tardança a criminosa iniciativa do ódio e do desejo de vingança do comunismo. (...)



Giudice e Salvatore Maca.

Presidente Emérito do Tribunal de Apelação de Bréscia, Presidente Adjunto do Tribunal de Cassação, Cavaleiro da Grã Cruz.

Speziale teve a singular impudência, na lógica típica do comunismo, para o qual o fim justifica os meios, de definir a nota do Bispo como **uma “campanha difamatória da Cúria”**, acrescentando não estar interessado em tal campanha. Em vez disso, interessava-lhe a **solidariedade da base católica (...)** e **cria tê-la descoberto e completamente demonstrada no seio da família Montini de Stochetta**, segundo ele aparentada com o futuro Papa Paulo VI.

«Eis o que afirma Speziale: **«A própria hospitalidade oferecida pelos Montini, todos católicos, me parece muito significativa. Não sei quais os laços existentes entre eles e a família de Paulo VI, mas estou certo que entre eles existem relações de parentesco. Mamã e papá Montini sabiam que eu era um dos que colocaram a bomba no quartel dos nazifascistas – eu mesmo confeccionei várias na casa deles – todavia, não obstante a “bula” do Bispo, permaneceram comigo, continuando a oferecer-me hospitalidade, mas sobretudo solidariedade e afecto. Católicos eram também os membros da família em cuja oficina, como já recordei, se confeccionavam os engenhos que usávamos nos atentados. Faziam-no porque convencidos da sua escolha, sabedores do risco que corríamos. Outros, que exaltados!» (...)** Diz ainda Speziale, que em V altrompia tinha conseguido formar um primeiro grupo de partidários, **«numericamen-**



Na morte do **Card. Maglione**, em 1944, **Pio XII** não escolhe um novo Secretário de Estado, mas nomeia **Mons. Montini** e **Mons. Domenico Tardini** Pro-secretários de Estado.



O Pro-secretário de Estado, **Mons. Montini**, e **Mons. Tardini**, dirigiram a Secretaria de Estado até 1 de Novembro de 1954, quando Montini é demitido por **Pio XII**, por tê-lo traído a favor dos serviços secretos soviéticos.

te forte mas escassamente equipado... que foi fornecido do necessário graças à colaboração preciosa dos irmãos Giacomino e Franco Montini de Stochetta».

«E portanto, não obstante o apelo do Bispo de Brescia, **Mons. Giacinto Tredici**, num certo sentido muito ingénuo, que tinha condenado sem meios-termos o vil atentado que causara a morte de pessoas inocentes, **a família Montini**, da qual parece ter sido “extraído” o **Papa Paulo VI**, **deu hospitalidade e assistência, com pleno conhecimento da sua real identidade, a um terrorista comunista que, com criminosos companheiros semelhantes a si, confeccionava engenhos para matar impunemente pessoas inocentes da maneira mais velhaca e odiosa!».**

Na ignorância dos contactos secretos entre **Mons. Montini** e o chefe do Comunismo italiano, **Pio XII** tentou recompensar **Mons. Montini** e **Mons. Tardini** com o **Cardinalato**, pelos seus anos de serviço devotado à Santa Sé, num Consistório secreto de 1952; **mas ambos, respeitosa-mente, declinaram a honra.**²³ Isto significou que **Montini** não era membro do Colégio de Cardeais e, assim, não se podia considerar candidato ao Papado em 1958, no Conclave que elegeu **Roncalli a Papa João XXIII**. **Mas a estima de Pio XII por Mons. Montini desmoro-**

nou-se de um só golpe, quando o Pontífice viu as provas irrefutáveis da sua traição confrontando a sua política anti-comunista.

Hoje, esta traição faz parte da História!

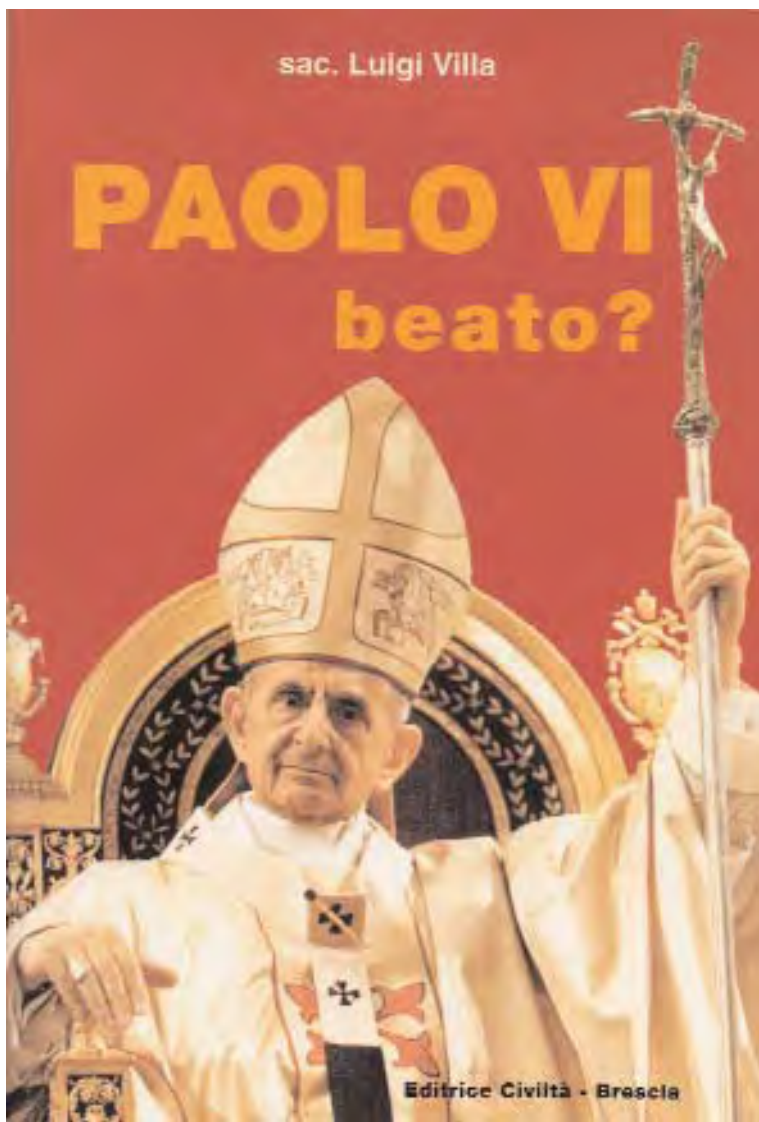
Estava-se em 1954, quando **Pio XII** estava já atingido pela doença e debilitado pela velhice. O **Coronel Arnauld**, Director-geral do **Deuxième Bureau** (Serviço de Informações de França), após se ter demitido do **Deuxième Bureau**, dirigiu-se a Roma convocado por **Pio XII**, que lhe ofereceu o encargo de seu agente pessoal. O Coronel aceitou, prestou juramento ao Pontífice e iniciou a sua nova missão.

No decorrer de uma viagem ao Leste conheceu o **Bispo luterano de Upsala, Mons. Brilioth, Primaz da Suécia**, que tinha muita estima por **Pio XII**. No decurso de um destes encontros (Verão de 1954) o Arcebispo de Upsala, de improviso, disse ao Coronel: **«As autoridades suecas sabem muito bem que o Vaticano tem relações com os soviéticos»!**

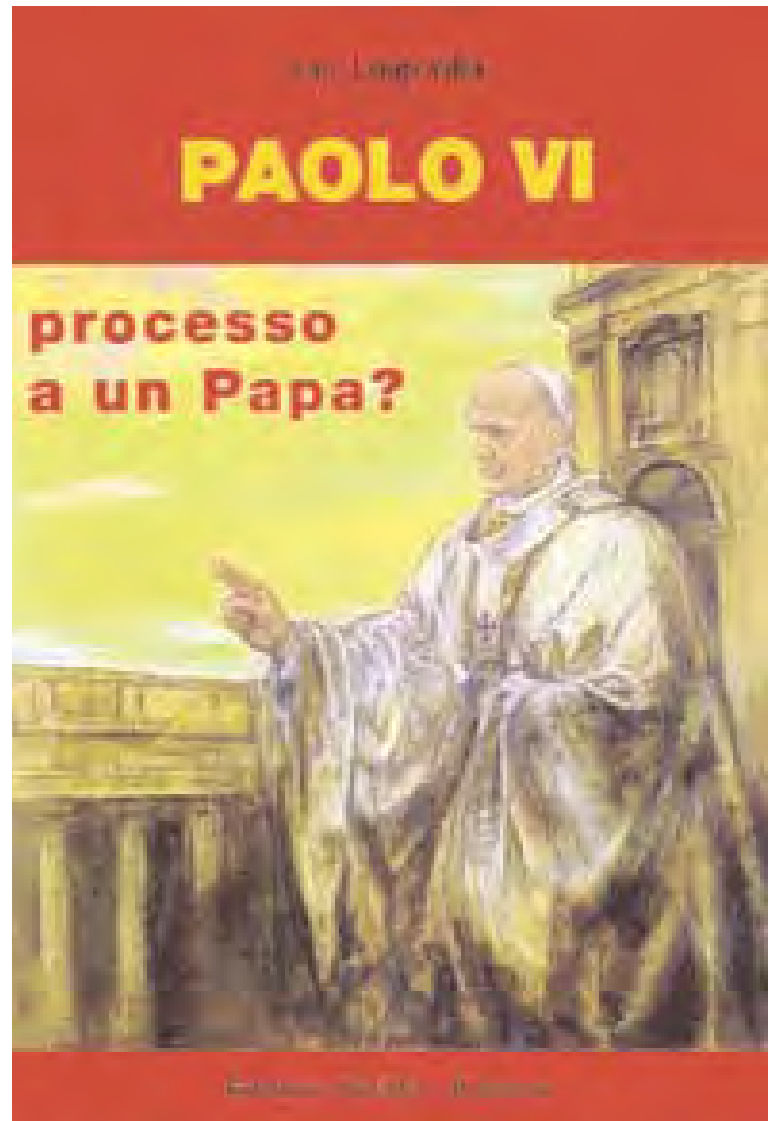
Regressado da sua missão, o Coronel avistou-se com **Pio XII**, o qual, espantado com tudo isso, pede ao Coronel que afirme a **Mons. Brilioth** que **o Vaticano não tinha qualquer relação com os soviéticos**.

Mas, no seu regresso à Suécia, o **Coronel Arnauld** recebe em mão própria, do Arcebispo de Upsala, um sobrescrito sigiloso, endereçado a **Pio XII**, com o pedido de entregá-lo em mão, sem o dar a conhecer a ninguém mais no Vaticano. Só lhe disse: **«Este sobrescrito contém a “PROVA” das relações que a Vaticano mantém com os soviéticos».**

²³ O último Consistório do Pontificado de **Pio XII** teve lugar em 12 de Janeiro de 1953.



Capa do livro “Paulo VI beato?”, publicado em Fevereiro de 1998. Este livro encerrou a causa de beatificação de Paulo VI.



O livro “Paulo VI processo a un Papa?”, publicado em Dezembro de 1999, era a continuação do anterior, “Paulo V beato?”.

Chegado a Roma, o Coronel entregou o sobrescrito a **Pio XII**, que lê na sua presença, muito pálido. Era breve: **o último texto oficial**, assinado pelo pró-Secretário de Estado **Mons. Montini** e datado de **23 de Setembro de 1954**.²⁴ **Em 1 de Novembro de 1954, Pio XII afasta Mons. Montini da Secretaria de Estado.**

Por outras informações sabe-se que, naquele trágico Outono de 1954, **Pio XII tinha ainda descoberto** que o seu pró-Secretário de Estado, **Mons. Montini**, **“lhe havia escondido todos os despachos relativos ao cisma dos Bispos chineses,**²⁵ cujo caso se agravava.

Em 1 de Novembro de 1954, **Pio XII nomeou Montini Arcebispo de Milão**. A sagração teve lugar em Roma, em 12 de Dezembro de 1954, pelo **Card. Eugène Tisserant**. Mas, porquê entregar a maior diocese do mundo a um **traidor ao Papa?**

A verdadeira razão, conheci-a num **“encontro” pessoal com o General G. Leconte, dos “Serviços Secretos”**

franceses. O General falou-me, primeiro, de muita coisa respeitante à infiltração maçónica na Igreja de hoje; depois, improvisadamente, fez esta pergunta: **«Você acredita que também Paulo VI seja mação?»**. E sem esperar a minha resposta, passou-me um livro de **Carlo Falconi**, **“Vue et entendu au Concile”**, editado antes que Montini fosse Papa; e mostrou-me uma **“passagem”** do livro, a páginas 69, na qual se lê que **uma pessoa influente, grau “33” da Maçonaria, assegurava que também Montini “estaria inscrito numa Loja maçónica”!**

Por fim, **narrou-me a vicissitude do afastamento de Mons. Montini da Secretaria de Estado por Pio XII, porque realmente trabalhava para a Rússia, com desconhecimento do Papa e, deste modo, traía-o!** De facto, Montini, em vida de **Pio XII**, não pisou mais a soleira do Vaticano!

²⁴ Cf. “Doc. Pont.”, 1954, p. 640.

²⁵ Cf. CRC, 97, Outubro de 1975, p. 12.



O Card. Eugène Tisserant possuía um arquivo, continuamente actualizado, que continha a “carta” de Mons. Montini assinalando ao KGB soviético nomes de Sacerdotes e Bispos que Pio XII enviava clandestinamente para a União Soviética, a fim de prestarem assistência aos Católicos oprimidos e perseguidos. Todas as pessoas enviadas eram inexplicavelmente e sistematicamente capturadas, mortas ou enviadas para o gulag soviético.

Minha última pergunta: «Mas, então, porquê Pio XII o mandou para Milão, sé prestigiosa e cardinalícia, depois de o haver “traído”»? O General responde, sorridente: «Não! Não foi Pio XII que o mandou para Milão! Temos outro “dossier” que se intitula “Cardeal Pizzardo”, o qual contém documentos que falam diferentemente! De resto, também V ocê terá notado que Pio XII não o elevou a Cardeal, se bem que Milão seja tradicionalmente sé cardinalícia, pelo que Montini se encontrou afastado da Cúria Romana e, definitivamente, daquele Papa sob o qual ele tinha exercido não pouca influência; e foi excluído do futuro Conclave porque Pio XII estava resolvido a não o deixar entrar no Sacro Colégio! Até a consagração a Arcebispo, depois da sua nomeação, foi quase ignorada por Pio XII!».

No final do colóquio, o General enviou-me ao Coronel Arnaud, o qual me confirmou que Montini tinha relações obscuras, clandestinas, de sua própria iniciativa, com a Rússia e certas outras potências do Leste, pelo que Pio XII o “expulsou” da Secretaria de Estado. A seguir, disse que Pio XII teve de aceder a que Montini fosse mandado

para Milão, mas não o fez Cardeal nem o aceitou mais em audiência (se bem que Pio XII vivesse mais quatro anos!) e que deu a compreender, muitas vezes, a um Cardeal, que não o queria como seu sucessor!

Como se vê, aqui não se trata de “revelação de segredos de Estado”, porque nos “Arquivos Franceses” ainda está tudo aquilo que disse, de pessoal, sobre o “caso” Montini!²⁶

Sobre “relações obscuras clandestinas e de própria iniciativa” de Mons. Montini, contudo, existe também a fonte do arquivo do Card. Tisserant. Era um arquivo continuamente actualizado, contendo “documentos” de valor histórico e também de delicadeza explosiva, entre os quais também o “credo” marxista do então Mons. Battista Montini, o qual, em 1945, se ligou em amizade com Palmiro Togliatti, Secretário do Partido Comunista Italiano, recém-chegado da União Soviética. (...) Por intermédio dos círculos protestantes da Universidade de Upsala e ligações com a ortodoxia russa, Mons. Montini dava a conhecer ao Kremlin que «... nem toda a Igreja e nem todo o Vaticano aprova, para o futuro, as orientações do Papa Pacelli».

Pois bem, no arquivo do Card. Tisserant estavam ainda os “relatórios secretos” que foram entregues a Pio XII pelo Coronel Arnaud. (...) O dossier ad hoc é constituído, principalmente, por “cartas” de Montini, que assinalavam ao KGB – polícia secreta soviética – até mesmo nomes e movimentos de sacerdotes que exerciam clandestinamente o ministério sacerdotal entre a gente oprimida e perseguida dos países comunistas.

Pio XII não sabia explicar a causa do terrível drama do sistemático desaparecimento dos sacerdotes enviados clandestinamente para a Rússia, a não ser um “espião” escondido no Vaticano. Então encarregou detectives secretos, disfarçados de monsenhores, que descobriram, no acto de fotografar “documentos secretos”, o jesuíta Alighiero Tondi, um dos do círculo de Montini, ou melhor, seu conselheiro especial. Interrogado, foi identificado como agente do KGB, instruído em Moscovo e que do Vaticano transmitia ao seu chefe, na URSS, os “documentos” que fotografava no arquivo vaticano.

Da acurada investigação resultou que era ele que também passava aos seus superiores soviéticos a lista dos Bispos e dos Sacerdotes clandestinos enviados à Rússia por Pio XII, os quais, por estas delações, eram presos, mortos ou enviados para a morte nos goulagues soviéticos!

Este é um facto de extrema gravidade, talvez único! Decerto um agir de assassino! Pio XII, após estas “revelações”, teve um colapso e foi obrigado a estar de cama durante muitos dias. Todavia, decidiu a imediata expulsão de Montini do lugar que tinha equiparado a “secretário de Estado”.²⁷

²⁶ Cf. Luigi Villa, “Paolo VI beato?”, Ed. Civiltà, Brescia 1998, pp. 205-210.

²⁷ Cf. Luigi Villa, “Paolo VI - processo a un Papa?”, Ed. Civiltà, Brescia 1999, pp. 239-241.

MONTINI EM MILÃO

«... e a primeira opinião que se forma de um príncipe e da sua capacidade de compreensão, é ao observar os homens que o rodeiam; e quando estes são capazes e fiéis, pode ser sempre considerado sábio, porque soube como reconhecer a pessoa capaz e mantê-la fiel. Mas, quando estes homens são de outra qualidade, não se pode formar uma boa opinião do príncipe, pelo erro fundamental que cometeu ao escolhê-los». ²⁸

(Nicolau Maquiavel, O Príncipe, 1513)

Uma vez em Milão, o 57º **Montini** encontra-se livre, depois de 30 anos, do controle da Cúria e do freio Papal. O Arcebispo **Montini** estabelece novo rumo para si próprio, que deixaria uma marca indelével no seu episcopado e, a seguir, no seu futuro Pontificado.

Reúne em seu redor uma camarilha de companheiros de viagem de mentalidade liberal, anarquista, comunista, socialista, mafiosa e membros da comunidade artística e literária da “vanguarda”. Como a virtude atrai homens de virtude, assim o vício atrai homens viciosos.

Muito rapidamente ficou claro que Montini não era um Padre mariano. Foi, de facto, **Padre maritainista**, uma pessoa completamente diversa. ²⁹

Desde o primeiro dia da sua chegada, os milaneses, que têm grande devoção pela Mãe de Deus, começaram a lamentar que ao Arcebispo **Montini** faltasse “sensibilidade Mariana”, acusação reforçada pela conspícua ausência do Arcebispo na tradicional festividade da coroação de Maria e peregrinação a Loreto, e a falta de participação na récita pública do Rosário. ³⁰ O biógrafo do Papa Paulo VI, Hebblethwaite, tratou de adoçar o criticismo afirmando que **Montini** preferia uma “mariologia Cristocêntrica”, mas também esta concessão verbal não muda nada de nada.

Na realidade, a teologia de Battista Montini era antropocêntrica e não teocêntrica. Tinha como centro o homem e não Deus.

Montini era o maior e mais influente discípulo de Jacques Maritain e do seu “Humanismo Integral”, habilmente descrito por **H. Caron** em “*Le Courier de Rome*”, como compreendendo «... uma fraternidade universal de homens de boa vontade, pertencentes a diversas religiões ou a nenhuma religião em absoluto. É no interior desta fraternidade que a Igreja deveria exercer a sua influente fermentação sem a impor e sem procurar ser reconhecida como a única verdadeira Igreja». ³¹

O Padre Georges de Nantes resume o espírito do “Hu-

manismo Integral” no seu acrónimo **MASDU – Movimento para a Animação Espiritual da Democracia Mundial**, no qual a **Declaração dos Direitos do Homem substitui o Evangelho de Jesus Cristo**; “**Democracia Universal**” é uma analogia do “**Reino de Deus**” sobre a Terra e a função da religião é a de fornecer inspiração e “**Animação Espiritual**” à Humanidade, deste modo regenerada – sendo o **produto final do MASDU o completo**



Montini, durante trinta anos simples Monsenhor, foi ordenado Bispo em 1954, pouco antes de tomar posse da Diocese de Milão. A história do seu repentino afastamento do Vaticano e o seu falhado cardinalato foi, durante anos, um acontecimento obscuro, até à publicação da sua **traição a Pio XII**, descrita, pela primeira vez, no livro de Dom Luigi Villa “*Paulo VI beato?*”.

aniquilamento da religião e a sua “metamorfose num Humanismo ateu”. ³²

²⁸ Niccolò Machiavelli, Capítulo XXII, “Concerning the Secretaries of Princes”. O texto completo de “*Il Principe*” está disponível em: <http://www.online-literature.com/machiavelli/prince/22>.

²⁹ **Giovanni Battista Montini foi o patrono do filósofo francês Jacques Maritain.**

³⁰ Cf. Hebblethwaite, **Paulus VI**, p. 271.

³¹ Cf. Hamish Fraser, “**Jacques Maritain and Saul David Alinsky –**

Father of the ‘Christian’ Revolution”. Hamish Fraser, Suplemento de *Approaches*, Nº 71.

³² Cf. tratado pelo Abbé Gorge de Nantes sobre “MASDU” em: <http://www.crc-internet.org/lib1masdu.htm>. O Abbé de Nantes foi editor de “*The Catholic Counter-reformation in the XX Century*”, Maison Saint-Joseph, Saint-Parres-les-Vaudes, França.

Dizia-se que o **novo Arcebispo de Milão não ouvia o sino da igreja, mas ouvia a sirene das fábricas.**

Deste modo, não surpreende que numa das primeiras visitas à residência episcopal, **Jacques Maritain**, ex grande filósofo Tomista, levasse consigo **Saul David Alinsky**, “Apóstolo da Revolução Permanente”. Montini ficou tão impressionado com o homem que Maritain chamou seu “apaixonado amigo pessoal” e “um dos grandes e



Uma imagem de Montini, Arcebispo de Milão.

verdadeiros homens deste século”, que convidou Alinsky para seu hóspede por **duas semanas**, para poder consultá-lo sobre a **relação da Igreja com os Sindicatos Comunistas locais**.³³

Saul Alinsky, nascido em Chicago em 1909, **judeu não crente**, era diplomado pela Universidade de Chicago. Em 1940, fundou a **Industrial Areas Foundation**, como vitrina para a sua **tática revolucionária de organização de massas para o poder**.³⁴

³³ Cf. Hamish Fraser, “Jacques Maritain and Saul David Alinsky - Father of the “Christian revolution”. Hamish Fraser, Suplemento de Approches, p. 5.

³⁴ A obra mais popular de Saul Alinsky, “Rules for Radicals” (New York: Random House, 1971), é dedicada a Lúifer, o “ver-

Os mais estreitos associados de Alinsky encontram-se entre os membros da **Jerarquia Católica** e do **Clero**, incluindo o **Card. Mundelein**, o seu protegido **Bispo Bernard Sheil**, o Padre activista **John Egan**, este um dos primeiros promotores da “**Call Action**”.³⁵

O apoio e a **fonte financeira principal** de Alinsky eram a **família Rockefeller**, a riquíssima e secreta “**Communist Marshall Field**”, a **Conferência Episcopal Americana (USCC)** e a **Igreja Católica Americana**. Alinsky trabalhou lado a lado com o **Partido Comunista dos EUA** até à sua ruptura com este partido, após a assinatura do **Pacto Soviético-Nazista**.³⁶

Em “**Jacques Maritain e Saul David Alinsky - Padre della Rivoluzione ‘Cristiana’**”, Hamish Fraser, editor de “**Approches**”, escreve: «Alinsky é produto do **Naturalismo Maçónico e Revolucionário Marxista**, os quais ensinam a necessidade das elites tomarem e manterem o poder político... Alinsky era um não crente para o qual a ideia de dogma era um anátema... Dado o **Naturalismo de Alinsky**, não surpreende que não haja nenhum es-



Saul David Alinsky, judeu não crente e **perito em tática revolucionária na organização de massas para a tomada do poder**, era “apaixonado amigo pessoal” de Jacques Maritain e foi hóspede durante duas semanas do Arcebispo de Milão, Mons. Montini.

paço na sua “**ética social**” para o Absoluto e para alguém que fosse intrinsecamente “**bom**” ou “**mau**”... Divorciado e recasado três vezes, mostrava todo o seu desprezo pela “**velha cultura, quando a virgindade era uma virtude**”... A “**igreja de hoje e de amanhã**” de Alinsky não devia ser nem Católica, nem Protestante, nem Judaica,

dadeiro primeiro radical”. Veja-se também Marion K. Danders, “**The Professional Radical - Conversation with Saul Alinsky**”, New York: Harper Row, 1965.

³⁵ Cf. Hamish Fraser, **op. cit.**, pp. 49-50.

³⁶ Cf. Hamish Fraser, **op. cit.**, p 17.



Mons. Ugo Poletti, Vigário Geral do Bispo de Novara, **Mons. Gremigni**, usou a carta de Montini, que foi fatal ao seu Bispo, para chantagear Paulo VI e ter uma carreira vertiginosa.

Mons. Gilla Vincenzo Gremigni, Bispo de Novara, entrou em conflito com **Mons. Montini**, Arcebispo de Milão, pela injustificável supressão do jornal Católico “**Il Popolo d’Italia**”. Ao seu protesto, **Mons. Montini responde-lhe com uma carta de tal conteúdo que, ao lê-la, Mons. Gremigni teve um fatal ataque cardíaco**. Aconteceu em 1 de Janeiro de 1963, seis meses antes da eleição de Montini ao sólio pontifício.

nem Islâmica, nem Budista, nem Animista, mas **um único sincretismo mundial, amálgama sináptico de todos os credos existentes**».³⁷

Como observa **Fraser**, o que distinguia **Saul Alinsky** não era «a sua receita para uma Igreja mundial sincretista, mas ter sido o primeiro que fez aceitar amplamente esta ideia no interior da Igreja Católica».³⁸ De todo o modo, se **Jacques Maritain** e o seu maior discípulo **Papa Paulo VI** não tivessem lançado os fundamentos para a **Revolução na Igreja**, a aliança de Alinsky e a sua intimidade com a Igreja Católica teria sido impossível – conclui **Fraser**.³⁹

³⁷ Cf. Hamish Fraser, *op. cit.*, p 44.

³⁸ Cf. Hamish Fraser, *op. cit.*, p 44.

³⁹ Cf. Hamish Fraser, *op. cit.*, p 44.

⁴⁰ Cf. Millenari, “**The Shroud of Secrecy**”, pp. 137-139. O autor sustenta que **Poletti** e **Montini** firmaram um pacto secreto de não revelar a carta de Montini ao Arcebispo Gremigni de Novara de 3 de Janeiro de 1963.

Durante os seus oito anos como Arcebispo de Milão, **a política sempre mais radical de Montini pô-lo em conflito com outros membros da Conferência Episcopal Italiana (CEI)**, entre eles **o Arcebispo Gilla Vincenzo Gremigni** da Diocese de Novara.

Uma vez estabelecido na diocese, **o Arcebispo Montini** toma a decisão de fechar e remover “**Il Popolo d’Italia**”, jornal bem consolidado e publicado pela Diocese de Novara. **O Bispo Gremigni, Ordinário de Novara**, protestou justamente, porque este acto **não era da jurisdição do Arcebispo Montini**.

Em 1 de Janeiro de 1963, apenas seis meses antes da sua eleição ao Sólido Pontifício, **Montini enviou ao Arcebispo de Novara uma carta de tal conteúdo que, ao lê-la, Gremigni sofreu um fatal ataque cardíaco**. A carta foi encontrada pelo Auxiliar de Gremigni, **Mons. Ugo Poletti, que a guardou para si**.

Quando **Montini** parte de Milão para Roma, segue-o o fantasma do Arcebispo Gremigni na pessoa de **Mons. Poletti**. Em 1967, a **Imprensa italiana** recebe a informação de que a morte do Arcebispo Gremigni estava ligada ao novo Papa. Imediatamente depois, **Paulo VI nomeia Poletti para a Diocese de Spoleto**. Foi a primeira de uma série de aparentes milagres e espontâneas promoções papais do ambicioso Prelado, que incluíram também o cargo de **Vigário de Roma**, de Presidente da Conferência Episcopal Italiana e a **nomeação Cardinalícia**, conferida por Paulo VI em 5 de Março de 1973.⁴⁰

A MAFIA DE MILÃO DO ARCEBISPO MONTINI

Dois dos mais estreitos colaboradores do Arcebispo Montini, em Milão, foram **Mons. Giovanni Benelli** e **Mons. Pasquale Macchi**.

Montini tinha recrutado Benelli aos 26 anos, poucos anos depois da sua ordenação, para servir como seu secretário na **Secretaria de Estado**. **Quando Montini foi para Milão, Benelli seguiu-o**. Após a eleição de Montini ao Papado, Benelli seguiu-o até Roma. Em 1966, serve como **Núncio Papal no Senegal**, e depois regressou a Roma como **Representante de Paulo VI para a Cúria Romana**.

Um ano antes da sua morte, **Paulo VI fez seu fiel servidor Benelli Cardeal** e nomeou-o **Arcebispo de Firenze**.⁴¹ **Um dos mais famosos protegidos de Benelli foi o Padre americano** (posteriormente Cardeal) **Justin Rigali**.

O rival de Benelli nas atenções e afectos de Paulo VI era o seu secretário pessoal, Mons. Pasquale Macchi, a quem deram a alcunha de **“Madre Pasqualina de Montini”**. Natural de Varese, **Macchi era professor do Seminário**



Mons. Pasquale Macchi, estreito colaborador de Montini em Milão.



Mons. Giovanni Benelli, estreito colaborador de Montini em Milão.

rio e sabia como usufruir da cidade de Milão e do seu mundo subterrâneo. **Macchi** tinha afinidade com filosofia francesa e com a arte moderna, e chamou muitos dos seus amigos artistas para encontros com Montini.

Após a eleição de Montini ao Papado, Macchi seguiu o seu patrão até Roma, onde se tornou conselheiro do Papa em todos os aspectos da estética e **depositário dos segredos mais obscuros**.⁴²

Macchi, que **Peter Hebblethwaite** afirma ter estado **“muito bem coligado no mundo da finança”**, tinha relações muito estreitas com quatro importantes conselheiros financeiros do Papa: **Michele Sindona, Mons. Paul Marcinkus, Roberto Calvi e o Bispo Donato De Bonis** – todos ladrões.⁴³

Se bem que diferentes por personalidade e temperamento, **Macchi e Benelli tinham uma coisa em comum: a sua pertença à Maçonaria**. Em 1976, os nomes (juntamente com o número de código e a data da iniciação) de **Mons. Pasquale Macchi e Mons. Giovanni Benelli figuravam numa lista de funcionários vaticanos pertencentes à Maçonaria**. Esta lista foi publicada em **“Il Borghe-se”**. De todo o modo, a acusação aos dois homens, íntimos do Santo Padre, de que eram maçons, não teve nenhum efeito na sua futura carreira, quer sob o pontificado de **Paulo VI**, quer sob o de **João Paulo II**.

⁴¹ Depois da morte de Paulo VI, em 6 de Agosto de 1978, o **Card. Benelli era considerado um dos mais papáveis**, mas foi eleito o **Card. Albino Luciani** de Veneza. Depois da morte de João Paulo II, Benelli era também um dos principais candidatos, mas desta vez perde no confronto com um polaco, **Card. Karol Wojtyła**. O Card. Benelli manteve o seu posto de Arcebispo de Firenze até à imprevista morte,

de ataque cardíaco, em 1982.

⁴² Em 1989, 11º aniversário da morte de Paulo VI, **João Paulo II nomeou Macchi Arcebispo** (título pessoal) **de Loreto**. Macchi retirou-se em 1996, com a idade de 72 anos.

⁴³ **O Bispo Donato de Bonis** é, provavelmente, o menos conhecido dos quatro conselheiros financeiros do Papa Montini. **O Arcebispo**

O ARCEBISPO MONTINI ENCONTRA “O TUBARÃO”

Michele Sindona, alcunhado “**o tubarão**”, tinha lançado raízes no mundo submerso da finança de Milão muito antes de Montini ser Arcebispo daquela cidade.⁴⁴

Nascido em Messina em 1917, **Sindona**, educado nos Jesuítas, estava estudando Leis quando as tropas britânicas e americanas invadiram a Itália, durante a II Guerra Mundial. O empreendedor Sindona decide desfrutar a ocasião que oferecia o lucrativo mercado negro e entrega-se ao tráfico de limões e de grãos. Já que a Mafia siciliana controlava o tráfico dos produtos, Sindona faz um acordo com o chefe mafioso **Vito Genovese**, ao qual Sindona dava uma certa percentagem dos seus ganhos, a troco de protecção do seu *business* e da sua pessoa.

Em 1948, **Sindona** abandona a pobre zona do Sul, devastada pela guerra, e dirige-se a Milão, a cidade mais rica e industrializada do Norte, onde se torna “**conselheiro financeiro**” de vários milaneses ricos e influentes.

As suas credenciais mafiosas seguiram-no ao Norte.

Em 1954, quando Sindona soube que **Pio XII** nomeara **Montini Arcebispo de Milão**, conseguiu uma carta de recomendação do **Arcebispo de Messina**, sua diocese de origem.

Pouco depois, **Sindona conquista um novo cliente em Montini** e na Igreja milanesa. **O Arcebispo Montini ficou tão grato a Sindona que o levou a Roma, para o apresentar ao Príncipe Massimo Spada**, antigo funcionário do “**Instituto para as Obras Religiosas**” (IOR). O IOR, popularmente conhecido como depósito do património da Igreja, caracterizava-se pelas suas sobras caritativas.⁴⁵ **Sindona torna-se um “homem de confiança” e foi-lhe dado pleno controle do programa de investimentos estrangeiros do IOR.**



Michele Sindona, depois de ter desfrutado a época do lucrativo mercado negro na Sicília, em camarilha com a Mafia, durante a invasão da ilha pelas tropas americanas, aprofundou a Milão e torna-se **conselheiro financeiro do Arcebispo Montini**, o qual o apresenta no Vaticano, fazendo com que se torne o “**homem de confiança**” com pleno controle do programa de investimentos estrangeiros do IOR.

Macchi consagrou Bispo Donato de Bonis em 25 de Abril de 1993, a despeito do facto de **Bonis, funcionário do Banco Vaticano, estar acusado de conjura por fraude fiscal. De Bonis era acusado de ser maçã**, mas também Macchi o era. No Verão de 1984, de Bonis esteve na ribalta da Imprensa nos EUA, **por ter feito uma doação de 2.000 dólares ao “March of Dimes” (MOD)**, primeiro promotor americano do aborto eugenético.

Ético. A visita oficial dos funcionários do Vaticano ao MOD, em Hartford, Connecticut, foi coordenada pelo **Bispo James T. McHugh** da Diocese de **Camden, NY** (cf. Randy Engel, “**A March of Dimes Primer - The A-Z of Eugenic Killing**”, Export. Pennsylvania: U.S. Coalition of Life, PA, 1991).

⁴⁴ Esta história das finanças vaticanas e sobre o IOR é baseada em informações de grande número de publicações e sítios de Internet, incluindo Conrad Goeringer, “**History of the IOR**” - **Murder, Bank, Strategy - the Vatican**”, em <http://www.voxfux.com/features/vaticannmureder.html>. Ver também David A. Yallop, “**In God’s Name - An Investigation Into The Murder of Pope John Paul I**”, New York: Bantam Books, 1984.

⁴⁵ O IOR, ou Banco Vaticano, está situado na Torre de Nicolau V, construída no Palácio Papal. As suas operações são diferentes das de outros bancos ou instituições bancárias comuns. O IOR não emite empréstimos e ninguém imprime os seus cheques. Os depositantes são as Dioceses, as Paróquias, as Ordens Religiosas e as Ordens Fraternas. A

sua história remonta ao Pontificado do Papa Leão XII, que fundou a “**Amministrazione per le Opere Religiose**”. Após a assinatura do **Pacto Lateranense**, em 1929, o **Papa Pio XI** criou outra Agência, a “**Amministrazione del Patrimonio della Santa Sede**”, para gerir os fundos consignados à Santa Sé pelo Estado Italiano, como compensação pela perda dos Estados Pontifícios. Em 1942, o **Papa Pio XII** fundou outra Agência, conhecida pelo nome de “**Istituto per le Opere religiose**” (IOR). O Papa Pacelli colocou o IOR sob a direcção de **Bernardino Nogara**, que iniciou um programa de diversificação dos investimentos e bens imóveis, que lançou o Vaticano no mundo moderno das finanças internacionais. **Pela primeira vez, a Santa Sé tinha estabelecido contactos directos com o império secular financeiro dos J. P. Morgan, dos Rothschild e seus iguais.** Em 1954, quando Nogara se reformou, tinha aumentado os iniciais **85 milhões de dólares**, recebidos do Governo de Mussolini em 1929, **para cerca de mil milhões de dólares.** O Vaticano, hoje, tem interesses em gigantescas empresas farmacêuticas e químicas, industriais, construtoras como a Immobiliare, como é mesmo accionista de grandes corporações, como a **General Motors, Gulf Oil e IBM.** Ver “**Banca Intesa: So Catholic, So Ungrateful**”, *L’Espresso*, N° 25, 18-24 de Junho de 2004, em: <http://213.92.16.98/ESW/articolo/0%2C2393%2C42171%2000>.

⁴⁶ Pelos anos de 1980, o património bruto do IOR, montava a cerca de **10 mil milhões de dólares.**

O património total do IOR, naquele tempo, era de cerca de **mil milhões de dólares**,⁴⁶ mas o património era um aspecto secundário em relação **ao estatuto de isenção de impostos do IOR e à sua potencialidade de reciclagem de dinheiro sujo**, especialmente **dinheiro da Mafia, resultante do tráfico de heroína, prostituição e contribuições políticas ilegais dos fundos do mundo subterrâneo, incluindo a Maçonaria**.

Em 1960, **Sindona**, que trabalhava usando o velho adágio **“o melhor modo de roubar um banco é ser seu dono”**, comprou o seu banco, **Banca Privata** e, em curtíssimo tempo, recebe depósitos provenientes do IOR. Usou estes fundos para construir a pirâmide dos seus investimentos e iniciar a reciclagem de fundos ilegais por intermédio do **Banca Vaticana**.

Após a eleição de **Paulo VI**, **Sindona segue Montini até Roma e torna-se um dos maiores arranjistas do IOR**. As suas operações e o seu portefólio financeiro cresceram exponencialmente. Em 1964, Sindona criou uma firma internacional de corretagem de valores, chamada **“Moneyrex”**, com **850 bancos clientes** e um movimento financeiro anual de **200 mil milhões de dólares**.

Muitos membros do **“Palazzo”**, os ricos e famosos de Roma, utilizavam a **“Moneyrex”** para proteger a sua fortuna do fisco, através de contas ilegais off shore. Sindona tinha um registo secreto das transacções dos clientes da **“Moneyrex”**, como seguro contra eventuais futuros dias de ajuste de contas.

O Vaticano e o Papa Paulo VI, juntos aos nomes e núme-

ros de contas secretas de membros de topo do **Partido da Democracia Cristã**, bem como do **Partido Socialista** e do **Social-Democrático**, estavam anotados no pequeno livro negro de Sindona.

Em fins dos anos 1960, o **“Gruppo Sindona”** incluía seis (seguidamente, nove) bancos em Itália e no estrangeiro e mais de **500 corporações gigantes e conglomerados**. Um destes bancos, **Franklin National Bank** de Nova Iorque, 18º banco dos Estados Unidos, com um património de mais de **5 mil milhões de dólares**, foi comprado em parte com os ganhos que Sindona tinha desviado dos seus bancos italianos.

Por outra parte, tinha desviado fundos dos seus patrões secretos, isto é, da **Mafia Siciliana** e, em 1971, da **Loja Propaganda 2 (P2)**, loja maçónica de inspiração mafiosa, chefiada pelo **Grão mestre Licio Gelli**. Além disto, Sindona ocupava-se também de transacções financeiras para a **Central Intelligence Agency (CIA)** que, durante o período pós bélico, tinha derramado somas consideráveis em Itália, parte das quais entraram no Banca Vaticana.

Entretanto, o amigo de Sindona, **Papa Paulo VI**, **enfrentava a maré enchente de críticas provenientes do Estado**. O Governo italiano ameaçava anular a isenção de taxas da Igreja sobre as suas propriedades e sobre os seus investimentos, de que a Santa Sé usufruía desde o tempo do regime fascista de Mussolini. Sindona, então, propôs um esquema para esconder o dinheiro Vaticano em investimentos offshore e **Paulo VI** anuiu.



Vaticano, Junho de 1963. **O Arcebispo Montini** entra para o Conclave.

PAULO VI MAÇÃO



Paulo VI com o Ephod.

«**É** preciso que a democracia, a que hoje se chama convivência humana, se abra a uma **concessão universal**, que transcenda os limites e obstáculos de uma efectiva fraternidade» (Paulo VI, Mensagem de Natal, 1964).

Com o encargo da Santa Igreja de Deus, Paulo VI impõe a sua fé na Torre de Babel maçónica (Nova Iorque, 4 de Outubro de 1969).

Paulo VI empenhou-se a fundo para dar vida ao Naturalismo.

Em Bombaim, em 2 de Dezembro de 1969, sublinhou este Naturalismo como o aroma da Humanidade: «**A Humanidade sofre profundas mudanças e procura os princípios dirigentes e a força nova que a conduzirão no mundo futuro**».

Mas, para atingir aquele ideal, Paulo VI oferece não Cristo, não a Graça dos Sacramentos, mas oferece o humano. A Religião não entra ali para nada.

Paulo VI fala como mação, não como Cristão, e muito

menos como sacerdote. O “Mundo Novo” foi a sua quimera. Os princípios da Revolução Francesa de 1789 foram o seu Evangelho: fazer um Paraíso terrestre com a inventiva e a única força dos homens. Um sonho de falso profeta; a palavra de Deus, de facto, desmente todas as suas afirmações, uma por uma. Não há paz nem serenidade para os ímpios, porque só Deus dá a paz e não a dá como a dá o mundo.

Em 6 e Janeiro de 1964, em Belém, Paulo VI disse: «Devemos assegurar à vida da Igreja um novo modo de sentir, de querer, de comportar-se».

Em 12 de Agosto de 1960, num discurso, disse-o com plena audácia: «A religião deve ser renovada». E numa carta sobre o Sillon, escreveu: «**não se trabalha pela Igreja, trabalha-se pela Humanidade**».

Estas eram falas de apostasia! Também por isto, Paulo VI, um dia, será anatematizado por esta sua utopia maçónica, como o maior corruptor da Igreja do século XX!

Em 13 de Novembro de 1964, Paulo VI, na presença de



Cinema “Astor” de Savona, 15 de Junho de 1969. A fotografia documenta o primeiro encontro público e oficial entre altos representantes da Igreja Católica e da Maçonaria. Das personalidades sentadas à mesa, o terceiro da direita é o **Grão Mestre da Maçonaria Italiana, Giordano Gamberini**, fundador da **Igreja Gnóstica Italiana**, na qual ocupa o cargo de “Bispo”. A Igreja gnóstica é a igreja satânica, oficialmente fundada em França pelo mação **Jules Doinel**, em 1888. O terceiro da esquerda é o **Padre Rosário Esposito** que, no seu livro “**As grandes concordâncias entre a Igreja e a Maçonaria**” nos informa que os diálogos bilaterais entre representantes da Igreja e da Maçonaria se desenrolaram entre 1966 e 1977. Em todos estes diálogos participou o salesiano **Dom Vincenzo Miano**, o qual “**ilustrava as posições amadurecidas na Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé e pelo próprio Paulo VI, que seguia estes encontros e os encorajava**”.

2.000 Bispos, **depõem definitivamente a Tiara sobre o altar. Era este o grande objectivo da Revolução Francesa**, praticado pelas mãos daquele que se sentava na Cátedra de Pedro; uma consequência mais importante do que a decapitação de Luís XVI e do que a “brecha da porta Pia”. Com este gesto, **Paulo VI** rejeitava os três poderes papais, simbolizados na tríplice coroa, quase a significar que não queria mais governar a Igreja. A que poderes se referia, durante o seu Pontificado, depois daquele gesto? **Não condenou a mação jesuíta Teilhard de Chardin**, já condenado pelo Santo Ofício em 30 de Junho de 1962 e, anteriormente, atingido por punições e restrições por parte da parte da Santa Sé e da Companhia de Jesus em 1926, 1927, 1933, 1939, 1948, 1949, e 1955. Porquê? Também nunca condenou o pérfido e satânico **Catecismo Holandês**, um dos factos mais graves do seu Pontificado, permitindo que tal venenoso livro se difundisse em toda a Igreja, dando um golpe quase mortal na Fé. Porquê? Toda a Jerarquia Eclesiástica, reinando **Paulo VI**, não podia condenar ninguém, nem combater nenhum erro, nem algum acto de indisciplina. Todos os agitadores da Fé sabiam que tudo acontecia sob a responsabilidade de **um Papa mação**.

Também **Paulo VI** não ousou chamar nem punir o nefando teólogo holandês **Schillebeeckx**, esse condutor de

heresias, desmoralizador daqueles que ainda criam na Fé Católica. Porquê?

E também **Hans Küng**, que se preocupava só com ensinar aos fiéis que é honesto não crer, e que os ateus têm muito para ensinar?

Paulo VI, deste modo, soube conduzir com grande mestria o povo atrás da **sua quimera política maçônica**. Substitui a “**Fé em Deus**” pela “**fé no Homem**”. A “**cidade terrestre**” que ele queria realizar, devia fazer esquecer a “**cidade celeste**” e a vida eterna.

Depois do que quanto escreveu, poder -se-ia dizer que a orientação da Igreja Católica, com o V aticano II, mais do que do tipo teológica ou litúrgica, foi espiritual e ideológica.

A desconfiança e hostilidade relativamente à “**abertura**” de **João XXIII** e de **Paulo VI**, rumo às **pressões do mundo moderno**, eram devidas à suspeita de que tais Pontífices conduziam uma obra de destruição subtil, dirigida pela **Maçonaria** para impor o **reino de Satanás**, **destruindo a autêntica Fé em Deus, em Jesus Cristo, Filho de Deus, e na Virgem Maria**.

Em 1965, **Paulo VI** recebe no Vaticano o Chefe da Loja **P2, Licio Gelli**. A seguir, **Paulo VI** concede a Gelli o grau de Comendador: “**Equitem Ordinis Sancti Silvestri Papae**”.



1961. Reunião das Grandes Lojas Unidas da Alemanha com as Grandes Lojas estrangeiras.

«O Papa que faremos eleger possuirá no máximo grau a arte da ambivalência (tamquam vir duplex). Por exemplo: desaprová os Modernistas por palavras, mas com os “factos” os apoiará (abolindo, antes de tudo, o juramento anti-modernista)».

(Directiva distribuída aos maçons em 1961. Cf. “Bulletin Indépendant d’Information Catholique” N° 112-1974 - Bruxelas).

A ABERTURA DE PAULO VI À MAÇONARIA

A Igreja Católica sempre condenou a “seita maçónica”. Primeiro foi o Papa Clemente XII, em 1738. Depois deste, todos os Pontífices renovaram a condenação, as sanções, as admoestações.

Cito as principais encíclicas contra a Maçonaria:

- PROVIDAS de Bento XIV de 18.5.1751;
- ECCLESIAM de Pio VII de 13.9.1821;
- QUO GRAVIORA, C. A. de Leão XII de 13.3.1825;
- TRADITI de Pio VIII de 24.5.1829;
- QUI PLURIBUS de Pio IX de 9.11.1846;
- QUIBUS QUANTISQUE de Pio IX de 20.4.1849;
- HUMANUM GENUS de Leão XIII de 20.4.1884;
- PASCENDI de S. Pio X de 8.9.1907.

Bento XIV abençoa a trabalho de Mons. Jouin: “Contra as seitas inimigas da religião”.

Pio XII, em 24 de Julho de 1958, denunciou a Maçonaria como raiz do ateísmo científico, do materialismo, da dialéctica, do racionalismo, do laicismo.

O Papa João XXIII, em 1960, recordou ao Sínodo Romano: «Em quanto concerne à seita maçónica, os fiéis devem recordar-se que a pena estipulada no Código de Direito Canónico (cân. 2335) está ainda em vigor.

Em 5 de Janeiro de 1954, o Santo Ofício condenou uma obra do Grão-mestre da Maçonaria austríaca.

Em 20 de Fevereiro de 1959, a Assembleia Plenária dos Cardeais, Arcebispos e Bispos argentinos, publicou uma “Declaração” em que recordava a condenação formal dos Papas Clemente XII e São Pio X.

Mas, depois, veio a nova orientação da Igreja, confirmada pelo mação Ives Marsaudon num seu livro. Infeliz-

mente, esta “nova atitude” da Igreja foi a virada do Vaticano II, guiado por João XXIII, primeiro, e depois por Paulo VI, o qual adoptou repentinas posições ecuménicas e liberais para com a Maçonaria.

Para aclarar este aspecto de Paulo VI, vejamos alguns dos seus “feitos” e “ditos”:



Paulo VI na cerimónia de enorme importância simbólica, depõe a Tiara, na presença de 2.000 Bispos. Recordemos as palavras do Pontífice da Maçonaria Universal, Albert Pike: «Os inspiradores, os filósofos e os chefes históricos da Revolução Francesa tinham jurado lançar a Coroa e a Tiara sobre a tumba de Jacques de Mollay... Quando Luis XVI foi justificado, metade do trabalho estava feita; e desde então, o Exército do templo dirigiu todos os seus esforços contra o Papado».

1. O elogio fúnebre do Grão Mestre do Palazzo Giustiniani, Giordano Gamberini, feito na “La Rivista Massonica”, conclui dizendo: «... Pela primeira vez na História, os maçons podem prestar homenagem ao túmulo de um Papa, sem ambiguidade nem contradição».

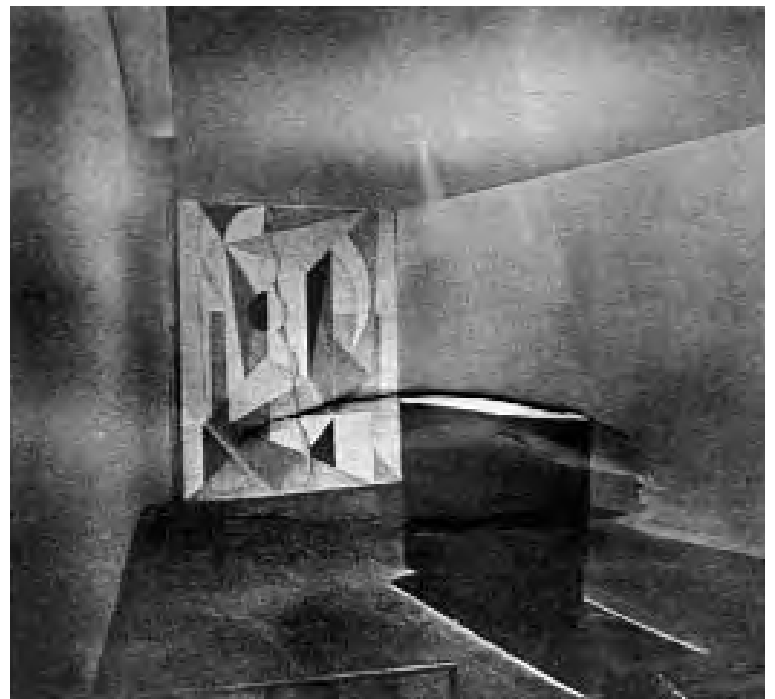
Entre 1948 e 1950, o então Mons. Montini disse ao P. A. Morlion, OP: «Não passará uma geração e, entre as duas sociedades (Igreja e Maçonaria), será feita a paz».

Essa paz, de facto, foi sancionada por uma carta de 19 de Julho de 1974 do Card. Seper, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, ao Card. Krol, Presidente da Conferência Episcopal dos EUA.

2. Numa carta privada do Conde Léon Poncins, perito em questões maçónicas, lê-se: «... Com Pio X e Pio XII, nós, franco-mações, podemos bem pouco, mas com Paulo VI vencemos!».

3. Um chefe da Maçonaria, o Sr. Marsaudon, no seu livro “O Ecumenismo visto por um Franco-mação de Tradição”, falando de Montini, escreveu: «Pode verdadeiramente falar-se de Revolução, a qual, a partir das nossas lojas maçónicas, se estendeu magnificamente sobre a Basílica de São Pedro».

De facto, a “Reforma Litúrgica” foi prevista pelo mação Roca, em 1883. Escreveu: «Num Concílio Ecuménico (Vaticano II – N.R.) a Igreja sofrerá uma transformação que a porá de harmonia com a civilização moderna».



A sala de meditação da ONU. Paulo VI esteve aqui a rezar perante este altar de um Deus sem nome, mas ao qual cada um, ao entrar, pode dar o nome que queira.

4. Paulo VI anula a “censura” sobre a Maçonaria, pelo que o Grão-mestre Lino Salvini, em 18 de Março de 1978, poderá dizer: «As nossas relações com o Vaticano são óptimas!». A Maçonaria, de facto, penetrou na Igreja de Paulo VI.

Comprova-o as “leis maçónicas” que entraram na Igreja no seu Pontificado, como as do aborto, divórcio, separação entre a Igreja e o Estado, degradação dos Seminários e das Congregações Religiosas... Um verdadeiro “plano maçónico” como o da ONU e da UNESCO. Foi o

lançamento da sua “religião do homem”, um conceito caracterizadamente maçónico.

5. Recordo também a sua visita à ONU, onde, antes de recitar o seu discurso humanista, **Paulo VI entrou na “Meditation Room”, santuário maçónico**, no centro do qual está “um altar para um Deus sem rosto”.

6. Durante a sua viagem à Terra Santa, em 1964, no Monte das Oliveiras, **Paulo VI abraçou o Patriarca Ortodoxo Atenágoras I, mação de grau 33!**



Teillard de Chardin foi condenado pelo Santo Ofício pelos seus escritos heréticos. **Foi herético, apóstata e mação martinista**, mas **Paulo VI** apreciou-o tanto que o transformou na “alma” do Concílio Vaticano II.

7. Desde essa viagem à Terra Santa, em 1964, **Paulo VI** começou a usar o **Ephod**, colar que o Pontífice judeu, Caifás, ostentava quando condenou Jesus Cristo à morte, porque **Se declarou “Filho de Deus”!** O **Ephod**, deste modo, assume o significado de **negação da divindade de Jesus Cristo**.

8. Em 13 de Novembro de 1964, **Paulo VI** depõe no altar a “**Tiara**” (**tríplice coroa**, símbolo dos poderes do Papa), renunciando a ela definitivamente. Além disso, **dará o**



Atenágoras I, Patriarca Ortodoxo de Constantinopla. **Paulo VI** encontrou-o em 1964, em Jerusalém; em Constantinopla, em Julho de 1967 e ainda em Roma, em Outubro de 1967. **Atenágoras I** era **mação de grau 33** da Maçonaria de Rito Escocês Antigo e Aceite.

“seu báculo” e o seu “anel” ao budista birmanês e mação U’ Thant, Secretário-geral da ONU.

9. Em 7 de Dezembro de 1965, na conclusão do Vaticano II, disse na homilia: «... **A religião de Deus que Se fez Homem, encontrou-se com a religião – porque é uma – do homem que se faz Deus**»... É de observar que “a religião do homem que se faz Deus” é a religião da auto-divinização do homem da Maçonaria.

Mas “o homem que se faz Deus”, no entanto, comete o pecado de **Lúcifer** e segue o conselho da serpente bíblica: «**Sereis como deuses**». Isto não é senão o pensamento do herético teólogo **Teillard de Chardin**, sectário mação da **Ordem Martinista** e considerado a “alma” do Vaticano II. Nada de admirar, então, se na Comissão Directiva para uma “**Bíblia de concórdia**”, **Paulo VI quis também o**



Dezembro de 1965. Última entrevista do **Card. Ottaviani**, depois da extinção do Santo Ofício, determinada por **Paulo VI**.

Grão-mestre do Grande Oriente de Itália, Prof. Giordano Gamberini, um dos fundadores e “Bispo” da “Igreja Gnóstica” italiana, que é a “igreja satanista”, fundada em França, em 1888.

10. Em 23 de Março de 1966, **Paulo VI coloca no dedo do Dr. Ramsey, laico e mação, o seu “novo anel” conciliar, e depois, juntamente com ele, dá a “bênção” aos presentes.**

11. Em 3 de Junho de 1971, **Paulo VI recebe em audiência pública, no Vaticano, membros da “Loja Maçónica” da B’nai B’rith, a mais poderosa loja maçónica, reservada aos judeus, aos quais Paulo VI chamou “meus caros amigos”!**

12. Em 29 de Novembro, **“a Conferência dos Bispos Católicos e a Liga Anti-difamação da B’nai B’rith anunciaram a formação de um, grupo comum de trabalho, destinado a examinar os problemas relativos à fé dos judeus e dos católicos”.**

13. Numa carta ao **Grão-mestre Gamberini, o P. Rosário Esposito** escreve que **«uma série de decisões de Paulo VI são uma indiscriminada abertura à Maçonaria».**

14. O Grande Comendador do Supremo Conselho da Maçonaria do México, **Carlos Vasquez Rangel**, revelou que **«Angelo Roncalli fora iniciado na Maçonaria em Paris».** De facto, **«estava em Paris quando os não-iniciados Angelo Roncalli e Giovanni Montini foram iniciados, no mesmo dia, nos augustos mistérios da Fraternidade.** Por isso, não é estranho que muita coisa que foi realizada no Concílio Vaticano II por João XXIII fosse baseada em princípios e postulados maçónicos» (cf. **“Processo”** n. 832, 12 de Outubro de 1992, citado por C.D.I. Reportes, Maio de 1995, nº 179, p. 4).



O menorá, candelabro de sete braços é também símbolo da **Alta Maçonaria Judaica do B’nai B’rith**, Numa reunião secreta, em Paris em 1936, os membros da loja secreta judaica do **B’nai B’rith**, disseram:

«Façam com que sejam Cardeais e Bispos alguns dos nossos filhos, de modo que destruam a Igreja Católica!».

15. De várias partes e muitas vezes, de maneira objectiva, por vezes violenta, **se insinuou que também Paulo VI – segundo peritos de heráldica e nobreza – seria descendente de judeus convertidos (entre várias fontes, citamos Paul Scortesco, “L’Église condamnée”, suol. “Lumière” nº 148, 1976, pp. 23 e ss.; Leon De Poncins, “Christianisme et Franc-Maçonnerie”, Ed. de “La Pensée Française”, Chiré, p. 272, nota 5); além disso, teria sido “iniciado” na Loja da B’nai B’rith, e sempre teve boas relações com franco-mações e ambientes judaicos! (Pode ver -se a “documentação” sobre o pensamento e a “obra maçónica”**



O Card. Avelar Brandão, que recebe dos maçons o título de “Grande Benfeitor”, com António Carlos Portela, Venerável da Loja “Liberdade” e com o Grão Mestre Florival Ferreira.



Capa da revista “OP” de 12 de Setembro de 1978, que publica a “Lista Pecorelli”, contendo 121 nomes de altos Prelados, muitíssimos dos quais ligados ao Card. Agostino Casaroli e ao próprio Paulo VI.

ca” de Paulo VI em “Forts dans la Foi”, nºs 46 e 47, 1976, nos artigos do Padre Simon e Guérard des Lauriers).

16. Não se pode ignorar, além disso, que a eleição ao Papado do Card. Montini foi devida à intervenção da Alta Maçonaria Judaica da B’nai B’rith. Documento escrito pelo Príncipe Scotersco, primo-irmão do Príncipe Borg-hese, Presidente do Conclave que elegeu Montini a Supremo Pontífice, contém a seguinte informação sobre o Conclave de 21 de Junho de 1963: «Durante o Conclave saiu um Cardeal da Capela Sistina, para se encontrar com representantes da B’nai B’rith e anunciou-lhes a eleição do Cardeal Siri. Responderam dizendo que as perseguições contra a Igreja seriam imediatamente retomadas. Regressando ao Conclave, fez eleger Montini»!

A Beata estigmatizada Ana Caterina Emmerich tinha já visto e descrito esta auto-destruição da Igreja nas suas visões (cf. especialmente a p. 148, Março de 1820 e a p. 180; 22 de Outubro de 1822, p. 187).

O Vaticano II era composto também por liberais e modernistas que, todavia, dissimulavam a sua pertença ideológica à Maçonaria. Por exemplo, o mação Card. Liénart que, provocando a rejeição da discussão dos esquemas preparados pelo Santo Ofício, queridos por João XXIII, transformou o Vaticano II numa Torre de Babel de tipo maçónico.

Aqui chegados, a hipótese da invasão maçónica do Vaticano já não é uma simples hipótese, mas uma realidade que

lança luz sobre o Modernismo de Paulo VI, sobre o seu deixar andar a demolição da Igreja, sob o seu encarniçamento na destruição dos Estados Católicos, sobre a sua abertura ao Leste e o seu comportamento ideológico, ainda antes do seu discurso à ONU, um dos mais altos lugares da Maçonaria.

Recordemos a sua falta de oposição ao projecto do seu amigo Mons. Etchegaray, Presidente da Conferência Episcopal Francesa e Bispo de Marselha, quando quis dotar o Santuário de Nossa Senhora da Guarda com uma capela para os budistas e outra para os muçulmanos.

Esta era uma intenção tipicamente maçónica!

Tudo isto explica os altares voltados para o povo, a Comunhão na mão, o fim da Missa Tradicional, os Catecismos heréticos para corromper a Fé, etc., que nos fazem lembrar a advertência da Senhora de La Salette: «Roma perderá a Fé e tornar-se-á a sede do Anti-Cristo»; e a da Senhora em Fátima quando disse: «Satanás conseguirá introduzir-se até ao cimo da Igreja»!

Neste ponto, já ninguém se pode espantar com a veracidade da “Lista Pecorelli”, que contém 121 nomes de altos Prelados inscritos na Maçonaria.

Note-se que, pelo menos os principais e mais chegados e poderosos, eram colaboradores de Paulo VI.



Personagens que aparecem na Revista “OP” de 12.09.1978, sob o título: “La gran loggia vaticana”.

1° Mons. Pasquale Macchi

Foi seu secretário pessoal de 1967 a 1978, mas seu próximo desde 1954. Pois bem, também o seu nome está incluído na “Lista Pecorelli”, com os “dados”: inscrição: 23/4/1958; matrícula: 5463/2; nome de código: MAPA.

2° Cardeal Jean Villot

Foi muitos anos Secretário de Estado de Paulo VI, a seguir do Papa João Paulo I e, depois, de João Paulo II até à sua morte (em 9.3.1979).

O General G. Leconte, dos “Serviços Secretos franceses e o oficial Masmay, afirmaram explicitamente que o Card. Villot era maçã, e que “os seus pais eram ambos maçãs da Loja Rosa-Cruz”!

Eis os seus “dados”: inscrição: 6/8/1966; matrícula: 041/3; nome de código: JEANNI.

3° Cardeal Agostino Casaroli

Em 20 de Outubro de 1985, o Card. Casaroli, por ocasião das celebrações do 40º aniversário da ONU, fez, na Igreja de São Patrício de Nova Iorque, “uma homilia de grande fôlego”, cujo conteúdo “atesta que a concordância entre a Igreja e a Maçonaria podia ser considerada, de facto, adquirida”.

O Ven. Ermenegildo Benedetti, já “Grande Orador” do “Grande Oriente de Itália”, falando dos “irmãos” ao semanário “Oggi”, em 17 de Junho de 1981, declarou: «Dizia-se de Mons. Bettazzi, de Mons. Casaroli (...). Fique bem claro: não eram falatórios de corredor; eram “informações reservadas” que nós trocávamos, nós, os do vértice da Maçonaria Italiana».

Que o Card. Casaroli fosse “maçã”, admitiu-o também o Papa João Paulo II. De facto, em 15 de Outubro de 1984, veio ver-me um Arcebispo, colaborador chegado do Papa, com o seu secretário. Disse-me ter dado a ler ao Pontífice o meu artigo “A nova Concordata” (Chiesa Viva, nº 145), no qual o primeiro indicado era exactamente o Card. Casaroli. Pois bem, o Arcebispo disse-me que, depois de ter notado ao Papa que o artigo evidenciava a presença do Card. Casaroli na lista maçônica, João



Paulo VI com o Card. Benelli e o Card. Villot. O maçã Card. Jean Villot, cujos pais eram ambos maçãs da Loja Rosa-Cruz, foi Secretário de Estado de Paulo VI, de João Paulo I e de João Paulo II até à morte, em 9 de Março de 1979.

Paulo II, batendo três vezes o punho na mesa, exclamou: «Já sei!... Já sei!... Já sei!...»

Os seus “dados” são: inscrição: 28/9/1969; matrícula: 41/076; nome de código: CASA.

4° - Cardeal Ugo Poletti

Foi Vigário de Roma e, nessa qualidade, representante de Paulo VI no Governo da Diocese de Roma. Os seus “dados” são: inscrição: 17/2/1969; matrícula: 43/179; nome de código: UPO.

5° - Cardeal Sebastiano Baggio

Foi Prefeito da “Congregação dos Bispos” e, deste modo, **propunha a nomeação dos novos Bispos, não obstante a acusação** pendente de **pertencer à seita maçônica**, pelo que podia inundar as dioceses de todo o mundo com inscritos nas Lojas ou com filo-mações! Os seus “dados” são: **inscrição:** 14/8/1957; **matrícula:** 85/2640; **nome de código:** SEBA.



O **mação** Card. **Joseph Suenens**, ligado a Paulo VI por particular amizade, foi demitido da Sé cardinalícia de Bruxelas quando Dom Luigi Villa entregou ao Santo Ofício os documentos provando a sua pertença à Maçonaria, da sua convivência com uma mulher e da existência do seu filho Paulo.

6° - Cardeal Joseph Suenens

Foi um dos grandes eleitores de Paulo VI. Suenens participou numa espécie de “pré-conclave”, reunido na Vila de Grottaferrata de **Umberto Ortolani**, famoso membro da Loja P2 de **Licio Gelli**! O Hon. **Andreotti**, no seu livro “A ogni morte di Papa”, falando daquela reunião, re-



Paulo VI confiou a **Mons. Anibale Bugnini** a Reforma Litúrgica que retorce a liturgia do passado e inflige danos irreparáveis à Fé Católica. **Bugnini** foi afastado para Teerão (Irão), como Pro-núncio, depois que um Cardeal mostrou a Paulo VI os documentos da sua pertença à Maçonaria.

fere que um dos interventores lhe disse que “**já estava conseguida a maioria canónica!**”

Depois da sua eleição, **Paulo VI** nomeou Suenens “**Moderador**” do Concílio”.

Os seus “dados” são: **inscrição:** 15/6/1967; **matrícula:** 21/64; **nome de código:** IESU.

7° - Bispo Annibale Bugnini

Foi afastado por João XXIII do Ateneu Pontifício onde ensinava, mas **Paulo VI** chamou-o para lhe confiar a **Reforma Litúrgica**, nomeando-o, primeiro, Secretário do “**Concilium ad exequendam Constitutionem de Sacra Liturgia**”, e, depois, Secretário da **Congregação para o Culto Divino**.

No entanto, quando um Cardeal apresentou a **Paulo VI** a “**prova**” da pertença de **Mons. Bugnini** à Maçonaria, **Paulo VI** foi obrigado a afastá-lo de Roma, enviando-o como “**pró-Núncio**” para Teerão (Irão).



O mação Card. Franz Köenig almoçando com Paulo VI.

Os seus “dados” são: **inscrição:** 23/4/63; **matrícula:** 1365/75; **nome de código:** BUAN.

8° - Cardeal Franz Köenig

Foi Arcebispo de Viena. Teve dois processos civis, sendo em ambos reconhecida a sua pertença à Maçonaria. No jornal Católico “DRM” aparece um processo contra o professor Católico e escritor alemão E.K., o qual provou a filiação na Loja maçónica do Cardeal Köenig. **Também o histórico membro da Maçonaria, Prof. Aldo Mola, indicou Köenig como pertencente à Maçonaria.** É bom lembrar que, no Concílio, foi o **Card. Köenig** que recomendou aos Padres Conciliares **“tomar, finalmente, em consideração a ideia (de cunho maçónico) de Teilhard de Chardin sobre o evolucionismo!”**

9° - Cardeal Achille Liénart

Figura como “mação” em várias listas, como em “Introito” de Julho de 1976 e no semanário italiano “Il Borghese”. Foi iniciado na Maçonaria em Cambrai, em 1912, e em 1924 foi elevado ao grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceite.

O franco-mação Sr. B. contou que, no tempo em que frequentava a Loja, encontrava o Card. Liénart!

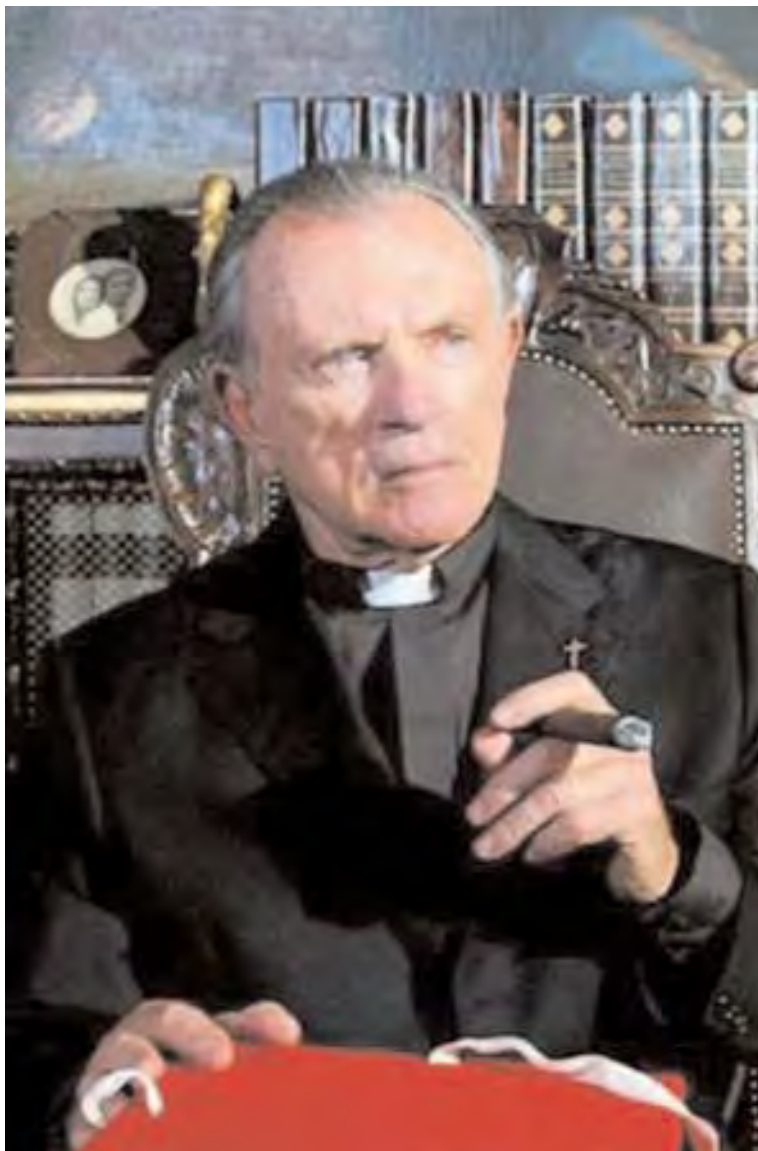
É bem compreensível, então, que aquele Cardeal mação, no leito de morte, tenha exclamado: **«Humanamente falando, a Igreja está perdida!».**



O mação Card. Achille Liénart com o grau 30° da Maçonaria R.E.A.A., foi o artífice da viragem maçónica no Concílio Vaticano II. No leito de morte, exclamou: **«Humanamente falando, a Igreja está perdida!».**

10° - Bispo Paulo Marcinkus

Foi Presidente do **Instituto de Obras da Religião (IOR)** e implicado em obscuras vicissitudes financeiras, em estreitíssima colaboração com a **Máfia** e a **Maçonaria**. Os seus “dados” são: **inscrição:** 21/8/1967; **matrícula:** 43/649; **nome de código:** MARPA.



O mação Mons. Paulo Marcinkus, chamado o “gorila”, foi vários anos guarda costas de Paulo VI. A seguir torna-se Presidente do IOR, que usou para branquear dinheiro da Máfia. No recente livro “Wojtyla segredo” di G. Galeazzi e F. Pinotti, Mons. Marcinkus e o Card. Jean Villot são indiciados como executores materiais do assassinio de João Paulo I.

Como final, quase a confirmar de modo autorizado a filiação de Paulo VI na Maçonaria, quero citar o **Giornale Massonico Italiano** (cf. “Rivista Massonica n° 5, Julho de 1978, vol. LXIX-XII, nova série), que publicou um “tributo” a Paulo VI que continha quanto segue: «Para muita gente, essa (a morte de Paulo VI) é a morte de um Papa; evento providencialmente raro, mas que acontece ainda a distância de anos e decénios. Para nós, é

a morte daquele que pôs fim à condenação de Clemente XII e dos seus sucessores. Pela primeira vez na história da Maçonaria moderna, o chefe da maior Religião do Ocidente não morre em hostilidade com os Franco-mações. E pela primeira vez na história, os Franco-mações podem render homenagem à sepultura de um Papa (Paulo VI) sem ambiguidade nem contradição».



O Papa Leão XIII foi autor de diversas encíclicas contra a Maçonaria, entre as quais a mais forte foi a “**Humanum genus**” de 1884.

Perante esta dramática situação da Igreja, a surpresa dos fiéis deve-se, principalmente, ao facto de ignorarem a existência de **586 documentos eclesiásticos** que condenam a “seita satânica” da Maçonaria, emitidos durante 260 anos, desde 1798 até hoje. Ademais, ignoram o “plano maçónico” denunciado pelo Papa Leão XIII na sua encíclica “**Humanum genus**”, isto é, que «o supremo objectivo dos franco-mações é este: destruir de cima a baixo toda a ordem religiosa e social, que foi criada pelo Cristianismo e, baseando-se nos fundamentos e normas do Naturalismo, refazê-la totalmente».

«O nosso objectivo final é o de Voltaire e da Revolução Francesa, isto é: o aniquilamento completo do Catolicismo e mesmo da ideia Cristã! Com o passaporte da hipocrisia, podemos conspirar com toda a nossa conveniência e atingir, pouco a pouco, o nosso objectivo».

(Instrução secreta da Alta Vendita – 1820)

Ora, este “plano maçónico” de destruição da Igreja de Cristo está agora em execução.

Nas “directivas” maçónicas de 1961, lê-se: «O Concílio Vaticano II é a ocasião, a grande ocasião por nós longamente esperada para o triunfo das nossas idéias, dado que os mações já estão operativos em todos os níveis da Jerarquia Eclesiástica».

Mas, a arma para a destruição da Igreja é a corrupção e a mentira. Nos documentos da Alta Vendita, de facto, lê-se: «Corromperemos os povos por intermédio do Clero e o Clero por nosso intermédio» e ainda: «Faremos o Clero marchar sob a vossa (Maçonaria) bandeira, pensando marchar sob a bandeira das Chaves Apostólicas!»...

Esta realidade, infelizmente, isto já está sob os nossos olhos.

«Façam com que o clero caminhe sob a vossa bandeira, crendo caminhar sob a bandeira das Chaves Apostólicas! Estendei as vossas redes; estendei-as no fundo das sacristias, dos seminários e dos conventos (...) Pescareis amigos e os conduzireis aos pés da Cátedra Apostólica. Pescais assim uma revolução em tiara e capa, precedida da Cruz e do pendão; uma revolução que não terá necessidade senão de uma pequena ajuda para pegar fogo aos quatro cantos do mundo».

(Instrução secreta da Alta Vendita – 1820)

Leão XIII já o previra. O mação e alto iniciado Tommaso Ventura, tinha reconhecido a “Humanum genus” como «o mais solene documento anti-maçónico. O Papa vê muito bem, compreende o que é a Maçonaria, desvelou a sua fisionomia exacta, pôs a nu as suas aspirações em termos inequívocos».

Mas, então, porquê tantos Bispos e tanto Clero estão, actualmente, marchando sob a bandeira maçónica? É só ingenuidade, ignorância, ou é **traição à Fé?**

Uma traição que segue a de Paulo VI?

O meu interesse e a minha actividade anti-maçónica começaram devido a um encontro não programado com **Padre Pio**, o qual me impôs a missão de dedicar toda a minha vida à defesa da Igreja de Cristo contra a obra da Maçonaria eclesiástica.

Mas foi num encontro posterior que Padre Pio me deu instruções específicas para esta “missão”, terminadas com um abraço e estas palavras: «**Coragem, coragem, coragem, porque a Igreja já está invadida pela Maçonaria... A Maçonaria já chegou às pantufas do Papa!**». Estava-se na segunda metade de 1963 e **o Pontífice era Paulo VI.**

Estas últimas palavras de Padre Pio foram a atribuição de uma tarefa e de um objectivo específico. Foi assim que, **após a aprovação inicial desta minha “missão” por Pio XII e sob a direcção do Card. Ottaviani, Prefeito do Santo Officio**, iniciei o trabalho de indagação e de busca de documentos, o que me levou a descobrir, posteriormente, que além das pantufas de Paulo VI, a Maçonaria já tinha chegado também a muitas meias vermelhas de Bispos e Cardeais da Santa Igreja Romana.

O meu maior esforço, no entanto, foi a publicação do livro “**Paolo VI beato?**” (seguido de mais dois: “**Paolo VI, processo a un Papa?**” e “**La ‘nuova chiesa’ di Paolo VI**”), obra indispensável para bloquear a causa de beatificação de Paulo VI e a qual contém as provas da pertença de Paulo VI à Maçonaria, sendo a principal o quadro nº 12 da “porta de bronze” da Basílica de São Pedro.



A “estrela de 5 pontas” no dorso da mão de Paulo VI (ver pp. seg.).

Neste **quadro nº 12**, no dorso da mão esquerda da figura que representa Paulo VI, **sobressaía uma “estrela de cinco pontas” inscrita num círculo**. Tal símbolo, tipicamente maçónico, que representa **“a religião do homem que se faz Deus”**, depois da minha intervenção em alto nível, primeiro foi raspado; seguidamente, o quadro nº 12 foi substituído por outro.

Mas, nos trabalhos de pesquisa que efectuei, além de várias citações que comprovam a filiação de Paulo VI na Maçonaria, descobri que **na pedra tumular de Giuditta Alghisi** (mãe de Paulo VI), no cemitério de Verolavechia (província de Brescia), estavam gravados, **bem visíveis, símbolos maçónicos** (esquadro, compasso, triângulo, etc.); obra – ao que se diz – desenhada pelo seu filho Giovanni Battista Montini.



Símbolos maçónicos esculpidos na pedra tumular da mãe de Montini, **Giuditta Alghisi**, no cemitério de Verolavechia, Brescia (ver pp. seg).

Por outro lado, fez-se um estudo sobre o **monumento a Paulo VI** no Sacro Monte de Varese, cujo resultado foi que a essência da obra coincidia com a frase conclusiva do meu primeiro livro, **“Paolo VI beato?”: «Quer dizer, um Paulo VI que traiu Cristo, a Igreja, a História»**. Só que a Maçonaria indica as **“três traições”** como os **“três actos de justiça” do mação Paulo VI**, no confronto de Cristo, da Igreja e da História!

No peito da estátua de Paulo VI neste monumento, além disso, ressalta **um pendente quadrangular**, que o autor do estudo demonstrou ser o Ephod do Sumo-sacerdote Judeu, Caifás!

Ora, é verdade que **Paulo VI usou o Ephod no peito durante vários anos** depois da sua visita à Terra Santa, mas o facto de que a Maçonaria tenha querido colocar tal símbolo no seu peito, num monumento que glorifica o mação Paulo VI e a própria Maçonaria, faz surgir a suspeita de que **a posição de Paulo VI na hierarquia maçónica fosse realmente do vértice, se não verdadeiramente “o vértice”!**

Comprova-o o facto de que **Paulo VI** dedicou todo o seu Pontificado à realização da **“Religião do Homem”** e da **“Igreja Universal do Homem”**, quer dizer, à transfor-



Detalhe do **monumento maçónico** erigido a Paulo VI no Sacro Monte de Varese. No peito, acentua-se o pendente quadrangular, **Ephod** (ver pp. seguintes).

mação da Igreja Católica numa **instituição que abandonou o sobrenatural para se dedicar exclusivamente a questões humanas e humanistas**, pondo-se ao serviço do poder político mundial, inimigo acérrimo de Cristo e da Sua Igreja. Mas este é o objectivo do **Vértice da Maçonaria!** É o objectivo do **Patriarca da Maçonaria** que, na “teologia maçónica”, se chama mesmo **Patriarca do Mundo**.

Mas o **Patriarca da Maçonaria** é o **Chefe supremo da satânica Ordem dos Iluminados da Baviera**, e o **Patriarca do Mundo** é a **terceira Pessoa**, após **Lúcifer** e o **Imperador do Mundo**, da blasfema e satânica **Santíssima e Indivisível Trindade** maçónica, melhor caracterizada por São João Evangelista como a união de três Bestas: **o Dragão** (Lúcifer), **a primeira Besta saída do mar** (Imperador do Mundo), **a segunda Besta saída da Terra**, que tem dois cornos semelhantes aos de um carneiro (Patriarca do Mundo).

Alguns factos poderiam corroborar esta hipótese: a simbologia da cruz templária, encimada por um facho, que aparece no **Pálio de Paulo VI** e a **estranha “assinatura” de Paulo VI**. A primeira, caracteriza-o como **“Chefe Supremo”** da Ordem dos Iluminados; a segunda, como a **“segunda” Besta saída da Terra**, no Apocalipse.



Um antiga fotografia da **tumba da família Alghisi**, no cemitério de Verolavechia, na Província de Brescia.



Uma fotografia recente de quanto restou da tumba da família Alghisi, no cemitério de Verolavechia, na Província de Brescia.

À *direita*: detalhe da parte inferior da pedra tumular de **Giuditta Alghisi**, mãe de Paulo VI em que aparecem símbolos maçônicos.

À *direita, em baixo*: ampliação dos símbolos maçônicos que aparecem na parte frontal baixa da pedra tumular de **Giuditta Alghisi**. Diz-se que o desenho e o conjunto dos símbolos teriam sido realizados por **Mons. Giovanni Battista Montrini** (para a significação maçônica destes símbolos, veja-se a página seguinte).

Embaixo: a pedra tumular da mãe de Paulo VI, **Giuditta Alghisi**.



A BLASFEMA E SATÂNICA TRÍPLICE TRINDADE MAÇÓNICA na tumba de Giuditta Alghisi, mãe de Paulo VI

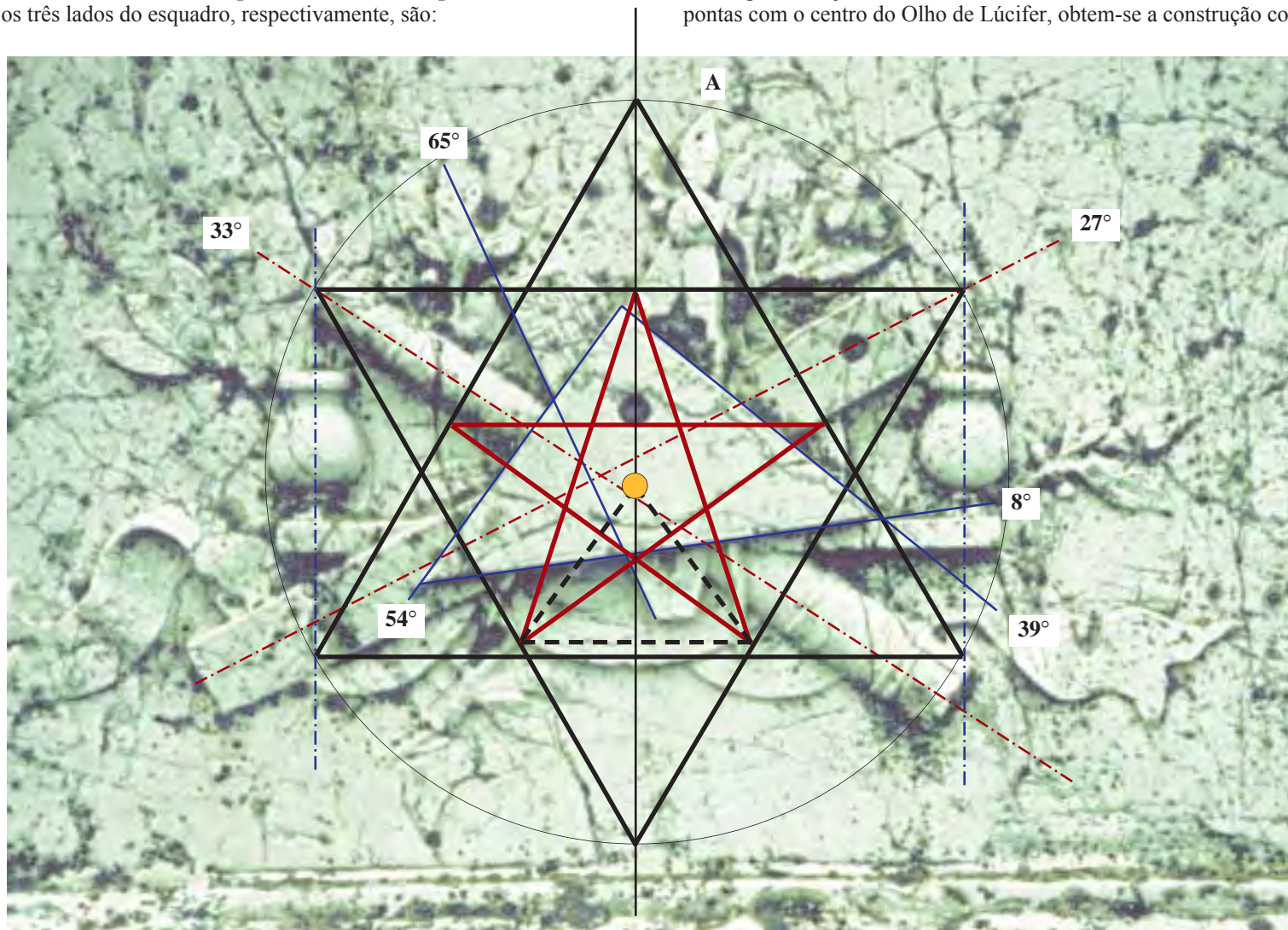
O eixo da figura, que passa pelo centro da abertura do esquadro em primeiro plano, é paralelo ao eixo vertical das duas ânforas, na extremidade do nível.

Significativos são os ângulos dos principais objectos representados:

- o eixo do **canhão**; $33^\circ =$ **Maçonaria do REAA**;
- o eixo da **régua**; $27^\circ = 3$ vezes nove = 3 vezes 18 = **3 vezes 666 = declaração de guerra a Deus**;
- O ângulo do objecto em forma de "V", que aparece sob o esquadro: $65^\circ = 6 + 5 = 11 =$ número místico da Cabala, mas também: **6 e 5 = estrela de 6 pontas e estrela de 5 pontas**;
- os três lados do esquadro, respectivamente, são:

Juntando a estes **4 pontos de intersecção** os dois pontos de intersecção do círculo com o eixo da figura que passa pelo centro da circunferência no esquadro, obtêm-se os **6 vértices** de uma **estrela de 6 pontas** (traçada com linha preta).

Inscrevendo uma **estrela de 5 pontas** no hexágono central da estrela de 6 pontas, nota-se que o centro das duas estrelas não coincide. Se se desenha uma circunferência de raio igual à distância entre os dois centros, obtêm-se uma circunferência que representa o **Olho de Lúcifer**. Esta circunferência tem o mesmo diâmetro dos dois furos do esquadro e da régua. Ora, juntando os dois vértices inferiores da estrela de 5 pontas com o centro do Olho de Lúcifer, obtêm-se a construção com-



- $8^\circ =$ estrela de 8 pontas = **estrela de Lúcifer**;
- $39^\circ = 3$ vezes 13 = **Lúcifer trinitário**;
- $54^\circ = 6$ vezes 9 = 6 vezes 18 = **108 = olho de Lúcifer**.

O significado dos ângulos do objecto em forma de "V" e dos três lados do esquadro sugerem a presença do segredo mais ciosamente guardado da Maçonaria: a **Tríplice Trindade Maçónica**.

Consideramos a circunferência tangente exteriormente às duas ânforas e passando pelo ponto A, extremidade superior do **compasso**. Os dois objectos que não estão completamente contidos nesta circunferência são o **canhão** e a **régua**. Isto sugere uma "intersecção". De facto, o eixo do canhão e o eixo da régua intersectam o círculo exterior nos pontos de intersecção superiores do eixo das duas ânforas com o círculo, enquanto a intersecção inferior determina outros dois pontos na circunferência.

pleta da blasfémica e satânica **Tríplice Trindade Maçónica**.

A **Primeira Trindade** (o **mação de 1º grau** ou **Pedra em bruto**) é constituída pelo triângulo com linha a traço negro, e tem como vértice superior o centro do Olho de Lúcifer.

A **Segunda Trindade** (**mação de 15º grau** ou **Mestre**, ou **Homem-Deus** ou **Pedra Perfeita**), é constituída pela **estrela de 5 pontas**, **estrela de 6 pontas** e o **Círculo Central**, chamado **Espírito Santo**.

A **Terceira Trindade**, chamada pelos vértices da Maçonaria **Santíssima e Indivisível Trindade**, é constituída pelo triângulo tombado da estrela de 5 pontas e contendo, ao centro, o **Olho de Lúcifer**.

Os lados deste triângulo representam: **Lúcifer** (lado horizontal), o **Imperador do Mundo** e o **Patriarca do Mundo**.

Esta **Terceira Trindade** é o **Anti-Cristo do Apocalipse**, juntamente com as três Bestas: o **Dragão** (Lúcifer), a **primeira Besta saída do mar** (Imperador do Mundo), e a **segunda Besta saída da terra** (Patriarca do Mundo).



A “porta de bronze” na Basílica de São Pedro de Roma

Esta “porta”, chamada “**Porta do Bem e do Mal**”, foi esculpida por Luciano Minguzzi e colocada em 1977, **para o octogésimo aniversário de Paulo VI** (nascido em, 26 de Setembro de 1897). O **Quadro nº 12** (indicado pela flecha preta) representa o **Concílio Ecuménico Vaticano II** e é figurado por quatro Padres conciliares entre **João XXIII e Paulo VI**.

Enquanto João XXIII e os outros Padres conciliares eram esculpidos com o rosto de frente, **Paulo VI**, último à direita, era esculpido de perfil, de modo a apresentar, bem visível, a sua mão esquerda que, no dorso, **tinha o símbolo por antonomásia da Maçonaria: a estrela de 5 pontas, também designada “Pentalfa maçónico”**. A estrela de 5 pontas simboliza a **auto-divinização do homem e da humanidade** e, portanto, exprime a **“Religião do Homem”**, ou melhor, a doutrina sobre a qual se funda a satânica **“Igreja Universal do Homem”**.

Pouco após a inauguração, Don Luigi Villa notou, de súbito, aquela insígnia maçónica no dorso da mão de Paulo VI e denunciou o facto a um Cardeal, que fez raspar o símbolo, deixando uma mancha avermelhada.

Porém, depois o Quadro nº 12 foi substituído por outro (página seguinte), no qual não aparecem seis figuras, mas apenas cinco.

Ora, **como se pode explicar que um Papa (Paulo VI) tenha mandado esculpir a própria imagem na “porta de bronze”, com um símbolo maçónico no dorso da sua mão, mesmo sabendo que ficaria ali a testemunhar, ao longo dos séculos, que ele, Paulo VI, seria julgado um “Papa mação”?**

E não se pode dizer que esta obra do escultor Minguzzi fosse executada sem a sua aprovação, porque foi ele mesmo benzê-la no dia do seu aniversário, como também depois foi publicado um **“Suplemento”** do **“L’Osservatore Romano”** pelo seu octogésimo aniversário e até com aquela marca satânica na mão, **quase a “assinatura” do seu Pontificado!**



Este é o primeiro **Quadro 12** original da “porta de bronze” da Basílica de São Pedro, que representa o **Concílio Ecuménico Vaticano II**, com quatro Padres conciliares entre **João XXIII e Paulo VI**. Desde o protesto de **Dom Luigi Villa**, um Cardeal mandou raspar o símbolo maçónico exposto no dorso da mão esquerda de **Paulo VI** e, em seguida, o **Quadro 12** foi substituído



Em cima: Ampliação da “Estrela de 5 pontas” exposta no dorso da mão esquerda de Paulo VI, no **Quadro nº 12 original** da “porta de bronze” da Basílica de São Pedro em Roma.



Ao lado: Pormenor da figura de Paulo VI, no **Quadro nº 12 original** da “porta de bronze” da Basílica de São Pedro em Roma.

Em baixo: Este é o **novo Quadro nº 12**, que substitui o primeiro, por decidida intervenção de Dom Luigi Villa junto a um Cardeal.





Em cima: A praçeta detrás do **Santuário da Beata Virgem Coroada**, no Sacro Monte de Varese, onde foi colocado o monumento a Paulo VI, notado pela estranheza de ter, entre as quatro ovelhas a seus pés, **uma ovelha com cinco patas**.

Ao lado: O monumento maçónico a Paulo VI que, além da estátua colocada sobre uma coluna que tem como pedestal 5 “estranhos” degraus irregulares, apresenta muitos símbolos maçónicos que identificam os emblemas heráldicos do 16º, 17º e 18º graus da Maçonaria de Rito Escocês Antigo e Aceite.



O monumento maçónico a Paulo VI no Sacro Monte de Varese

O monumento é inaugurado em 24 de Maio de 1986, na presença do Ministro dos Estrangeiros, **Giulio Andreotti** e benzido pelo **Card. Agostino Casaroli, Secretário de Estado do Vaticano**. O inspirador foi **Mons. Pasquale Macchi**, Secretário particular de **Paulo VI** e Arcebispo de Sacro Monte. O que ligava estes três ilustres personagens, **Macchi, Casaroli e Andreotti**, era seguramente a sua amizade e proximidade a Paulo VI, mas também a sua **pertença à Maçonaria!** Pois se o Santuário é dedicado à **Beata Virgem Coroada, baluarte da defesa do Catolicismo** contra a heresia do protestantismo e **monumento à vitória contra estas heresias**, a ideia central do **monumento a Paulo VI** é a declaração da vitória **da Maçonaria contra o Catolicismo**, e a glorificação desta vitória é apresentada com **a coroação do homem e mação Paulo VI com a “mitra” de Akhenaton**, o faraó herético, Deus, Pontífice e Rei do Egipto da 18ª Dinastia faraónica, que mudou a religião do Egipto! Como detalhado nas páginas seguintes, além da “mitra” de Akhenaton, a Maçonaria colocou no peito de Paulo VI um pendente que o declara **“Pontífice Judeu”!**

**Fora de metáfora, a ideia unitária do monumento maçônico a Paulo VI
no Sacro Monte de Varese,
a tríplic acusação da sua “Traição”
a CRISTO, à IGREJA e à História dos povos Cristãos
a saber:**



1ª TRAIÇÃO

18º grau “**Cavaleiro Rosa-Cruz**”.
A **traição a Nosso Senhor Jesus Cristo**, com a intenção de **cancelar o “Sacrifício de Cristo na Cruz com a sua Nova Missa”**, abolindo o “Sacrifício” e a “Presença Real”.



2ª TRAIÇÃO

17º grau “**Cavaleiro do Oriente e do Ocidente**”.
A **traição à Igreja**, invadindo-a com **Prelados mações**, para a poder reformar e pôr ao serviço do **Homem, do Governo Mundial e do Judaísmo**.



3ª TRAIÇÃO

16º grau “**Príncipe de Jerusalém**”.
A **traição a todos os povos Católicos**, com o seu “**Ecumenismo maçônico**” e a sua “**República Universal maçônica**”, formada por **Estados multi-étnicos e inter-religiosos**.

Ephod: o símbolo do Pontífice Judeu e da negação da Divindade de Jesus Cristo

Desde 1964, **Paulo VI foi fotografado com o Ephod**, o peitoral do Sumo Sacerdote que Arão e os seus sucessores levaram a Moisés por ordem do Senhor. Era um pendente quadrangular com doze pedras preciosas dispostas em quatro filas, símbolo das 12 tribos de Israel. Este emblema estava a ser usado pelo Sumo Sacerdote Caifás quando condenou Jesus Cristo à morte, por se ter declarado **“Filho de Deus”!** Desde aquela condenação, **o Ephod representa o símbolo da negação da Divindade de Cristo.**

Paulo VI pareceu abdicar de ser Vigário de Cristo quando, na Basílica de São Pedro, na presença de dois mil Bispos, **renunciou à “Tiara” com as três coroas**, na véspera de exonerar os judeus da sua culpa de **“deicídio! Depois daquele gesto, era ainda Papa?”**

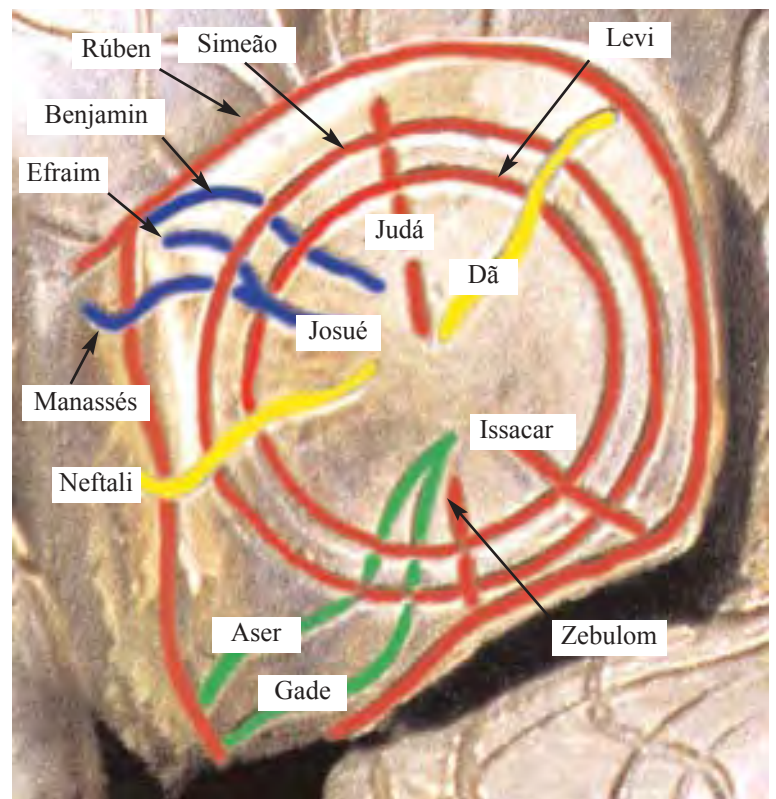
No peito de **Paulo VI**, no monumento maçónico do Sacro Monte de Varese, **sobressai um pendente quadrangular com 14 estranhas e distintas incisões.** Que representa este pendente?

Descobriu-se que as estranhas incisões no pendente representam as **12 tribos de Israel** (ou melhor, os doze filhos de Jacob e os dois filhos de José que, entre ambos, no lugar do Pai, assumiram o comando da 11ª tribo).

Donde a Maçonaria, com este **“reconhecimento” a Paulo VI**, declara-o oficialmente **“Pontífice Judeu”!**

Em baixo, à esquerda: ampliação do pendente quadrangular que sobressai no peito da estátua de **Paulo VI**.

Em baixo, à direita: elaboração e evidenciação, mediante cores, dos fundadores das 12 tribos de Israel, presentes no pendente quadrangular posto no peito de Paulo VI. As cores vermelha, amarela, verde e azul, indicam as 4 mães dos **12 filhos e 2 descendentes** de Jacob.





**Paulo VI usou o Ephod,
símbolo da negação da Divindade
de Jesus Cristo, muitos anos**

Eis algumas das fotografias
que testemunham
esta incrível escolha de Paulo VI.

À esquerda: O Sumo Sacerdote
do Sinédrio, Caifás, que ostenta
o Ephod no peito.



Christian Vanguard — OCTOBER 1973



1973

1965
AU STADE DES YANKIES A NEW-YORK — 4 OCT. 1965 — © L'Édition Publications, Paris, F.R.A.



Journal de Montréal 3 DÉCEMBRE 1974



1974

La Croix
et l'Ephod

La Documentation Catholique — 17 AVRIL 1966, NO 1469



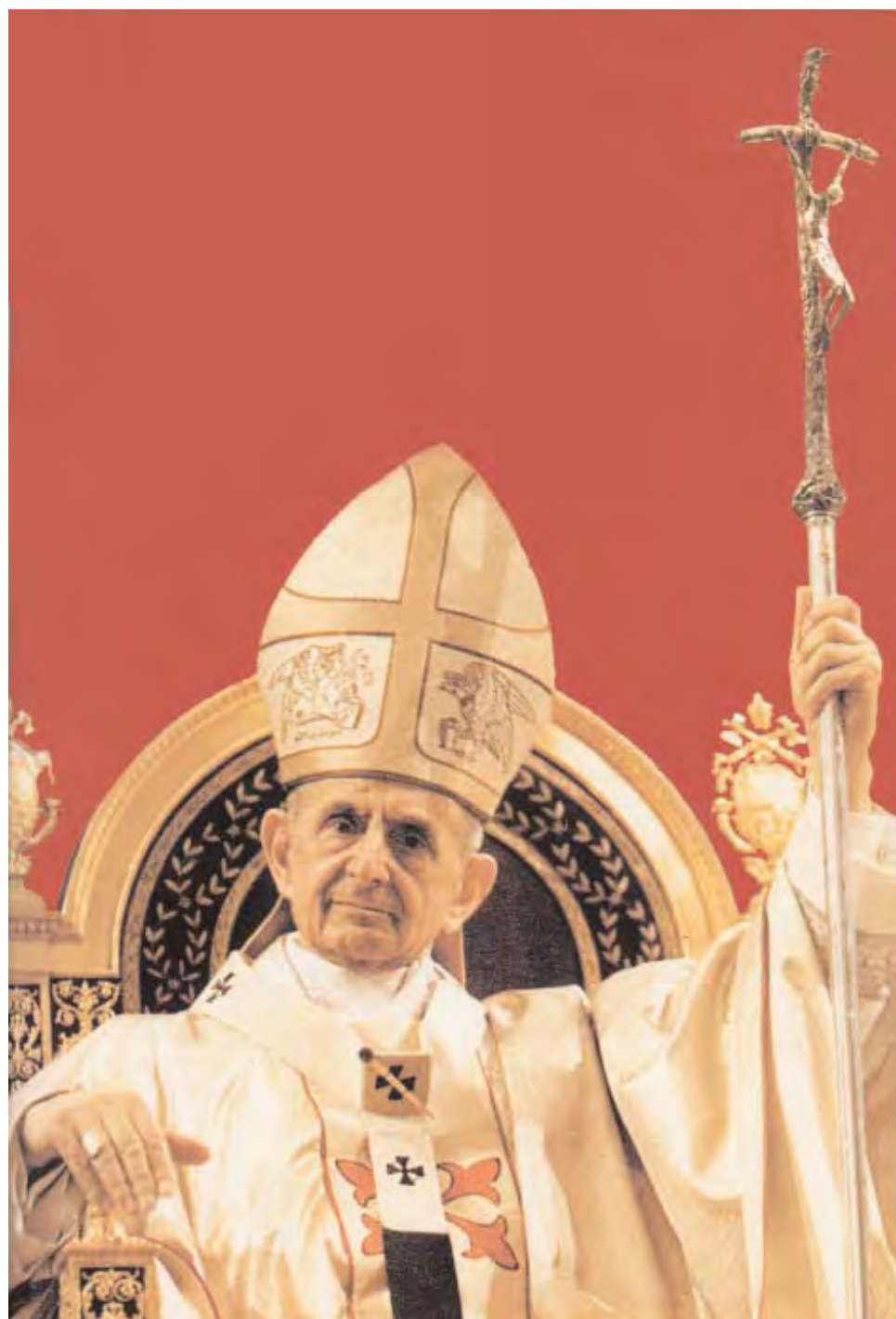
1966



EPHOD



AS CRUZES TEMPLÁRIAS NO PÁLIO DE PAULO VI



Na parte anterior do Pálio de Paulo VI aparecem **Cruzes Templárias** de cor preta, das quais uma tem sobreposta um “archote” que a atravessa em diagonal.

Peritos em simbologia maçónica fizeram exames e concluíram que a **Cruz Templária** assume os seguintes significados:

1. **Culto do Falo** («A **Cruz Templária** revela a ideia mãe da Cabala: é o sinal da quádrupla geração que produz os 4 mundos... é o Falo, a força geradora que abre todos os tesouros da natureza»);
2. **Culto do Homem** («A **Cruz Templária** exprime, na unidade dos triângulos convergentes ao centro, os significados de espiritualidade divina e da sua imanência no homem»);
3. **Culto de Lúcifer** («A **Cruz Templária** oculta o **Tetragrama Sagrado Judaico** com as letras do Nome Divino **JHWH**» - isto é, do Deus-cabalístico Lúcifer – n.r.)

Estes três cultos são os três principais animadores das três séries dos 11 graus da Maçonaria R.E.A.A. **para obter a corrupção do corpo, da alma e do espírito** mação.

O mação **Gorel Porciatti**, perito em simbologia maçónica, no seu livro “**Gradi Scozzesi**”, atribui à **Cruz Templária** um outro significado interessante: «Enquanto a **Cruz Latina** corresponde ao **cubo**, símbolo da Terra sobre o plano subjacente, a **Cruz Templária** corresponde ao desenvolvimento da **pirâmide**, símbolo do **Fogo Universal** sobre o plano sobrejacente.

De facto, se cortarmos os cantos de uma pirâmide de base quadrada, abrindo-a, obtém-se uma **Cruz Teutónica**. Pela sua característica de simbolizar o “**vértice**” e o “**fogo**” que se sobrepõe à Terra, a “**pirâmide**” foi adoptada como símbolo da satânica **Ordem dos Ilu-**



Ampliação da parte alta e anterior do **Pálio de Paulo VI**.
As cruzes são **Cruzes Templárias**, sendo a superior encimada por um a"archote".



Emblema heráldico do **grau 30: Cavaleiro Kadosch**, da Maçonaria de Rito Escocês Antigo e Aceite.

«O mação deste grau entrega-se à **guerra aberta contra Deus!** Todavia, é avisado que ninguém atinge este grau sem **ter sacrificado** ao objecto do seu **“Culto”**».

Depois de se ter ajoelhado e abaixado a sua insígnia diante da **imagem de Lúcifer, o “Bafomete**, oferece-lhe o sacrifício de incenso perfumado; dirigindo-lhe, depois, esta reza: **«Ó Sapiência onipotente, objecto da nossa adoração; és tu que invocamos neste momento. Causa suprema do Universo, Razão eterna, Lume do espírito, Lei do coração, quão augusto e sacro é o teu sublime culto!**

O cúmulo do **ódio satânico contra Deus** é bem expresso no gesto simbólico do **Cavaleiro Kadosh**: aponta o punhal contra o céu, cantando o seu cântico e terminando repetindo a sua invocação a Lúcifer: **“Deus Santo, Vingador!”** e o seu **desafio a Deus: “Vingança, Adonai”**» (Meurin, **Franco-maçonaria, sinagoga de Satã**, Siena, 1895, pp. 361-366).

minados da Baviera, a qual, de facto, é o **vértice** de todas as Obediências maçónicas. Para ilustrar este conceito, bastaria recordar a **“pirâmide”** que aparece na nota de banco de 1 dólar e todos os significados relativos aos Iluminados da Baviera.

Mas os **Iluminados** têm até outro símbolo: o **archote**, representado em tantas pinturas, quadros, estampas da época revolucionária francesa, que aparece na estátua da Praça da Bastilha, em Paris, e que está na moeda de 10 francos... Tudo isto são representações que glorificam o **“espírito”** e o **“génio”** da Revolução Francesa, isto é, a **Ordem dos Iluminados**, que foi a **verdadeira alma** e o **verdadeiro motor** dessa Revolução, que levou à oferta do **“archote” ao homem, para o libertar de Deus e das cadeias da Sua Lei**.

O **“archot”**, além disso, aparece também em **Bafomete**, o deus pan-teísta da Maçonaria.

Mas, na simbologia maçónica, **quando um símbolo é colocado sobre outro**, significa que o símbolo que está por cima **“transcende”** o que está debaixo, isto é, **“supera”, “ultrapassa”, “está fora e acima da realidade subjacente”!**

Ora, se ordenarmos toda esta simbologia, no sentido hierárquico maçónico no campo espiritual, **obtem-se a seguinte sucessão**:

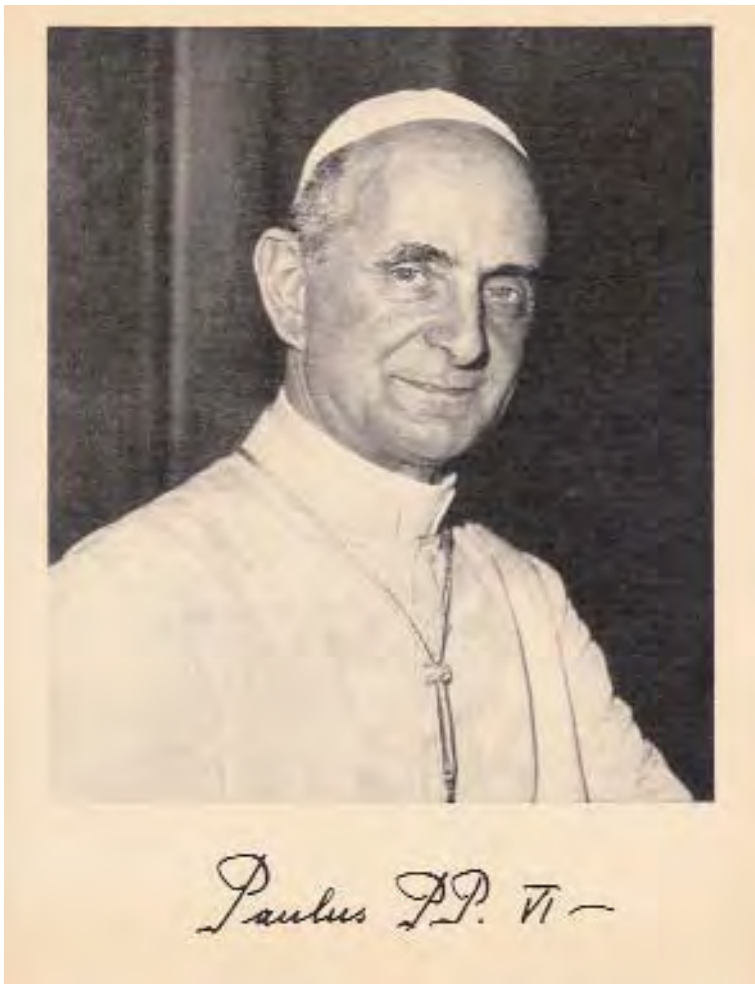
1. A **Cruz Latina** no peito de **Paulo VI** indica a **Religião católica**, para uso dos profanos;
2. A **Cruz Templária**, no peito de **Paulo VI** indica a **Religião agnóstica-maçónica** com os seus três cultos maçónicos, para uso dos mações;
3. A **Cruz Templária**, entendida como Pirâmide, indica a **Doutrina Ateia Comunista** dos Iluminados da Baviera;

4. O **archote** sobre a Cruz Teutónica indica o **Pontífice Supremo da Maçonaria Universal**, ou **“Patriarca do Mundo”**.

A blasfema e satânica **Tríplice Trindade Maçónica**, cuja **Terceira Trindade** é formada por **Lúcifer, o Imperador do Mundo** e o **Patriarca do Mundo**.

Esta realidade é de tal modo assustadora e no limite do incrível que se poderia rejeitar instintivamente na sua totalidade, não fora o aviso da Senhora de La Salette, quando disse: **«Roma perderá a Fé e tornar-se-á a sede do Anti-Cristo!»** Ou pior ainda quando, em Fátima, a Senhora afirma:

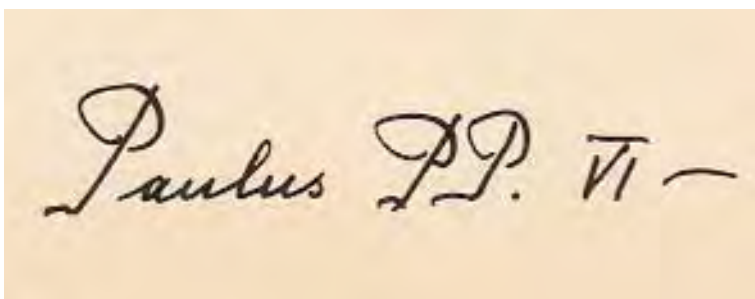
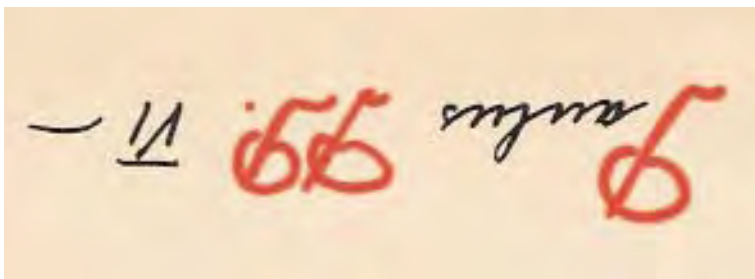
«Satanás conseguirá introduzir-se no topo da Igreja!»!



Esta fotografia é o **retrato oficial de Paulo VI**.
Sob a fotografia aparece a **estranha assinatura de Paulo VI**:
Paulus PP.VI com um traço sobre o número romano VI
e um outro traço curvilíneo ao lado.



Emblema do grau 30 da Maçonaria de Rito Escocês Antigo e Aceite: Cavaleiro Kadosh. O ritual prevê o **aniquilamento da Tiara papal, o ódio a Deus e a declaração de guerra a Deus**. Em 13.11.1964, **Paulo VI depõe a Tiara** na presença de 2.000 Bispos.



As **três estranhas letras P**, se juntas, formam o número **999**. Pois que o número **9** exprime o número **18** ($1 + 8 = 9$) e o número **18** é a soma de $6 + 6 + 6 = 18$, o número **9** remete para a **Marca da Besta** e o **número do Anti-Cristo 666**. Portanto, as três letras **P**, simbolizam o número **3 vezes 666**, que é a **“assinatura” da Maçonaria** que exprime **a declaração de guerra Deus!**

Invertendo a assinatura de Paulo VI, os **três 9** tornam-se **três 6 = 666**, que representam a **Marca da Besta** e o **número do Anti-Cristo**.

Finalmente, a assinatura de Paulo VI é constituída pela palavra **“Paulus”**, formada por **6** letras; pelas letras **P e P**; pelos algarismos romanos **V e I**; pelo **traço** sobre o algarismo romano **VI**; e por outro **traço curvilíneo** ao lado do algarismo romano **VI**. No total, **6** símbolos. As letras, números e sinais da assinatura, deste modo, totalizam o número **2 vezes 6**. Que significado dar a este duplo 6? Considerando que **Paulo VI**, na simbologia da Cruz Templária sobrepujada por um archote, se apresenta como **Patriarca da Maçonaria**, ou **Patriarca do Mundo**, tal figura, no Apocalipse de São João, é chamada **“a segunda Besta saída da terra que tem chifres como um cordeiro”**, isto é, a **segunda Besta do Anti-Cristo**, depois do **“Dragão”** e da **“primeira Besta saída do mar”**.

A SUA HOMOSEXUALIDADE

Fui mais que delicado e discreto em não prestar -me nunca a manifestações sobre a má reputação da vida moral de **Paulo VI**. Também porque, quando se fala do Chefe da Igreja, Vigário de Jesus Cristo, se lhe chama também “**Santo Padre**”, mesmo sabendo que a santidade, em sentido doutrinal, não acompanha necessariamente tão elevado título.

Por isso, também agora não tentamos atingir a vida privada de **Paulo VI**, ainda que, por causa das graves falhas desta sua vida privada, devia sujeitar-se ao recato que o mantém prisioneiro.

Nós, quanto a isto, somos apenas cronistas, deixando a Deus ser o examinador e juiz.

Iniciamos este trabalho apresentando extractos do livro da famosa pesquisadora Católica americana, **Dr^a Randy Engel**, “**The Rite of Sodomy - Homosexuality and the Roman Catholic Church**”.

As vozes de que Montini era atraído por homens jovens circularam por lar go tempo. O testemunho de **Robin Br-**



Paulo VI.

yans, escritor irlandês, declaradamente homossexual, na sua autobiografia de 1992, “**The Dust Never Settles**”, afirma que o seu amigo **Hugh Montgomery** lhe disse que ele e o jovem **Montini** tinham sido amantes, quando era encarregado diplomático no Vaticano. O escritor francês e ex-Embaixador **Roger Peyrefitte**, homossexual confesso e defensor dos “direitos gay”, em 1976, numa entrevista a **D.W. Gunn** e **J. Murat**, representantes da “**Gay Sunshine Press**”, falou da homossexualidade de **Paulo VI**, o qual, quando era Arcebispo de

Milão, dirigia-se a uma casa afastada para encontros ad hoc com rapazes.

Esta entrevista foi reproduzida na revista italiana “**Tempo**”, de Roma. Em 26 de Abril de 1976, o Vigário de Roma e a Conferência Episcopal Italiana convocaram uma “**jornada de reparação**” universal.

Também o Papa, no Domingo de Ramos, fez uma declaração do seu balcão, falando “das coisas horríveis e caluniosas” que dele foram ditas. Mas não apresentou nen-

huma queixa por aquelas supostas calúnias, como deveria fazer.

Em “O Vatican, A Silghtly Wicked View of the Holy See”, o ex-correspondente da sucursal romana do New York Times publicou também o nome de um famoso actor italiano, Paolo Carlini, que se tornara visita frequente de Paulo VI aos seus apartamentos privados do Vaticano.

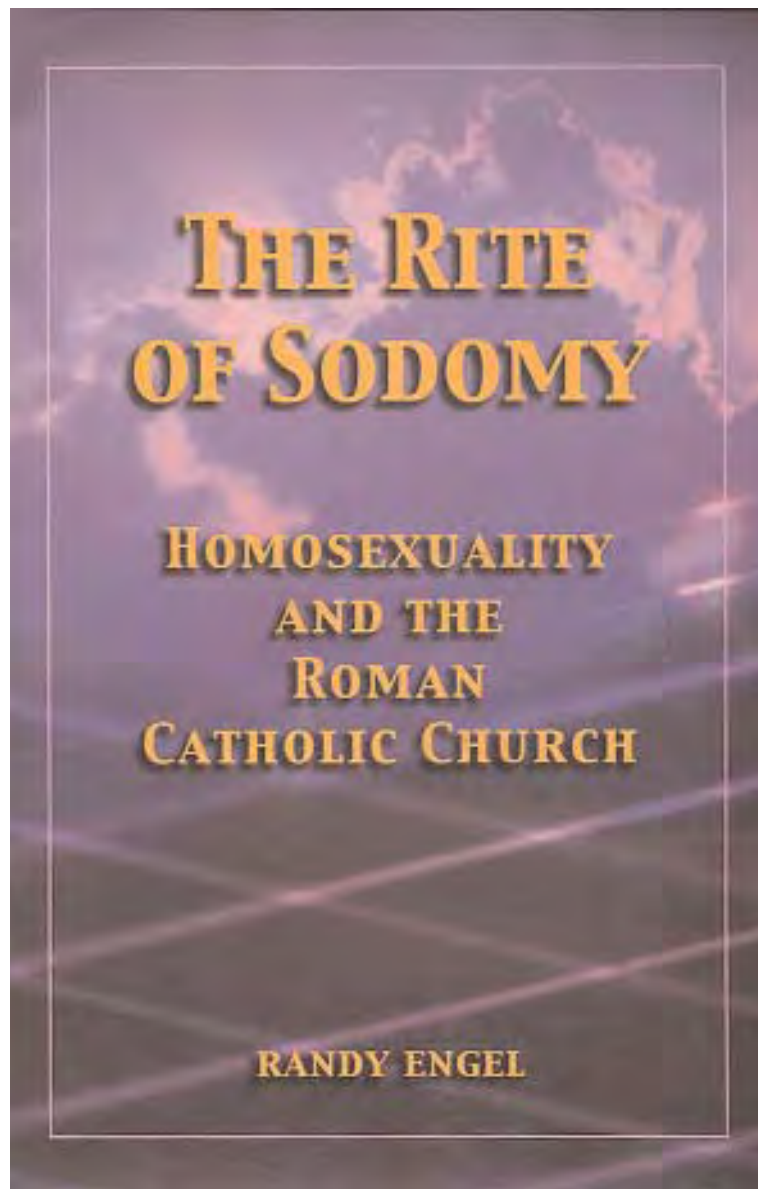
Também a televisão inglesa entrevistou Peyrefitte, que aumenta a dose, declarando-se maravilhado por ter obtido inesperadamente tanta publicidade por baixo preço.



O escritor e ex-embaixador **Roger Peyrefitte**, homossexual confesso e defensor dos “direitos gay”, em 1976, numa entrevista, falou da homossexualidade do Arcebispo de Milão, **Mons. Montini**.

O escritor Franco Bellegrandi¹, no suo livro: “Nichita-roncalli - controvita di un Papa” (Edizioni Internazionali di Letteratura e Scienze, Roma), escreve: «**Montini, muito se murmura em Roma e em toda a Itália, seria homossexual. Assim, sujeito a chantagem. Assim, na mão de**

¹ O **Prof. Franco Bellegrandi** nasceu em Roma. É jornalista e realizador. Foi, durante muitos anos, correspondente de “L’Osservatore Romano” e Camareiro de Espada e Capa de Sua Santidade. Actualmente, escreve em diários e revistas italianas e estrangeiras. Publicou livros de ensaios históricos e de costumes, como “Guida ai misteri e piaceri del Vaticano” e “Il portone di piombo” sobre a Ostpolitik de



Capa do livro “**The Rite of Sodomy**”, da famosa e muito premiada Católica americana Dr^a Randy Engel. O livro, com 1282 páginas, fornece os nomes e detalhes de todos os Cardeais, Bispos, Monsenhores e Padres que tiveram problemas com a justiça americana pelo seu vício impuro e contranatura.

quem o pretenda manobrar para os seus próprios fins. **Em Milão, o Arcebispo teria sido apanhado de noite, pela polícia, em fato civil e em companhia dúbria.** Está ligado há anos, por particular amizade, a um actor que pinta o cabelo de vermelho e que não faz mistério das suas relações com o futuro Papa. De resto, a relação será antiga em anos, firmíssima. **Um oficial do Serviço de Segurança do Vaticano confia-me que o predilecto de Montini tinha autorização para entrar e sair do apartamento do**

Paulo VI, editados pela Sugar. Trabalhou no Gabinete de Imprensa dos Cavalieri del Lavoro. Foi vaticanista nos programas religiosos da RAI, e depois responsável pelo cinema da primeira rede e da direcção da Tribuna Pública. Regeu a Cátedra de História Moderna na Universidade de Innsbruck e recebeu as insígnias da Cruz de Ouro e Prata da República Austríaca.

Papa à sua vontade. Tanto que, com frequência, via-se chegar no ascensor em plena noite.

O **Abbé de Nantes**, fundador da **“League of the Catholic Counter-Reformation”** em Troyes, França, em 1969, no número de Junho-Julho da publicação **“The Catholic Reformation in the XXth Century”**, **expõe a acusação de homossexualidade contra Paulo VI**, recordando a acusação de **Paul Hoffman** em relação à **“Mafia Milanese”**; depois, referindo-se à citação de uma brochura, trata de



O Padre Georges de Nantes (Abbé de Nantes), fundador da **“Liga da Contra-Reforma Católica”**, em 1969, expõe a acusação de homossexualidade contra Paulo VI, citando diversas fontes circunstanciais.

um Cardeal não italiano, **“homem afável e de olhar penetrante”**, que Paulo VI pusera em posição-chave e tinha uma reputação de pederastia em relação aos **“rapazes”** e jovens que viviam no bairro por detrás do Vaticano. Além disso, o Abbé relata um episódio que aconteceu nas vésperas do Conclave de 1963 que elege Montini Papa. Na noite da abertura do Conclave, um Padre de Sant-Avit da Basílica de São Paulo Extra-muros, tinha-o informado que a **Secção Moral da Polícia de Milão tinha um ficheiro sobre Montini**. Anos depois, o Abbé de Nantes dirige-se a João Paulo II com estas palavras: **«Assim, depois do escândalo da eleição de um homossexual**

confesso ao trono de Pedro, que empeçonhou a Igreja, Vossa Santidade queria-o fazer reviver e ganhar força para fazer subir este desventurado à glória dos altares, e oferecer as suas ossadas como relíquias aos fiéis para o seu beijo, e apresentar o seu vulto aos fiéis para o seu fervoroso olhar maravilhado na glória de Bernini? Ah! não! Isto é impossível!».

Atila Sinke Guimarães, na sua obra **“Vatican II, Homosexuality & Pedophilia”**, fala da homossexualidade de Paulo VI, citando Franco Bellegrandi, o qual relata a acusação de que, **durante o período de Montini em Milão, este “foi preso em flagrante pela Polícia local” numa das ruas de vida nocturna** que o Arcebispo frequentava, sendo essa rua a dos bordéis masculinos da cidade.



Capa do livro do Prof. Franco Bellegrandi, que descreve a **“colonização homossexual”** do Vaticano, iniciada sob o Pontificado de João XXIII e depois acentuada quando reinava Paulo VI.

O ex-guarda do Vaticano, além disso, **descreve o processo de “colonização homossexual”** iniciado sob o Pontificado de João XXIII, mas que **se acentuou no reinado de Montini**. Bellegrandi, depois, escreve que antigos e honrados empregados foram aposentados, ou transferidos algures, **para dar lugar aos “confrades” de Montini**

afectos ao mesmo vício, e que estes, por sua vez, se largaram atrás dos seus predilectos “rapazinhos efeminados em uniformes apertados”.

Bellegrandi escreve sempre que Montini, apenas investido Pontífice, foi submetido a chantagem por parte da Maçonaria italiana. Em troca do seu silêncio sobre as furtivas idas do Arcebispo Montini a um hotel da Suíça, para encontros com o seu actor-amante, os maçons quiseram que o Papa eliminasse a tradicional interdição da Igreja sobre as cremações após a morte. Paulo VI aquiesce. Depois do que a perversão sexual de Montini se torna alvo de chantagem.

Numa correspondência com um escritor britânico, familiarizado com as operações do Serviço Secreto Inglês, MIS, Bellegrandi pergunta se a homossexualidade de Montini o tornava abertamente vulnerável à chantagem por parte dos Serviços Secretos Britânicos ou Soviéticos, durante a II Guerra Mundial. O escritor responde-lhe que achava que os Britânicos (MIS) e os Americanos (OSS) sabiam da homossexualidade de Montini, e usavam-na contra ele para obter a sua cooperação no funcionamento da rede Vaticano-Aliados depois da guerra. As informações sobre chantagem a Montini, por parte do KGB e GRU Soviéticos, depois da guerra, vieram de outra fonte. Um ancião gentil-homem de Paris, que trabalhou oficialmente como intérprete para o Clero Vaticano de alto nível, disse que os soviéticos chantageavam Montini para saberem os nomes dos Padres que o Vaticano mandava, clandestinamente, para além da Cortina de Ferro, para assistência na União Soviética aos fiéis Católicos, durante a Guerra Fria. A Polícia Secreta soviética, por consequência, estava sempre pronta, e logo que os Padres clandestinos chegavam aos confins russos eram presos e fuzilados, ou enviados para o Gulag.

Não há dúvida de que a homossexualidade de Paulo VI foi instrumental na viragem paradigmática que foi a ascensão do “Colectivo Homossexual” da Igreja Católica nos Estados Unidos. A lista deste pessoal foi decisiva na selecção e promoção de muitos membros homossexuais da Jerarquia Católica. Cito alguns.

1. Cardeal Joseph Bernardin

Tendo sido ordenado Padre em 1952, Bernardin, dois anos depois, tornou-se secretário pessoal do Bispo de Charleston, Mons. John Joyce Russel.

Entre os seus amigos mais íntimos, contam-se: Frederick Hopwood, pederasta, acusado de uma centena de casos de molestação sexual; Justin Goodwin e Paul F. Seitz, que abandonaram o sacerdócio após se envolverem em escândalos pessoais de pederastia.

Em 1968, Bernardin foi eleito Primeiro Secretário-geral da Conferência Episcopal Americana (EUA). Nomeou seu secretário James S. Rausch, homossexual. Os



O Card. Joseph Bernardin foi Secretário particular de Mons. J.J. Russel, Bispo de Charleston, foi nomeado por Paulo VI Arcebispo de Cincinnati, torna-se Secretário e Presidente da Conferência Episcopal dos E.U.A., Arcebispo de Chicago. Bernardin era homossexual. Foi acusado de violência carnal, libertando-se com o pagamento de milhões de dólares. Foi acusado de violência sexual contra uma menina, no decurso de uma “missa negra”, celebrada por Mons. J.J. Russel.

amigos e colaboradores mais chegados de Bernardin foram: John Muthig, declaradamente homossexual; John Willig, famoso pela sua homossexualidade; Michael J. Sheehan, depois Arcebispo de Santa Fé, diocese famosa pela defesa de Padres pederastas.

Em 1972, Paulo VI nomeou Bernardin Arcebispo de Cincinnati (Ohio). O seu Auxiliar era John R. Roach. Os dois, Bernardin e Roach, dominaram durante decénios a Conferência Episcopal dos EUA; primeiro, directamente pelos seus cargos de Secretário e Presidente; depois, por intermédio dos clérigos que eles promoveram a Bispos. Nisto foram ajudados por Mons. Jean Jadot, Delegado Apostólico nos Estados Unidos, de 1973 a 1980, nomeado por Paulo VI.

Estes três Prelados tiveram o encargo de escolher, entre os candidatos a Bispos, aqueles que compartilhavam a visão pós-conciliar de Paulo VI; de facto, durante os sete anos que Jadot permaneceu no cargo, seleccionaram uma longa série de Bispos, não só pela sua visão pós-conciliar, mas também pelo seu apoio ao “Colectivo Homossexual” e pela cobertura e abafamento dos escândalos de homossexualidade e de pederastia do clero americano.



Mons. John Joyce Russel, Bispo de Charleston e a seguir de Richmond, foi acusado, juntamente com o Card. Bernardin, por uma mulher com o pseudónimo de “**Agnes**”, na sua acareação com esta, de perversão sexual num rito satânico em Greenville, em 1957. Além disso, a mesma mulher acusou-o de ter sido violada, quando tinha 11 anos, durante uma cerimónia oculta, na qual foi forçada a participar porque o seu Pai, membro da seita organizadora da cerimónia, a tinha oferecido ao grupo como “**Vítima**”.

Em 1982, **João Paulo II** nomeou Bernardin Arcebispo de Chicago, onde este criou a Associação Diocesana para Homossexuais: “**Gay and Lesbian Outreach**” (AGLO).

Bernardin desvelou-se em sufocar os escândalos sexuais da diocese: em 30 de Maio de 1984, o organista **Frank Pellegrini** foi encontrado morto no seu apartamento, e o inquérito, conduzido por dois investigadores, descobre uma rede clerical de pederastas/homossexuais na diocese de Chicago.

Em 1987, o “caso” **Jeanne Miller** contra o Revº **Robert E. Mayer** foi silenciado a troco de indemnização, mas **Mayer**, a seguir, foi condenado a 3 anos por violação de uma menina de 13 anos. Em 1989, o Padre pederasta Revº **Robert Lutz** foi constrangido a pedir a demissão.

Em 12 de Novembro de 1993, rebentou o “caso” de **Steven Cook**, que envolve directamente o Card. Bernardin. A Rádio Vaticano reage imediatamente defendendo o Cardeal. O Secretário de Estado Card. **Ângelo Sodano** exprime, da parte do Santo Padre, o seu apoio. Na reunião da Conferência Episcopal americana, em 15 de Novembro de 1993, o Card. Bernardin, na sua entrada,

foi acolhido por uma ovação de 330 Bispos que, de pé, lhe ofereceram este sinal da sua confiança.

O processo contra Bernardin prossegue e **Steven Cook**, apesar de em fim de vida por SIDA, nunca retirou a acusação feita a Bernardin. Após alguns meses, a causa foi concluída amigavelmente e o acordo – veio a saber-se – consistiu num pagamento de sete algarismos (= milhões de dólares).

É também preciso saber que o próprio Bernardin, em 12 de Novembro de 1993, falou de uma acusação na acareação com uma mulher, nomeada pelo pseudónimo de “**Agnes**”, por ter participado, no Outono de 1975, em Greenville (Carolina do Sul), num rito satânico com actos blasfemos e de perversão sexual, juntamente com o Bispo de Charleston (Carolina do Sul), Mons. **John Joyce Russel**. A sua deposição foi julgada credível pelo P. **Charles Fiore**, que entregou uma declaração escrita e ajuramentada ao oficial do Vaticano. A mesma “**Agnes**”, além disso, acusou Bernardin de tê-la violado quando ela tinha 11 anos, durante uma cerimónia ocultista na qual tinha sido constrangida a participar, pois seu pai, membro da seita satânica que havia organizado o evento, tinha-a oferecido ao grupo como “**vítima**” para um sacrifício satânico.

O Card. Bernardin morre em 14 de Novembro de 1996. Para o seu funeral, celebrado na Catedral, foi convidado o Coro (de homossexuais) “**Windy City Gay Chorus**”.

Em 2002, todavia, rebentou o escândalo do Seminário do Sagrado Coração de Maria, na cidade de Winona (Minnesota). Um grupo de Prelados tinha criado uma rede de Bispos pederastas no interior do Seminário. Segundo o relatório de uma investigação conduzida por “**Roman Catholic Faithful**”, o grupo de Prelados envolvidos neste sórdido caso, era: **Joseph Bernardin**, **John Roach**, **Robert Brom** e um quarto Bispo cuja identidade não foi revelada. Um dos seminaristas declarou que alguma da actividade homossexual no Seminário estava ligada a rituais ocultistas e satânicos. O mesmo seminarista, juntamente com outros, testemunhou que, certas vezes, o Arcebispo Bernardin chegava ao Seminário com um jovem companheiro de viagem, cujo nome era... **Steven Cook!**

2. Cardeal Terence James Cooke

Em 1967, **Paulo VI** nomeou-o Arcebispo de Nova Iorque, sucessor do Card. **Spellman**. Em 1978, na Diocese de Brooklin e fazendo parte da Arquidiocese de Nova Iorque, foi criada a “**St. Mathews Community**”, Comunidade Religiosa Católica Romana de homossexuais para homossexuais! No seu estatuto, entre vários artigos pró-gay, está também o artº X, que diz que, entre os votos tradicionais, está o de viver “em união gay permanente... um sinal de total, permanente e fiel união com o outro”. O facto de a **St. Mathews Community** ser membro da “**Catholic Coalition for Gay Civil Rights**” esclarecia o programa político da Comunidade.



O **Card. Terence James Cooke** foi nomeado por **Paulo VI** Arcebispo de Nova Iorque, como sucessor do **Card. Spellman**. Na diocese, Cooke favorece a “**St. Matheus Community**”, **Comunidade Religiosa Católica Romana de homossexuais para homossexuais**.

Em 1976, a Imprensa maçónica anunciou com satisfação que, em 28 de Março, o Cardeal **Terence James Cooke** tinha assistido a um grande banquete em que estiveram **três mil maçons da Grande Loja de Nova Iorque** e, naquela ocasião, tinha tomado a palavra para deplorar “**os passados mal entendidos**” e exprimido a esperança de que os mesmos não tivessem comprometido a “**aproximação entre a Igreja e a Maçonaria**”.

3. Cardeal John Wright

Diplomou-se com louvor no Colégio de Boston e, com a aprovação do **Card. O’Connel** foi escolhido para frequentar o **North American College** de Roma, onde foi ordenado sacerdote, em 1935. Em 1943, **Wright tornou-se Secretário Particular do Card. O’Connell** e, posteriormente, do seu sucessor **Richard Cushing**, que ao fim de quatro anos o consagrou Bispo Auxiliar.

Cushing fora escolhido como “**Homem do Ano**” pela **Alta Maçonaria judaica da B’nai B’rith** e **Wright** gabava-se de longa associação com a **Liga Anti-difamação da B’nai B’rith**. Em 1957, a secção de Worcester da **B’nai B’rith** deu a **John Wright** um prémio por “**obra proeminente na Comunidade**”.



Mons. John Wright foi auxiliar do Bispo de Boston e depois Bispo de Worcester. Recebeu um prémio da Alta Maçonaria judaica dos **B’nai B’rith**. Wright era um homossexual que preferia rapazes e homens jovens. Desde a sua posse em Worcester até ao fim do mandato, a diocese teve a fama de ser um “**paraíso**” para **Padres pederastas**. Tornou-se, depois, Bispo de Pittsburg e, em 1969, foi **promovido por Paulo VI a Prefeito da Congregação do Clero na Cúria Romana** e, após 5 dias, **feito Cardeal**.

Wright era um homossexual que preferia rapazes e homens jovens e, se bem que a sua pederastia não fosse segredo na Diocese de Boston, Worcester e Springfield, durante muitos anos ninguém avançou para o acusar de abusos sexuais.

O seu primeiro acusador foi **William Burnett**, cujo tio, **Rev. Raymond Page**, servia sob as ordens do Bispo **Wright** em Worcester. Burnett contou que o seu tio Padre possuía uma casa de férias em **Hamilton Reservoir em Holland** (Massachusetts) e que **Wright** era hóspede clandestino, mas regular, daquela casa. Burnett, depois, descreve detalhadamente **os abusos sexuais cometidos relativamente a si próprio e as revoltantes proezas sexuais** entre **Wright** e seu tio **Page**. Estes abusos sobre o rapaz duraram todo o período de 1952-1955.

Desde o momento da sua posse até ao fim do mandato de **Wright**, a **Diocese de Worcester** tinha fama de ser um “**paraíso**” para **Padres pederastas**. Os principais casos de abusos sexuais clericais ligados a **Wright**, tinham levantado a inquietante interrogação sobre a sua “**arte mágica**” e o seu amplo grupo de **cabala oculta**, operando nas Dioceses de Worcester, Springfield e Boston.

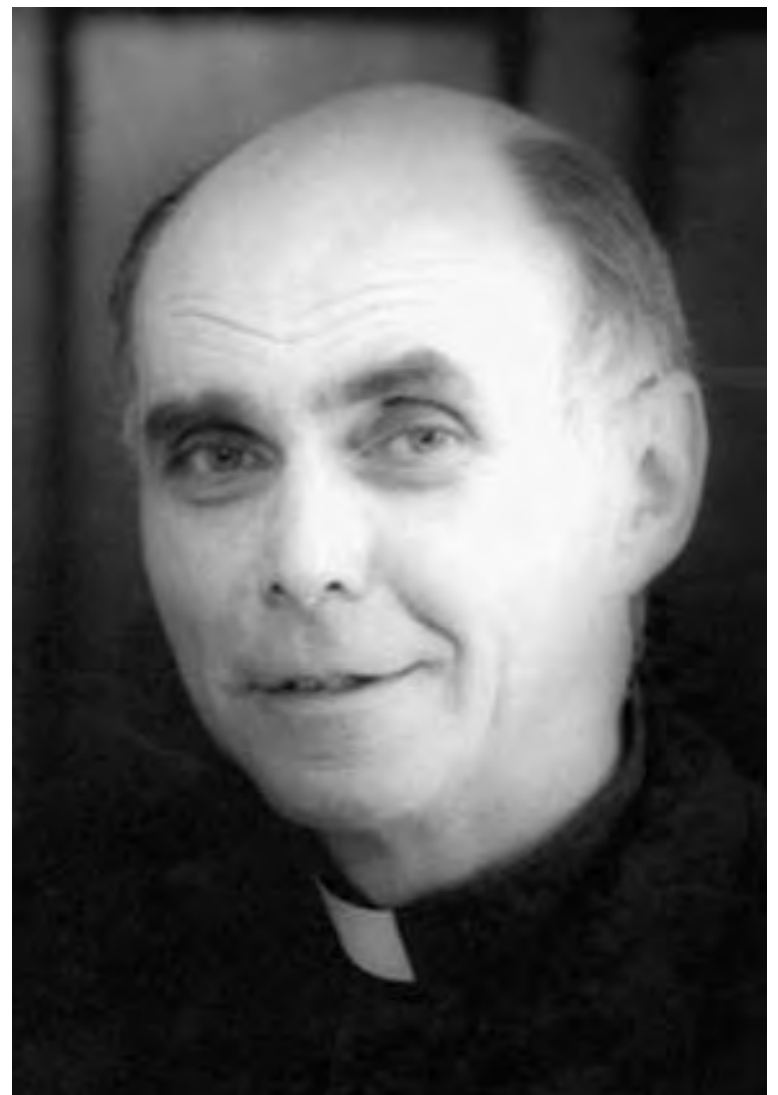
Em 1959, **Wright tornou-se Bispo de Pittsburg**.



O beneditino **Mons. Rembert George Weakland**, promovido por **Paulo VI** a Abade Primaz da Ordem Beneditina e a Arcebispo de Milwaukee, foi arrastado pelo escândalo da sua promoção e acusações de homossexualidade e crimes pessoais que levaram à sua demissão.

Ali, em breve tempo, **Weakland tornou-se o predilecto da hierarquia liberal dos Estados Unidos e foi o primeiro apoiante do “Colectivo Homossexual” na Igreja Católica dos EUA.** A sua posição pró-homossexual incluía o apoio à legislação homossexual; **a sua apologia homossexual: “Herald of Hope. The Archbishop Shares: Who is our Neighbour?”**, publicada no semanário Católico **“Catholic Herald Citizen”**, em 19 de Julho de 1980; a fundação e financiamento do **“Milwaukee Aids Project”**, que incluía a distribuição de preservativos para homossexuais e sodomia segura, a masturbação comum, o sadomasoquismo consentido, os jogos sexuais, a celebração da **“Missa para gays”**, a instrução sexual desde o berço; a educação sobre a SIDA, para introduzir as crianças nas perversões dos vícios infames!..

Em 2 de Abril de 2002, aos 75 anos, **o Arcebispo Weakland pediu a sua resignação, mas a Santa Sé não a aceitou. Então, em 23 de Maio de 2002, a “ABS News” divulgou a acusação de homossexualidade, feita por Paul Marcoux, no programa televisivo “Good Morning America”.** De súbito, após o escândalo público, a Santa Sé aceitou a sua resignação.



Mons. James S. Rausch foi nomeado por Paulo VI Bispo de Phoenix. Desde a sua tomada de posse, os casos de abuso sexual acentuaram-se e ele mesmo foi acusado de abusos sexuais.

Apenas sediado na diocese, Wright fundou um Centro Oratoriano, gerido por Padres e seminaristas, que, **em pouco tempo, se tornou campo de acção homossexual**, e o escândalo reventará, depois, em 1993.

Depois que **João XXIII** anunciou o Vaticano II, **Wright foi nomeado pelo Papa para a Comissão Teológica da Comissão Preparatória do Concílio.** Durante o Concílio, **Wright teve um papel importante na promoção da “liberdade religiosa” e do “ecumenismo”.**

Em 1969, **Paulo VI nomeou John Wright Prefeito da Congregação do Clero na Cúria Romana e, após cinco dias, fê-lo Cardeal.**

O Card. Wright morre em Boston, em 1979.

4. Arcebispo Rembert George Weakland

Beneditino. **Conheceu Montini em 1956.** Em 1963, foi eleito Abade Coadjutor da Abadia de São Vincenzo. Em 1964, **Paulo VI nomeou-o Consultor da Comissão sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II.** Em 1973, **Paulo VI determinou a eleição de Weakland a Abade-primaz da Ordem Beneditina mundial.** Em 1977, **Paulo VI nomeou-o 9º Arcebispo da Diocese de Milwaukee.**

5. Bispo James S. Rausch

Em 17 de Janeiro de 1977, **Paulo VI nomeou Rausch Bispo de Diocese de Phoenix**. Com o seu advento, os casos de molestaç o sexual acentuaram-se na sua diocese. A **W. Richard Sipe**, que frequentou o Seminário de St. John, em Collegeville (MN), juntamente com Rausch, nos primeiros anos de 1960, **confirmou que Rausch tinha “uma vida sexual activa”**. No Verão de 2002, **Brian O’Connor**, de Tucson, com 40 anos de idade, **tornou públicos detalhes do seu abuso sexual por parte de Rausch, que dizia chamar-se “Paul”**.

6. Bispo George Henry Gutfoyle

Em 1964, foi consagrado Bispo Auxiliar de Nova Iorque. Em 1968, torna-se o quarto Bispo da Diocese de Camden



Mons. Francis Mogavero foi consagrado Bispo de Brooklin. **Mons. Mogavero** era homossexual e durante toda a duração do seu mandato de Bispo envolveu-se no **“Colectivo Homossexual”**. Em 1973, **Paulo VI nomeou-o Consultor da Comissão Vaticana para a Promoção da Unidade dos Cristãos** e membro das **Relações entre Cristãos e Judeus**.

(NY). Em 1969, **Paulo VI designou-o para a Sagrada Congregação para a Causa dos Santos**. Em 10 de Marco de 1998, um Padre da Diocese de Camden, **Mons. Salvatore J. Adamo**, ex-director do jornal diocesano “Catholic

Herald”, entregou no escritório de advocacia de **Stephen C. Rubino** um depoimento escrito de seis páginas, anexoando oito páginas de correspondência com o seu superior, **Bispo James T. McHugh**. O fim do depoimento era afirmar a verdade sobre a **“surgimento de trágicos incidentes de pedofilia e abusos sexuais”**, que se **sabia estarem constantemente em aumento na Diocese de Camden**. No seu depoimento acusava o **Bispo Gutfoyle de homossexualidade, e dava o nome do Rev. Patrick Wester, Padre pedófilo**, já condenado por duas vezes, mas que **Mons. Gutfoyle** protegia e, em 1968, até nomeou seu **Director Espiritual**.

7. Bispo Francis Mugavero

Foi consagrado quinto Bispo de Brooklyn. Em 1973, **Paulo VI nomeou-o Consultor da Comissão Vaticana para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e membro da Comissão Internacional de Relações entre Católicos e Judeus**. Este Bispo de Brooklyn, de 1968 a 1999, foi envolvido no **“Colectivo Homossexual”** durante toda a duração do seu mandato. Em 1976, **Mugavero publicou uma “Carta Pastoral” com o título “Sexuality – God’s gift”** (Sexualidade – Dom de Deus). **Era uma apologia pr -homossexual**, na qual empenhava a comunidade Crist a a encontrar **“novos modos”** de comunicar a verdade de Cristo **“aos gays e lésbicas”**. Também o **Procurador Michel G. Dowd**, numa conferência de imprensa, **declarou que o Bispo Mugavero era gay!**

8. Bispo Joseph Hubert Hart

Em 1976, **Paulo VI nomeou-o Bispo Auxiliar da Diocese de Cheyenne**. Em 1978, tornou-se o sexto Bispo da diocese.

O primeiro caso de acusação de abuso sexual, no caso de **Hart**, acontece em 1989. O acusador afirmou que Hart o tinha violado em 1969, quando era estudante na **Paróquia St. Regis**. **Outro caso respeitava aos abusos sexuais de Hart a Hunter, um rapaz de 14 anos**, o qual, moralmente arruinado pelo Bispo, começ o a drogar -se, morrendo em 1989. O Bispo, em 1993, foi submetido a um período de avaliação psiquiátrica no **Sierra Tucson**, no Arizona. Depois da saída, permaneceu como Bispo de Cheyenne. Em 21 de Janeiro de 2004, num documento legal de 210 páginas, **com 75 pontos de acusação**, a **Procuradora Rebecca Randles**, por parte de **9 vítimas de abusos sexuais**, acusou o Bispo **J. H. Hart** e dois Padres que trabalhavam com o Bispo. **No documento acusatório, Hart era descrito como membro de uma pequena rede de pederastas**.

9. Bispo Howard James Hubbard

Foi ordenado Padre no **“North American College”** de Roma, em 1963. Em 1977, foi consagrado Bispo e **Paulo**



Mons. Joseph Hubert Hart foi nomeado por **Paulo VI** Bispo Auxiliar da Diocese de Cheyenne, sendo depois seu Bispo. **Mons. Hart** era homossexual activo. Em 2004, nas suas pendências judiciais teve bem 75 acusações e, nos documentos, **Hart era descrito como membro de uma pequena rede de pederastas.**

VI nomeou-o Bispo de Albany. Nesta diocese, fez desaparecer todos os sinais do Catolicismo Romano, enquanto consolidou uma série de incríveis escândalos: Padres que viviam com amantes homossexuais; Padres que morreram de SIDA, consequência da sua homossexualidade; uma Freira lésbica que se submeteu a inseminação artificial; um Padre que se fez operar para mudar de sexo; protecção e cumplicidade em numerosos casos de abuso sexual por parte de Padres.

Em 2004, **o Bispo Hubbard é acusado de homossexualidade, tendo amantes homossexuais** entre o clero e os leigos. Um jovem, **Thomas Zalay**, que teve uma relação com o Bispo pouco depois da sua tomada de posse em Albany, afirmou que o Bispo desculpava a sua homossexualidade, dizendo que “não era pecado”. Outro jovem declarou, em conferência de imprensa, ter tido relações sexuais com **Hubbard** pelo menos duas vezes, em **Washington Park**. **A mulher de um polícia que trabalhava no Departamento de Polícia de Albany, disse que o seu marido, numa noite de 1977 ou 1978, tinha descoberto o Bispo Hubbard num automóvel, no Parque Washington, com um rapaz vestido de mulher. Um Padre Tradicionalista, P. Minkler, que havia documentado a desinte-**

gração da Diocese de Albany sob o Bispo Hubbard, **acusou o Bispo de ser o chefe de uma rede homossexual operando na Diocese de Albany**, e escreve que alguns Padres homossexuais eram parceiros de outros Padres, que Padres homossexuais eram regularmente vistos **na área “gay”** da cidade, e citava, além disso, **as relações homossexuais do Bispo Hubbard com dois jovens Padres** que tinham passado um período de férias em **Cape Cod**, juntamente com o Bispo **M. H. Clerck**.



Mons. Howard James Hubbard foi consagrado Bispo de Albany por **Paulo VI**. Hubbard fez desaparecer todos os sinais de Catolicismo Romano na diocese, enquanto consolidava uma série incrível de escândalos sexuais entre o clero. Ele próprio foi acusado de **ser o chefe de uma rede homossexual operando na Diocese de Albany**. Mesmo a intervenção do **Card. O’Connor** junto de **João Paulo II** não obteve qualquer resultado.

Em 2004, **quando o Bispo Hubbard foi acusado de homossexualidade com amantes homossexuais** entre o clero e os leigos, o **Card. O’Connor**, após ter recebido o **“Relatório” do P. Minkler**, fez um pedido pessoal ao **Papa João Paulo II para transferir Hubbard, mas não obteve qualquer resultado!**

Aqui chegados, podemos dizer que a longa cobertura e vigilância sobre o **segredo da vida homossexual de Paulo VI** contribuíram para proliferar, manter o silêncio e abafar a questão da homossexualidade por parte da hierarquia eclesial, com relação aos expoentes do clero americano.

O SU PONTIFICADO

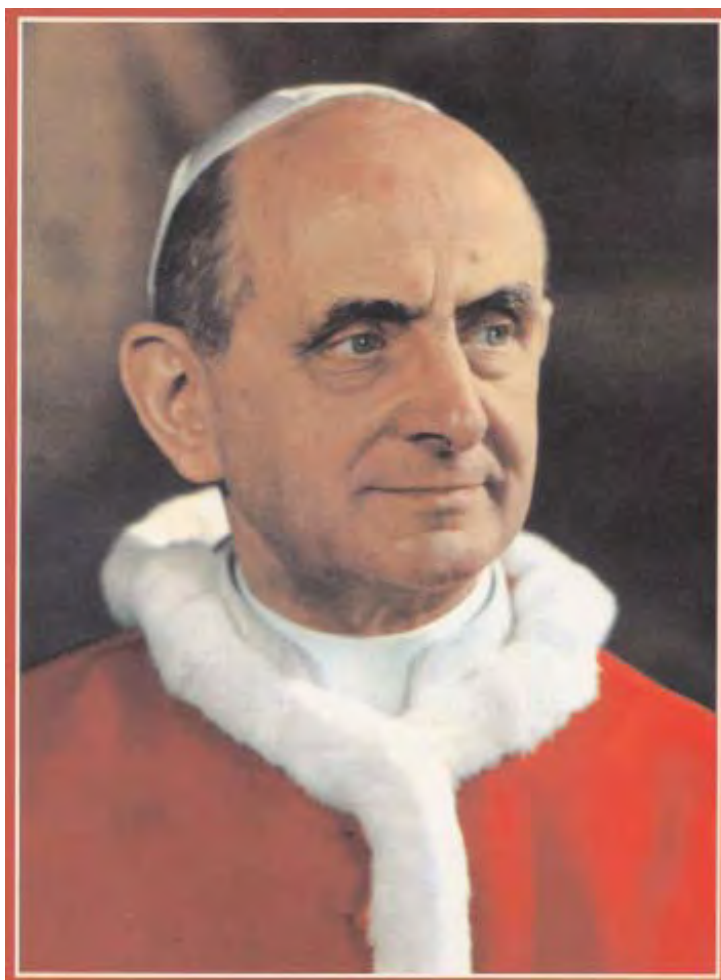
Já não existe qualquer dúvida que, **depois da morte do Papa João XXIII**, lhe sucedesse o Arcebispo de Milão, **G. B. Montini**. Hoje, ao meditar na eleição de **Montini**, não se pode deixar de pensar na ruína que este evento provocou na Igreja, devido a um longo e infausto Pontificado que durou vários anos, e assinalado por **gestos desconcertantes, in consequentes e inquietantes**.

Infelizmente, estes actos desorientados foram cumpridos com conhecimento de causa.

Paulo VI, assim, **cumpriu com perfeita consciência o**

seu desígnio de um “novo Cristianismo humanista e universal”, e as suas decisões insólitas pareciam tomadas para provar que o Papa era livre de modificar tudo, mesmo as instituições que o povo Cristão tinha julgado intangíveis.

O primeiro desses gestos acontece **em 13 de Novembro de 1964**, quando coloca no altar a **“Tiara”**, objectivo da **“Revolução Francesa”**, o que faz lembrar as palavras de **Albert Pike**: «Os inspiradores, os filósofos e os históri-



Paulo VI.

cos da Revolução Francesa tinham jurado lançar a “Coroa” e a “Tiara” na tumba de Jacques de Mollay».

Deste modo, a deposição da **“Tiara”**, realizada pela mão daquele que se sentava na Cátedra de Pedro, **foi um gesto mais grave do que a deposição de Luís XVI e a brecha da “Porta Pia”**.

Isto é, um gesto que não era uma romântica encenação de concessão de um dom aos pobres, mas do abandono da **“Soberania do Pontífice”!**

Aquele gesto papal foi seguido, rapidamente, por **todo o Episcopado**, que se desembaraça das insígnias episcopais, sinais dos seus cargos espirituais e vende o tesouro do património eclesiástico, mas deixando intactas as contas bancárias dos Bispos.

Mas também **Paulo VI** renova os seus apartamentos e manda construir jardins suspensos no tecto do Palácio Vaticano, com grande despesa e grave risco para o edifício.

Depois da “Tiara”, Paulo VI tira a “Mitra” e, a seguir, vai arrumar o “Pastoral” para usar o Crucifixo, quase a dar a entender a renúncia a guiar e governar os seus



Vaticano, 30 de Junho de 1963. **Coroação de Paulo VI:** a cerimónia, pela primeira vez na História, foi realizada na Praça de São Pedro, bem como no interior da Basílica. Foi transmitida pela televisão para todo o mundo.

súbditos. Algum tempo depois, **no lugar da Cruz Peitoral**, ou juntamente com ela, **coloca o Ephod de Sumo-Sacerdote** no fecho do seu pluvial pontifical.

Em seguida, Paulo VI deu o seu Pastoral e o seu Anel Pontifício ao budista birmanês U'Thant, sempre para ajudar os pobres (!), mas, na realidade, porque tinha em projecto dar a todos os Bispos do mundo **um outro anel de ouro, que foi o anel do Concílio.**

No fim do Concílio, **Paulo VI decide que a “demissão” dos Bispos fosse aos 75 anos.** Decisão sua e, deste modo, os Bispos têm de depender da sua decisão.

Depois chega, sem pré-aviso, a decisão de os Cardeais perderam a sua dignidade de membros do Conclave aos 80 anos. Esta é uma exclusão baseada num princípio arbitrário que, juridicamente, não impede a capacidade do Colégio Cardinalício.

Deste modo, a pequenos passos, **Paulo VI levou avante a sua revolução na Igreja Romana.** É facto, por exemplo, que **todas as formas de devoção e oração públicas foram quase feitas desaparecer sob o seu Pontificado.** Mas, até ele, quase não se viu pregar mais. Mesmo em Fátima, ninguém o viu ou ouviu recitar uma **Avé Maria!**

Nas suas alocações das Quarta-feiras existia sempre muito espaço para o dúbio, a obediência, as hipóteses contrárias à Revelação Divina. E, deste modo, a Fé desaparece ou desmorona-se em todo o mundo Católico.

O mesmo se pode dizer dos **“costumes”.** **Sob o seu Pontificado deu-se um desabamento geral**, como se tivesse sido dada ordem de deixar andar os fiéis por qualquer caminho.

De facto, **Paulo VI** desculpou todas as irregularidades, e nunca usou regras canónicas e sanções contra todo o tipo de pecadores, como fizeram os seus predecessores. **Paulo VI**, pelo contrário, queria viver no seu tempo e abrir a Igreja a todo o progresso moderno. Viu-se em fotografias, por exemplo, **a recepção a Cláudia Cardinale e a Lollobrigida, em vestuário mais do que sucinto, escandaloso, em mini-mini-saia.** E, assim, também o Clero não proibiu mais a indecência da moda que Paulo VI tinha aceite.

Até o matrimónio dos Padres se desenrolou com o consenso, a cumplicidade e mesmo a cooperação de Paulo VI. Também na sua encíclica **“Sacerdotalis Coelibatus”**, de 24 de Maio de 1967, no parágrafo 81, **Paulo VI** atribui **“a verdadeira responsabilidade não aos despadrados, mas à Igreja antes dele, à sua errada avaliação e à vida que obrigava a fazer aos seus Padres”.**

Em 2 de Fevereiro de 1964, criou **uma “Comissão” ad hoc, e lia-se que o Papa admitia a anulação dos “votos” e que teria autorizado o matrimónio na igreja** para aqueles que o quisessem. Um Padre que tinha feito o pedido, todavia rejeitado **por Pio XII e João XXIII**, podia então renová-lo, porque **Paulo VI**, de mais largas vistas, o teria aceite.



30 de Junho de 1963. O Card. Ottaviani impõe a Paulo VI a Tiara Pontifícia, oferecida pelos fiéis milaneses.

Desde então, foi um rio de pedidos de abandono do sacerdócio. Em 1977, a “Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé” concedeu 4.000 dispensas oficiais, enquanto, no mesmo ano, houve apenas 2.800 ordenações sacerdotais.

Paulo VI introduz, depois, até o divórcio por mútuo acordo. Deste modo, o amor para com uma criatura não podia mais ser superado pelo Amor de Deus! Mas o escândalo, sob Paulo VI, não existia mais!

Em 29 de Janeiro de 1965, **Paulo VI entrega aos turcos o estandarte de Lepanto**, troféu insigne que tinha estado conservado, mais de 400 anos, em Santa Maria Maior, como ex voto à Virgem tutelar, Protectora da Cristandade, salvando o Ocidente da invasão muçulmana. **São Pio V instituiu a festa de “Nossa Senhora do Santo Rosário”** para perpetuar a recordação daquele milagre da Mãe de

Deus. Mas **Paulo VI acompanhou aquela entrega com um “Breve” à autoridade turca**, significando assim, com esse gesto infame, que **“as guerras de religião tinham acabado para sempre”**.

Aquele gesto significou que **Paulo VI não condenava mais os perseguidores**. Era também um aspecto da sua diplomacia, voltada para **Moscovo e Pequim**, em aprovação dos guerrilheiros e terroristas de todos os países do mundo.

De facto, **Paulo VI não interveio nunca nem tampouco condenou a campanha a favor do Comunismo e a exaltação do racismo negro**, enquanto permanecia frio perante a desgraça dos Cristãos injustamente reduzidos à escravidão. E, graças a ele, ao seu aparente neutralismo, ao seu aparente pacifismo, foram sempre vencedoras a subversão, a violência, a agressão!



13 de Novembro de 1964. **Paulo VI** depõe definitivamente a **Tiara**.



Primeiro discurso do Papa **Paulo VI** depois do dia da sua Coroação.

Decerto, não sobreavaliemos a injustiça, a corrupção, as divisões religiosas e a apostasia do Mundo Livre, que, pelo menos, permanecia um mundo Cristão, onde a Igreja ainda era livre. O que foi escandaloso, em vez disso, foi **a sua adulação a esse Mundo Livre na sua incredulidade, indiferença religiosa, desprezo pela Lei e Direitos de Deus**, não fazendo nada para o reabilitar do seu orgulho, do seu egoísmo sexual, do seu materialismo, do seu laicismo.

Mais ainda: **Paulo VI** excitou os povos contra o Mundo

Livre, em nome da justiça, como fez no Uganda em 29 de Julho de 1969, mostrando respeito a **Obote, “Primeiro-ministro”** ladrão e sanguinário.

Além disso, daquele centro de África, lançou uma mensagem de libertação e de igualdade que foi um claro apelo à insurreição geral da África contra o homem branco, na Rodésia, na República da África do Sul, em Moçambique...

Paulo VI, assim, **foi um verdadeiro agente provocador**, o que o fez cooperante da barbárie!

Acolhe, no Vaticano, terroristas e degoladores de mulheres e crianças. De facto, em 1 de Julho de 1970, **recebe os três chefes do terrorismo de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde**; foram admitidos ao beijamão. É significativo que, em seguida, lhes haja dado um exemplar da sua encíclica **“Populorum Progressio”**.

E que dizer, agora, de um **Paulo VI** que devia ser anti-comunista incondicional e, em vez disso, foi filo-comunista ou cripto comunista?

Pense-se na sua subversão de Ocidente a Oriente com uma diplomacia lenta, cautelosa, subtil, que teve o seu ponto de partida na distinção, feita em **“Pacem in terris”**, **entre o movimento histórico e a ideologia**, a fim de que pudessem cooperar **“para a justiça e a paz no mundo”**.

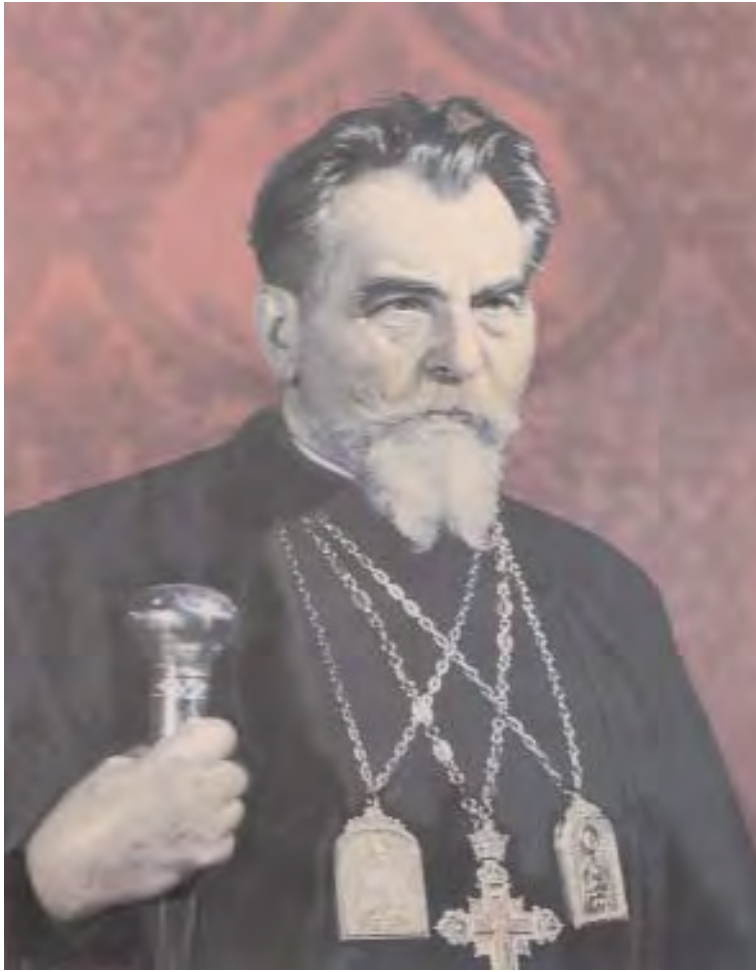
Aquelas palavras de traição beberam todos os escândalos da mente comunista de **Casaroli e seus cúmplices**, como, por exemplo, o **Padre Alghiero Tondi**, expulso de Roma porque foi descoberto a fotografar documentos que passava a Mons. Montini, que este passava aos comunistas

Outro escândalo foi a substituição fraudulenta da **“Petição dos 450 Bispos”** **que queriam**, em Setembro de 1965, **no Concílio, a condenação do Comunismo**, mas **Paulo VI não queria que o Concílio o condenasse**.

Uma verdadeira traição!



Uganda, Agosto de 1969. **Paulo VI** com uma tribo de guerreiros armados de lança.



OP Card. Joseph Slipyi, Primaz da Ucrânia.

Depois de dezenas de anos de cárcere, desterro e trabalhos forçados, o Cardeal confidenciava aos amigos: «**Em cada instante tenho na minha memória a odisseia passada no gulag soviético e a minha condenação à morte; mas, em Roma, dentro dos muros do Vaticano, vivi momentosa piores**».

Perante o sínodo, abatido e devastado, o Cardeal afirmou: «**De cinquenta e quatro milhões de ucranianos, dez milhões foram mortos devido a perseguições! O regime soviético suprimiu todas as dioceses! Existe uma montanha de cadáveres e não há ninguém, nem mesmo a Igreja, que defenda a sua memória. (...) Volvemos ao tempo das catacumbas! Milhares e milhares de fiéis da Igreja Ucraniana foram deportados para a Sibéria e até para o Círculo Polar. MAS O VATICANO IGNORA ESTA TRAGÉDIA! Tornaram-se os Mártires, talvez, testemunhas incômodas? Seremos nós uma grilheta nos pés da Igreja?».**

Paulo VI, a seguir, mandou encerrar na **torre** (prisão) o Card. Slipyi que, todavia, teve oportunidade de desabafar com Don Luigi Villa, que só com muita audácia lhe fez uma agradável visita na prisão!

A sua primeira encíclica foi bem urdida por **Paulo VI**, para abrir a Igreja ao “diálogo”, à **reconciliação**, à **cooperação com os comunistas**. A sua traição manifestou-se em 1971, com a **remoção forçada do grande Cardeal Mindszenty, o qual o Papa Paulo VI tinha impedido de publicar as suas “Memórias”**.

O grito arrasador do **Card. Slipyi** perante um Sínodo perturbado, foi o grito da sua indignação aos traidores que faziam a paz com os perseguidores, mas silenciavam os Católicos que o comunismo soviético continuava a deportar, perseguir e martirizar.



Card. Joseph Mindszenty, Primaz da Hungria.

A política de “diálogo” de Paulo VI com o criminoso poder da Hungria, tinha um obstáculo na pessoa do **Card. Mindszenty**. Depois de diversas ofertas, todas recusadas, para ser trazido para o Ocidente, **Paulo VI e Casaroli**, para o convencer, recorreram ao Presidente Nixon para que o obrigasse a abandonar a Embaixada Americana em Budapeste. E assim aconteceu! Em 28 de Setembro de 1971, **Mindszenty chegou a Roma**.

Este Cardeal, sobre o qual se encarniçaram os “sem Deus” com o ferro atroz da tortura, **sofreu a dissimulada violência moral de Paulo VI, ao ter de submeter a censura prévia vaticana todas as suas prédicas ou discursos a fazer em público**. Depois, em 5 de Janeiro de 1974, **Paulo VI destituiu-o do seu cargo de Primaz da Hungria e impediu-o de publicar as suas Memórias!** Eis uma sua frase terrível: «**Creia-me... PAULO VI ENTREGOU PAÍSES INTEIROS CRISTÃOS NAS MÃOS DO COMUNISMO! Mas a verdadeira Igreja ainda é a nossa, constrangida às catacumbas!**».

Mas, tal abertura ao Comunismo abre a estrada a acontecimentos, declarações, intrigas sem fim.

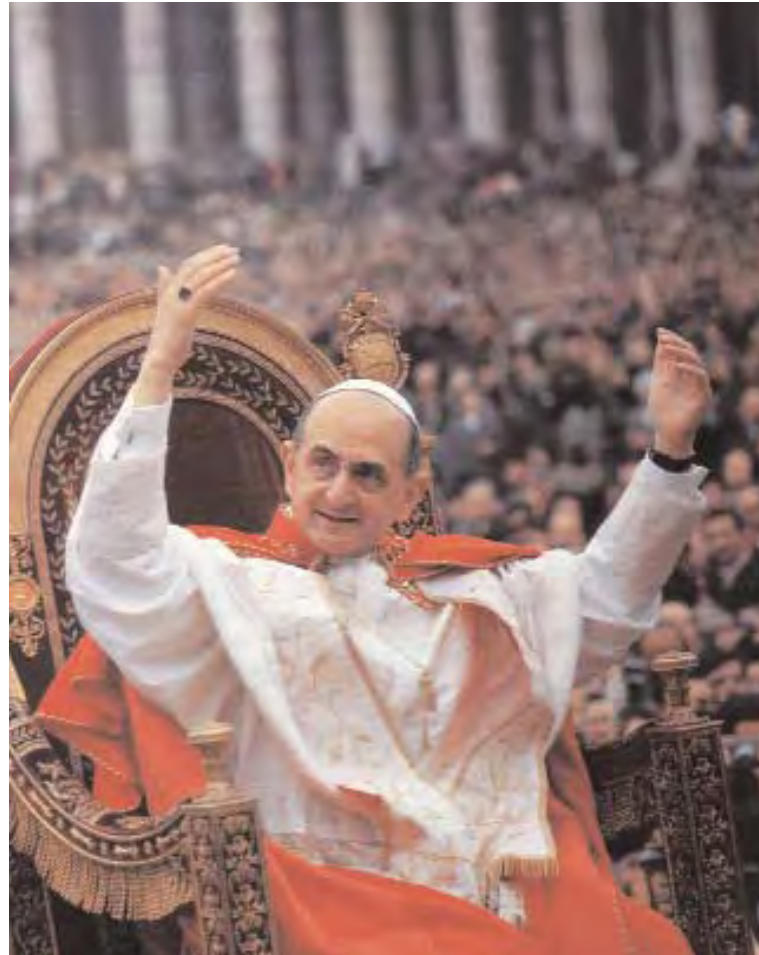
Cito o encontro de Paulo VI com Gromyko, com Podgorny, o seu longo encontro secreto com Mons. Nicodemo, Arcebispo de Leninegrado e agente secreto de alto nível. E sabe-se que o então Secretário do Partido Comunista, Berlinguer, era o agente diplomático secreto de Paulo VI junto do Governo Comunista de Hanoi (cf. Declaração do Vaticano de 21 de Fevereiro de 1973); nem se pode desmentir **o apelo de Paulo VI à China e a sua alegria com o anúncio da Revolução Cultural**.

Como vimos, o seu Pontificado foi marcado por uma série de crises como nunca acontecera e por traições como nunca tinha sido visto na Igreja Católica Romana. Eis os principais:

1. A violação da Sagrada Liturgia

Tudo foi orquestrado por Paulo VI e apresentado a todos os fiéis. Nenhum desastre foi mais mortal do que a destruição da **Missa de Rito Romano**, que chega até nós directamente dos Apóstolos. O acto central do Santo Sacrifício da Missa é a **Transsubstanciação**, que transforma o pão e o vinho no Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Cristo. Foi um acto inexplicável de Paulo VI, aquele de querer substituir a Missa de Rito Romano pelo protestantizado “**Novus Ordo Missae**”, imposto, depois, aos Padres e fiéis.

A “**Reforma Litúrgica**” de Paulo VI atinge, também, todos os mais aspectos da vida litúrgica, como a “**Ladainha de Todos os Santos**”, os “**Sacramentos**” (**Batismo, Santa Comunhão, Crisma, Confissão, Matrimónio, Ordem, Extrema-Unção**) e ainda a **Bênção**, os Ritos Pontificais, o calendário da Missa, a Música Sacra.



Missa com a “pinça” eucarística.



Um cão num ex... Tabernáculo.

Natal, desconchavo na Catedral, onde um homem divide a partícula com um cão

IL CASO
O incrível episódio aconteceu durante a Missa de Natal, celebrada pelo Bispo. O facto dá excomunhão.



Divide a partícula com um cão.
Espanto na Catedral. Um jovem protagonista do facto.



Prece-meditação.



Dança sacra.



Padre dançarino!



Missa animada com bonecos.



Homilia em cadeira deitada.



Missa com palhaços.



Missa hindu.

2. Ataque à filosofia Tomista

Sob Paulo VI foram descartadas a “Escolástica Tomista” e a “Tradição” da “Lei Natural”, substituídas pelos métodos teológicos de pensamento científico, como a Fenomenologia e o Existencialismo.

3. O aviltamento do sacerdócio e da vida religiosa

Em contraste com os Padres pré-conciliares, os “**novos Padres**”, sob o Pontificado de Paulo VI, tornaram-se figuras efeminadas e amiúde pouco castas, de mais fraqueza e sentimentalismo. Estes “**novos Padres**” são acomodados, ecumênicos, já não condenam os erros e quem os ensina e difunde, são incapazes de conduzir uma batalha contra o mal para busca do bem.

Isto fê-lo Paulo VI para debilitar o Sacerdócio celibatário e obrigatório, abrindo o diaconato permanente aos casados, e a aceitação de “Ministros leigos” para assumirem o papel de “Leitores” e para abrir a estrada ao “rito laico da Comunhão”. O próprio Paulo VI superintendeu a completa laicização (redução ao estado laico) de milhares de Padres validamente ordenados, concedendo-lhes licença “pró-gratia”.

4. A abolição do juramento anti-modernista

Foi Paulo VI quem aboliu o “**Juramento anti-modernista**” que Pio X publicou em 1907, depois das suas encíclicas “**Lamentabili Sane**” e “**Pascendi Domini Gregis**”. Foi um gesto adoidado de Paulo VI, do qual vemos ainda hoje os desastrosos resultados.



Frei Francesco
feito em curvas.



Dança diante do altar.

5. O esvaziamento da Cúria Romana

Desde os primeiros anos na Secretaria de Estado, **Mons. Montini desprezava a Cúria Romana**. Como Pontífice, como já dissemos, **Paulo VI impõe a pré-aposentação e a retirada dos Bispos com a idade de 75 anos e cancela aos Cardeais o direito de votar em Conclave depois da idade de 80 anos**. Fez o mesmo também, com o **Santo Ofício** (renomeado “Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé”), eliminando os Prelados de Fé, de honra, de carácter e de sabedoria, e substituindo-os por outros mais conformes à sua visão e inclinações.

Paulo VI fez cair em desuso o latim, que permitia declarações com nobreza, lucidez e precisão, isto também porque obcecado com a sua falta de estudos.

6. A proliferação das desventuras ecuménicas

Foi particularmente infausto o continuado apoio e contactos que **Paulo VI manteve com o “Conselho Mundial das Igrejas”**, dominado pelos soviéticos e notório pelo seu financiamento a **terroristas e “guerras de libertação” na América Latina e em África**. Por isso, esta actividade inter-religiosa de Paulo VI poderia chamar-se **blasfémia pública!**

7. A confraternização de Paulo VI com os heréticos

Paulo VI confraternizou com heréticos, cismáticos e todos os outros inimigos tradicionais da Igreja. Foi este o espírito do Vaticano II, o mesmo espírito que inspirou a **Revolução Francesa**.



Freira em blue jeans.



Jesuíta... dançando!



Freira com mitra!



Bispo... na bateria!

8. As traições de Paulo VI

Sob o Pontificado de Paulo VI foram consumadas traições ao Card. Mindszenty, ao Card. Slipyi e a tantos outros milhões de vítimas do Comunismo, especialmente na Hungria, Checoslováquia, Vietname do Sul, Angola, Moçambique, Uganda...

“Humanae vitae”: uma lição de como minar a Doutrina Católica, sem mudar nem a Doutrina, nem a Moral.

O Papa **João XXIII**, por sugestão de **Montini**, **formou uma “Comissão Vaticana Especial”** para estudar a regulamentação dos nascimentos, mas esta **“Comissão”**, todavia, evitou os custódios da Fé.

Uma vez Papa, **Paulo VI** fundou uma nova Comissão com três níveis, para dar informações sobre questões da **“pílula”**. Contudo, passaram bem **seis anos** antes que saísse a **“Humanae vitae”**, em 1966; mas, rapidamente se transformou em **“letra morta”**, mesmo com **a relutância de Paulo VI** em impor o decreto sobre contraceptivos, porque a opinião pública, organizações de Padres, religiosos, professores Católicos da Universidade Católica, tinham feito oposição pública à **“Humanae vitae”**. O efeito do atraso sobre a publicação do decreto contra os contraceptivos, fez descobrir como se tinha conseguido discordar e opor-se ao ensinamento infalível da Igreja em questões de Fé e de Moral.

Poderíamos continuar mais ainda, mostrando como **todas as acções do Pontificado de Paulo VI tiveram enormes repercussões catastróficas na Igreja.**

O “juramento” de Paulo VI

Foi em 30 de Junho de 1963. Hoje, podemos dizer que **Paulo VI** não tem em qualquer conta o seu **“juramento” perante Deus**, pelo qual se obrigava a **“não diminuir ou mudar nada de quanto se encontra conservado pelos meus probíssimos antecessores”...**

O Pontificado de **Paulo VI** demonstra que o **“juramento”** foi apenas um **“perjúrio”!**

Eis o texto do “juramento”:

«Eu prometo:

– **Não diminuir ou mudar nada** de quanto se encontra conservado pelos meus probíssimos antecessores e **não aceitar qualquer novidade, mas conservar e venerar com fervor**, como seu verdadeiro discípulo e sucessor, com todas as minhas forças e todo o empenho, **o que me foi transmitido;**

– **corrigirtudo quanto surja em contradição com a disciplina canónica**, e guardar os sagrados Cânones e a Constituição Apostólica dos nossos Pontífices, como mandamentos divinos e celestes, (estando eu) ciente de que deverei render estrita razão, diante do (Teu) juízo divino, de tudo aquilo que professo; eu, que ocupo o Teu posto por divina designação e exerço como Teu Vigário, assistido pela Tua intercessão.

Se pretendesse agir diversamente, ou permitir que outro o faça, Tu não me serás propício no tremendo dia do juízo divino...

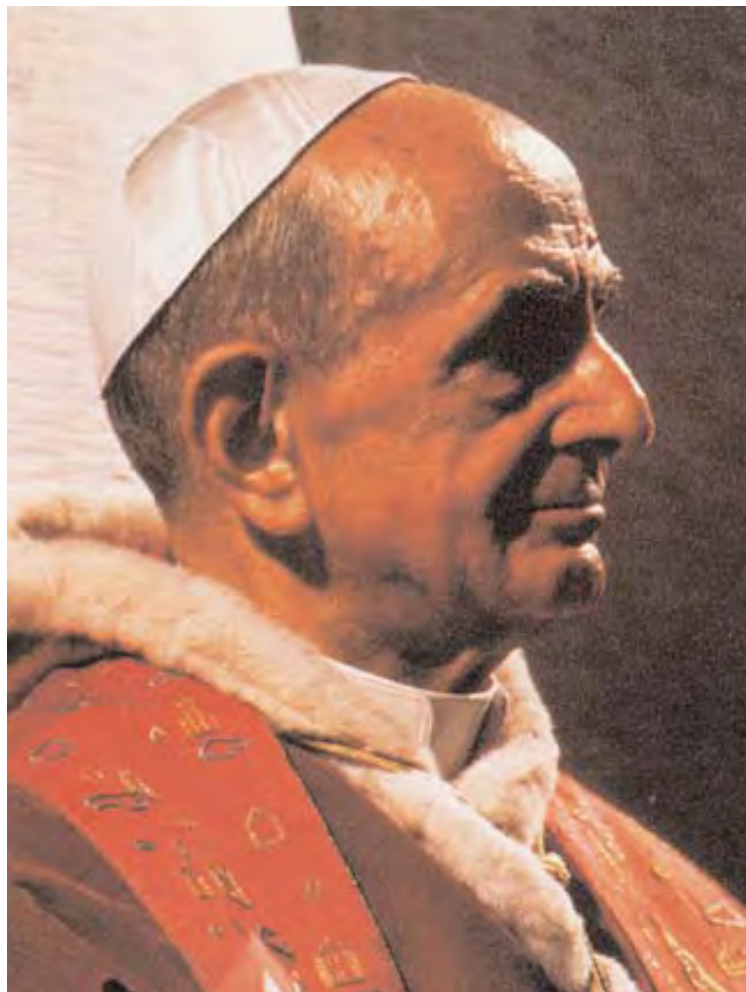
Por isso, submetemos ao rigoroso interdito do anátema se alguém, ou nós mesmos, ou um outro, tenha a presunção de introduzir qualquer novidade em oposição à Tradição Evangélica, ou à integridade da Fé e da Religião, tentando alterar alguma coisa da integridade da nossa Fé, ou consentindo quem pretendesse fazê-lo com atrevimento sacrílego». (do “Liber Diurnus Romanorum Pontificum”, pp. 54 o 44, P.L. 1 o 5).

Como lestes, foi um **“juramento” tremendo!** Viu-se e ainda se vê hoje a **“revolução”** que a Igreja sofreu durante todo o Pontificado de **Paulo VI**. Uma revolução que escarneceu o **Dogma**, a **Moral**, a **Liturgia**, a própria **Disciplina**.

Por isso, é de tremer pela salvação da alma de **Paulo VI** depois de passar pelo Tribunal de Deus, onde terá explicado as **“razões”** dos seus **15 anos de Pontificado**, durante os quais não houve sequência de palavra e de comportamento do **“juramento”** que fez em 30 de Junho de 1963!

Um Paulo VI que, em seguida, traiu CRISTO, a IGREJA a HISTÓRIA!

Os seus “ditos” e “feitos”



Estes exemplos de “ditos” e “feitos” constituíram a tecedura do ministério Papal de Paulo VI em todos os campos: dogmático, moral, litúrgico, pastoral:

- demoliu algumas encíclicas que tinham condenado o **Comunismo, o Modernismo, a Maçonaria**;
- a sua escandalosa passividade perante o “**cisma holandês**”;
- a sua “**inacção**” perante a difusão de “**catecismos heréticos**”;
- **não condenou o herético maçon jesuíta Teilhard de Chardin**;
- **lançou toda a Tradição às urtigas**, com destruição e reconstrução feita por etapas;
- **quis que se substituísse o hábito talar por outro civil**;
- **eliminou todas as Ordens Menores: Tonsura, Ostia-**

- riato, Exorcistado, Subdiaconato**;
- permitiu “**concelebrações**” de Pastores anglicanos;
- **permitiu a “Comunhão na mão” e até dar a Comunhão a raparigas de mini-saia**;
- **aboliu o “latim” na Liturgia**, obrigando à língua nacional e até mesmo aos “**dialectos**”;
- **destruiu a música sacra**, até com uso do “**tã-tã**” e do “**rock**”;
- **mandou rodar os altares** – mesas para a “**Ceia**” protestante – **frente ao povo** – contra a “**Humani Genensis**”;
- **fez da religião uma “serva do mundo”**, porque a religião, para ele, devia ser “**renovada**”;
- permitiu a **demolição dos dogmas**;
- **deixou obscurecer os Sacramentos e demolir os Mandamentos**;



- com o seu **“aggiornamento”** para se adaptar ao mundo, **esvaziou os Seminários e Noviciados Religiosos;**
- **deu à Igreja “Padres sindicalistas”, de “esquerda”,** e reduziu a mensagem da Cruz a um vil humanismo;
- **abandonou a “Tiara”, símbolo do poder pontifício;**
- **aboliu o “Pastoral”;**
- **usou no seu peito, durante anos, o Ephod de Caifás, o Sumo Sacerdote judeu que condenou Jesus Cristo à morte, por Se declarar “Filho de Deus”;**
- **recebeu mulheres em mini-saia, como a Cardinale, e raparigas em calções e em “hot-pants”;**
- **recebeu os escandalosos “hippies”, “cantores beat” e “conjuntos pop”;**



Paulo VI recebe: desde cima, à esquerda, em sentido anti-horário: Claudia Cardinale, Lollobrigida, uma majorete, hipis e cantores beat.

- tornou obrigatória a demissão dos Bipsos aos 75 anos;
- suprimiu muitas festas de preceito;
- suprimiu a abstinência da carne às Sexta-feiras;
- emitiu um **“Decreto”** para o **“matrimónio misto”,** sem exigir o Baptismo Católico dos filhos;
- tentou várias vezes suprimir a **“vida de clausura”;**
- enviou o Card. Willebrandt, como seu legado, à Assembleia Luterana de Evian, para fazer o elogio de Lutero;
- destruiu o **“triumfalismo”** na Igreja, criando o slogan **“A Igreja dos Pobres”,** mas que, na realidade, não passa de um chavão da mentalidade laica-maçónica-marxista;
- no seu Pontificado **entrou no Vaticano, como embaixadora, um mulher de 28 anos;**
- abençoou os **“pentecostais”,** que dançavam e urravam em São Pedro;
- teve como que um encarniçamento em destruir os Estados Católicos (Itália, Espanha, etc..).

- Na sua “Profissão de Fé”, na Praça de São Pedro, em 30 de Junho de 1968, tão aclamada, ninguém notou que **Paulo VI excluía, expressamente, que o seu Credo fosse “uma definição dogmática”**. Facto gravíssimo, porque toda a proposição objecto do “Credo” constituiu-se em “verdade revelada”, de Fé Divina, e certificada na Sagrada Escritura e na Tradição Apostólica.



A Tábua dos “Direitos do Homem” que, para Paulo VI, devia substituir os “Direitos eternos de Jesus Cristo”. Paulo VI identificava a nova evangelização com a defesa dos “Direitos do Homem”.

- Foi um **Cristianismo**, o seu, **despregado da Cruz**. Isto é: um Cristo considerado, sim, como um “**libertador**”, **não do pecado, mas do sofrimento, da sujeição**.
- **Queria um Evangelho posto ao serviço da “justiça social”** e misturado com a “Carta dos Direitos do Homem”.
- Uma “**evangelização**” **reduzida a um “diálogo”** e não para a conversação.
- **Deu o primado não ao sobrenatural, mas ao natural, ao social, ao temporal**.
- **O primado do “Reino de Deus” e da vida eterna, substituiu-o pelo primado do “Mundo”**.

- O “**diálogo**” foi, durante todo o seu Pontificado, **não para prègar o Evangelho**, mas para o **desenvolvimento integral do homem**.

- A “**Nova Igreja**” de Paulo VI **rompeu com o passado**, dizendo: «A religião de Deus que se fez homem, encontrou-se com a religião do homem que se fez Deus». Assim, a sua “**nova religião**” era a “**religião**” da Maçonaria.



A união de todas as religiões, representada nesta pintura, é o “**plano**” **maçónico** para transformar a Igreja Católica nesta segunda **Torre de Babel**, para que seja completamente destruída, com a **necessidade “ecuménica” de negar a Divindade de Jesus Cristo** e, por consequência, eliminar a “**Igreja dogmática**”, único verdadeiro obstáculo a este “**plano**” **diabólico**.

- Nos seus escritos e discursos, **Paulo VI só acenou à “glória de Deus” e à “salvação da alma”**; mas o seu objectivo era **empregar “todos os seus esforços” para a promoção de um “humanismo pleno”**.



O Card. Joseph Slipyi, Primaz da Ucrânia.

Depois de ter denunciado as dezenas de milhões de cadáveres da Ucrânia e os crimes comunistas perante um Sínodo aterrado, o **Card. Slipyi** foi encerrado na “**Torre**” (prisão do Vaticano) por **Paulo VI**.

- Com o seu “projecto-utopia”, **Paulo VI** abalou a **Instituição da Igreja**, porque diferente do seu modo de pensar, de educar, de viver, para se tornar “**Humanismo ateu**”.
- Ele próprio falou da “**auto-demolição**” da **Igreja**, se bem que a ele se deva atribuir a parte de leão na decadência da Igreja actual.
- A sua política, chamada, posteriormente, “**Ostpolitik Vaticana**”, tinha relações obscuras, clandestinas, de iniciativa própria, **com a Rússia e certas outras Potências do Leste, traíndo, deste modo, Pio XII e a Itália!**



Card. Joseph Mindszenty, Primaz da Hungria.

Após ter sido expulso da Embaixada americana e ido para Roma, o **Card. Mindszenty**, por não querer estender a mão ao comunismo, foi encerrado na “**Torre**” (prisão do Vaticano) por **Paulo VI**.

- **Paulo VI** anula a excomunhão “**latae sententiae**” de **São Pio X** contra os eclesiásticos que impugnavam o “**Decreto Lamentabili**” e a encíclica “**Pascendi**”, e impõe que não se falasse mais em excomunhão.
- Encheu todo o seu Pontificado com a prègação dos “**Direitos do Homem**”, que substituíam os “**Direitos eternos de Jesus Cristo**”, continuando a identificar a evangelização com a defesa dos “**Direitos do Homem**”.
- A sua “**Populorum Progressio**” (26 de Março de 1967) é toda de sabor marxista, porque a sua “**justiça**” emparelha com a palavra “**igualdade**” e porque quer a fusão das religiões.

- **Paulo VI**, no Uganda, manifestou respeito e afecto para com o “**Primeiro-ministro Obote**”, ladrão, sanguinário e, depois, lançou uma mensagem de libertação e igualdade racial, como um apelo à insurreição geral da África contra o homem branco; um “**anti-colonialismo**” de **Paulo VI**, assim sendo, semelhante ao da ONU, ou seja, do capitalismo internacional ao imperialismo russo e chinês.
- A sua “**abertura**” ao “**diálogo**”, à **reconciliação**, à **cooperação com o Comunismo**, fê-lo esquecer (?) as perseguições e os perseguidos Cristãos.
- A “**Igreja do Silêncio**” foi a condenação de um crime sobre “**testemunhas**” que se deixavam matar para testemunhar e defender Jesus Cristo!



Em cima: 9 de Junho de 1977, **Paulo VI** com **Janos Kadar**, perseguidor do **Card. Mindszenty**.

À direita, em cima: **Paulo VI** recebe no Vaticano o **Presidente comunista da Jugoslávia, Marechal Tito**.

À direita, em baixo: Janeiro de 1967, **Paulo VI** com o **Presidente da URSS Podgorny**.

Em baixo: **Paulo VI** com um **Ministro soviético**.



- O Vaticano II não condenou o Comunismo por vontade explícita de Paulo VI.
- A “abertura ao Leste” de Paulo VI foi um verdadeiro matadouro para a Fé! Tal “abertura”, dita “Ost-Politik”, torna-se a maior traição de todos os tempos, porque Paulo VI se servirá da Igreja para fins subversivos, fazendo de Cristo um “revolucionário social” para o bem-estar humano.



Palácio do Santo Ofício.

Paulo VI suprime a “Congregação do Santo Ofício”, mudando-lhe o nome e, sobretudo, os “regulamentos”, de modo a não se poderem mais condenar os “erros” e as “heresias”.

- A “Igreja do Silêncio” incomodava o “Silêncio da Igreja” de Paulo VI; por isso, o Cardeal Slipyi, após dezenas de anos de gulag e de trabalhos forçados, foi mandado por Paulo VI para o Vaticano, para rapidamente ser encerrado numa prisão – como me disse o próprio numa minha “visita”: «em todos os momentos está fixada na minha mente a odisséia passada no gulag soviético, e a minha condenação à morte; mas em Roma, dentro dos muros do Vaticano, vivi momentos piores!».
- E, também, que dizer de Paulo VI pela sua inqualificável decisão de depor o Cardeal Mindszenty do seu cargo de Primaz da Hungria, onde este conduzia a Igreja sem aceitar o “virar -de-casaca” da Igreja montiniana?.. O Cardeal, durante a visita que lhe fiz em Viena, disse-me: «Cria-me... Paulo VI entregou países Cristãos inteiros nas mãos do comunismo... mas a

verdadeira Igreja ainda é a nossa, forçada às catacumbas!».

- O filo-comunismo de Paulo VI levou à vitória do comunismo na Itália.
- Suprime a “Congregação do Santo Ofício”, mudando até o nome para “Congregação para a Doutrina da Fé”, modificando-lhe, acima de tudo, os “regulamentos”, para não poder condenar os “erros”; depois, suprime o Index, que proibia a leitura de livros prejudiciais à Fé; em seguida, aboliu mesmo dois artigos do “Direito Canónico”, o Cânone 1399, sobre a proibição de livros; e o Cânone 2318, sobre a censura eclesiástica.



Irmã Lúcia de Fátima.

- Paulo VI em Fátima. Decide ir ali, mas “para um breve acto de presença”, para cumprir, isto é, uma viagem rapidíssima de carácter privado. Para evitar encontrar-se com Salazar, que considerava um “ditador colonialista”, não fez escala em Lisboa, mas na Base Aérea de Monte Real; e, depois, de Rolls Royce, directo à Cova da Iria. Onde não falará do essencial da “Mensagem”, da Vontade Divina que quer estabelecer no mundo a devoção ao Coração Imaculado de Maria; mas Paulo VI havia já condenado os que “exaltam Maria de modo por vezes excessivo, ultrapassando os limites da justa proporção doutrinal ou cultural”.
- Depois da Santa Missa, num podium junto ao altar, Paulo VI recebe a Irmã Lúcia, a qual queria falar-lhe.



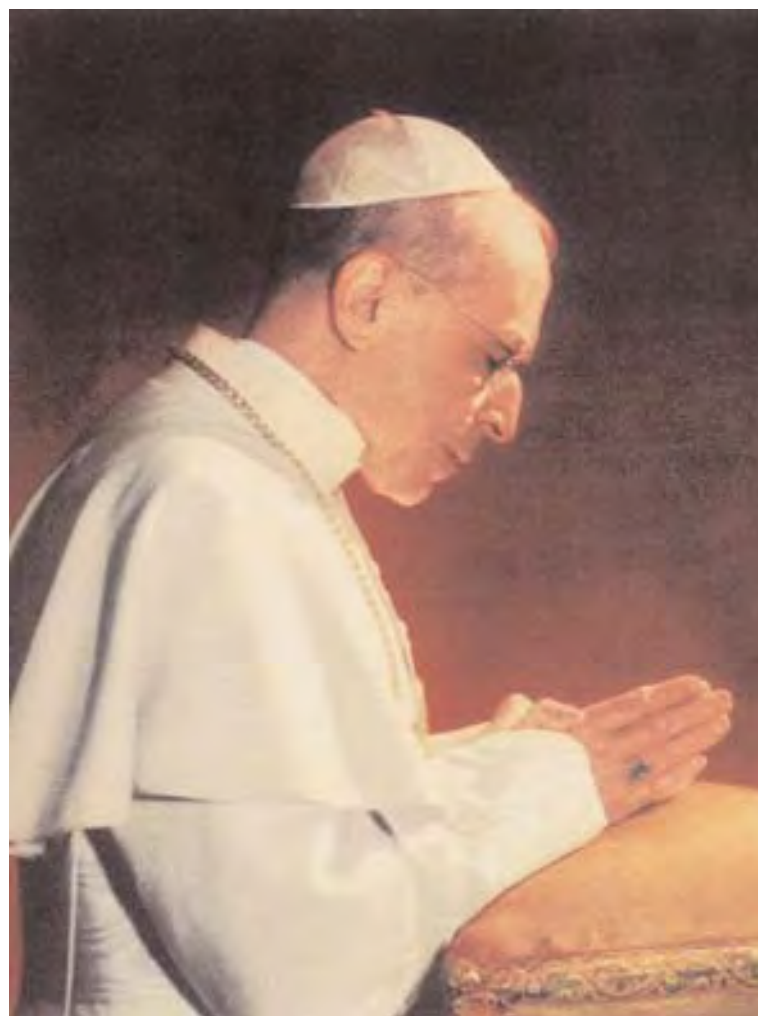
Fátima, Junho de 1977. **Paulo VI** celebra Missa ao ar livre. Depois da Missa, **Paulo VI** teve um encontro com Lúcia, mas não quis ouvi-la. Depois do encontro com Lúcia, **Paulo VI** dirigiu-se à **imagem da Senhora**, para depor um Rosário de prata entre as suas mãos, mas, não o conseguindo, **lançou-o aos seus pés!**



Paulo VI, todavia, disse-lhe: «**Veja, não é o momento; e, depois, se quer comunicar-me alguma coisa, diga-a ao seu Bispo; ele ma comunicará. Seja muito confiante e obediente ao seu Bispo**». A **Irmã Lúcia**, então, teve de ir. [Vi na TV, em directo, a Irmã Lúcia retirando-se, lavada em lágrimas! – N.T.] **O Papa caminhou em direcção à imagem de Nossa Senhora, para depor um Rosário entre as suas mãos. Não conseguindo, lançou o Rosário aos seus pés.** De qualquer modo, os temas do **grande “Segredo”**, como também os **“erros da Rússia”**, a **devoção reparadora ao Coração Imaculado de Maria**, foram totalmente ausentes da sua pregação. A sua **“Ostpolitik”**, no seu Pontificado, **visava e conduziu a uma firme aproximação com a Rússia bolchevique.**

- **Quando foi a Fátima (13 de Maio de 1967) passou em frente a Nossa Senhora sem sequer voltar os olhos para Ela; nem recitou o Rosário com a multidão, nem sequer uma Avé Maria**, quase esquecendo que a **Senhora de Fátima será, um dia, Ela a esmagar a cabeça à “serpente Satanás”!**
- **Paulo VI fez a “abertura ao mundo”, já condenada em “Pascendi” de São Pio X; desmantelou o baluarte anti-modernista; quis o “diálogo”, mesmo com a Maçonaria; abriu a Igreja à “democracia universal”, não obstante o Magistério passado (cf. “Carta Apostólica” de Pio XII; de Gregório XI, “Mirari vos”; de Pio IX, “Quanta cura”; de Leão XIII, “Immortale Dei” e “Diuturni”); favoreceu o “mal” com a sua tolerância indevida; deixou divulgar o “catecismo perverso”; tornou-se o artífice principal de auto-destruição da Igreja Católica, na sua fixação em querer reconciliar a Igreja e o “mundo moderno”, com a sua filosofia subjectivista; fez diminuir o “sacerdócio ministerial”, aproximando-o dos “pastores protestantes” e do “sacerdócio dois fiéis”.**
- **Se bem que Paulo VI não tivesse nenhuma formação teológica e se bem que lhe faltasse espírito sobrenatural, apesar disso, no “Concílio” Vaticano II mudou e profanou literalmente toda a religião Católica, na eclesiologia, na teologia dogmática e moral; na exegese bíblica, transmitindo-a (em latim: “tradita”) à ditadura das opiniões; na catequese subversiva, na Liturgia maltratada no ecumenismo; no Novo Código de Direito Canónico; e, no geral, em toda a humana e inumerável devastação espiritual, perpetrada em todos os campos, pelo neo-modernista Montini.**
- Já vimos que a **“Nova Igreja” de Paulo VI se inicia com o “Novo Concílio” e toda a sua aberrante novidade de “Nova Eclesiologia”, de “Nova Teologia”, de “Nova Exegese”, de “Nova Catequese”, de “Nova Liturgia”, de “Novo Culto Eucarístico”, de “Novo Código de Direito Canónico”.** Mas, o **Senhor Deus**, ainda no nosso tempo, não deixa que falem vozes admoestadoras de espíritos dotados de lúcida percepção, co-

mo a do **Cardeal Pacelli** que, ainda antes do Vaticano II, disse ao seu colaborador Conde Galeazzi:



Pio XII.

«**Estão à minha volta os inovadores que querem disfarçar a Capela Sagrada, destruir a chama universal da Igreja, rejeitar os seus ornamentos, obter o remorso pelo seu passado histórico. Pois bem, tenho a convicção de que a Igreja de Pedro deve apropriar-se do seu passado, ou cavará a sua própria tumba. Virá um dia em que o mundo civilizado renegará o seu Deus, em que a Igreja duvidará como Pedro duvidou. Será tentada a crer que o homem se tornou Deus, que o Seu Filho não passa de um símbolo, uma filosofia como tantas outras e, nas igrejas, os Cristão procurarão, em vão, a lâmpada vermelha onde Deus os espera, como a pecadora que gritou diante do túmulo: “onde o colocaram?”**». (Do livro de Mons. Roche, “Pie XII devant l’histoire”, 1989).

- **O verdadeiro rosto do “Novo Concílio” de Paulo VI é o de já não ser “de fide”, mas apenas um Concílio “pastoral”.** Um **“Conciliábulo”**, que depois teve dimensões de tempestade, como confessou o próprio

Paulo VI no seu discurso à audiência geral de 15 de Julho de 1978: «**A hora presente... é hora de tempestade! O Concílio não deu... a tranquilidade, mas, infelizmente, suscitou agitação**».

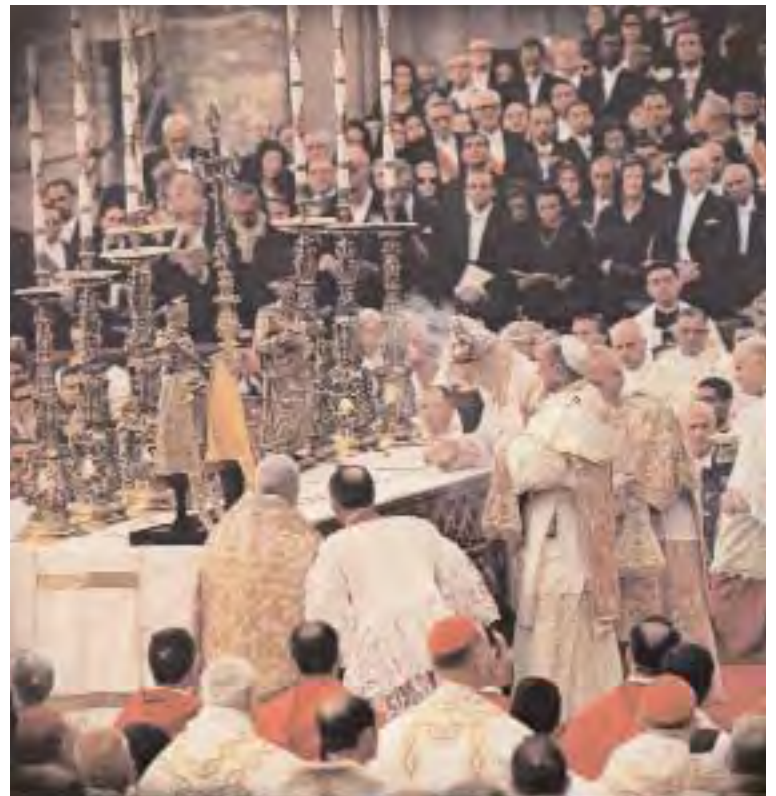
- **A maior parte dos Padres conciliares era da ala progressista, juntamente com João XXIII e Paulo VI**, vindos da corrente modernista, que assinalaram os documentos do **Vaticano II** na pegada da “**Nouvelle Théologie**”, condenada por **Pio XII** na sua “**Humani generis**” (1950), pelo que se é levado a pensar que **o Vaticano II foi uma verdadeira “quinta coluna” das forças judaico-maçónicas**.



Paulo VI abre a Segunda Sessão do Concílio Vaticano II.

- Está sob o olhar de todos, enfim, a “**crise doutrinal e moral**” da actual **Igreja Conciliar**, por nós denunciada e condenada em quase todos os nossos escritos. A Igreja, então, deverá cooperar **na Redenção do Seu Fundador**, deve retomar e viver a **Sua Paixão e sofrer a Sexta-feira Santa como Jesus**. Para isso, deve dispor de Santos Bispos e Santos Sacerdotes, com a vontade firme e decidida de defender, “**usque sanguinem**”, os “**Direitos de Deus!**”.

- **Se a Igreja não fosse divina, o Vaticano II tinha-a enterrado...** mas nós pensamos na promessa de Jesus: «**Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela** (Mt. 16, 18). E disse também: «**Estarei convosco até ao fim dos tempos**» (Mt. 28, 20); e, então, a Sua intervenção destruirá com o sopro da Sua boca (2 Ts. 2, 8) a arrogância de Satanás.
- A acção principal de demolição da Igreja no Pontificado de **Paulo VI** pode definir-se assim: “**demolição do Santo Ofício**”, guardião da ortodoxia; abrogação do “**Juramento anti-modernista**”; escandalosa **passividade frente ao cisma holandês**; **autorização de uma edição italiana do Catecismo** dos heréticos holandeses; a **visita à Assembléia do Conselho Ecuménico das Igrejas**; o **esfacelamento do tesouro litúrgico**; a **luteranização da Missa**; as **homenagens públicas rendidas a Lutero**; a **demolição da vida religiosa e clerical**; a **nomeação constante de Bispos liberais ou**



Paulo VI abre a Segunda Sessão do Concílio Vaticano II.

progressistas, na sede do Vaticano, para todo o mundo Católico... e todo aquele conjunto de “**actos**” dos quais um só basta para desonrar um Pontificado.

- **As convicções de Paulo VI** são aquelas que apresentámos no livro “**Paulo VI... beato?**”, ou seja: a sua “**Nova Religião**”; a sua “**abertura ao mundo**”; a sua “**abertura ao Modernismo**”; a sua “**abertura à Democracia Universal**”; a sua “**tolerância e cumplici-**



Paulo VI.

dade”; a sua “abertura ao Comunismo”; a sua “Missa Ecuménica”.

- Com o **Motu Proprio “Sacrum diaconatus ordinem”**, Paulo VI estabelece que “podem ser chamados ao diaconato homens de idade madura, sejam solteiros, sejam unidos pelo matrimónio”. Foi um gesto papal que anunciava a **Ordenação Sacerdotal para casados**.
- Com o **Motu Proprio “Matrimonia mixta”**, Paulo VI dispensa o cônjuge não Católico da promessa de deixar baptizar e educar os filhos na Igreja Católica. Esta norma passou, posteriormente, ao “**Código de Direito Canónico**” de 1983 (cân. 1125).
- Com o **Motu Proprio “Ingravescentem aetatem”**, Paulo VI proíbe aos **Cardeais maiores de oitenta anos a participação no Conclave**. Foi uma medida para remover da Cúria e das dioceses os elementos tradicionalistas, porque não adaptados à sua “**Nova Igreja Conciliar**” do Vaticano II.
- Com a **Instrução “Memoriale Domini”**, Paulo VI autoriza as Conferências Episcopais a conceder a distribuição da **Comunhão também na mão**. Foi outro gesto sacrílego!
- Em 1969, Paulo VI, com a **Instrução “Fidei custos”**,

autorizava os “leigos” a distribuir a **Santa Comunhão**, contra a missão que Jesus tinha reservada aos Apóstolos e Clero.

- **Durante o seu Pontificado, Paulo VI**, enquanto, por um lado, aceitou a amizade com os dissidentes, com os heréticos, com os mundanos, com os revoltosos, com os ateus, e a abertura a todas as religiões, por outro, **manteve constante hostilidade e inflexibilidade com os defensores da Fé Católica**.



Paulo VI com um chapéu singular.

- **Recusou receber 4.000 Católicos tradicionalistas de todo o mundo**, mas recebeu em audiência, em vez deles, um grupo de **Rabinos Talmúricos** e o **Patriarca dos Bonzos**.
- **Aboliu o “Juramento anti-modernista” de São Pio X**, que tinha também prescrito uma “**Profissão de Fé**” do Concílio de Trento, já prescrita por Pio IV.
- **Cancelar no Evangelho o imperativo “docete” de Cristo**, foi uma verdadeira traição à Fé.
- Com a sua desculpa de um “**aggiornamento**”, também doutrinal, Paulo VI abre a porta a todos os géneros de heresias.
- Que dizer, então, de Paulo VI que, ainda antes da sua eleição a Pontífice tinha já deixado entrever a “**sua religião**”? De facto, no seu discurso de 27 de Março de

1960, em Turim, disse: «o homem moderno não chegará, um dia, à medida que os seus estudos científicos progridam e descubram a realidade existente no interior da matéria, a prestar ouvido à voz maravilhosa do Espírito que nela palpita? Não será a religião de amanhã? O próprio Einstein não vislumbra a espontaneidade de uma religião de hoje? O trabalho não está já comprometido na trajectória directa que rumam à religião?».

- Mas isto é “panteísmo” à Teilhard de Chardin. Paulo VI, por isso, confirma o “aggiornamento” da Igreja ao mundo: «A Igreja – disse – procura adaptar-se à linguagem, aos costumes, às tendências dos homens do nosso tempo, todos absorvidos na rapidez da evolução material e grandemente exigentes na sua particularidade individual».



Paulo VI em versão “pele vermelha”.

- Este desatinar de Paulo VI é referido no que dele escreve Jean Guitton, o seu grande amigo, na sua obra “Diálogo com Paulo VI”: «Não me sentia inclinado para o clero que, por vezes, me parecia estático, fechado, mais interessado em conservar do que em promover, implicando a renúncia à tendência terrena na medida da sua condenação do mundo». E disse também isto: **que o mundo saiba: a Igreja olha-o com profunda compreensão, sinceramente disposta não já a sujeitá-lo, mas a servi-lo**». E ainda: «Tínhamos certamente a intenção de falar da severidade dos Santos para com os males do mundo. Muitos estão ainda familiarizados com os livros de ascese que trazem um juízo globalmente negativo sobre a corrupção terrena. É ainda certo que não vivemos num clima espiritual diferente, sen-

do convidados, especialmente com o actual Concílio, a ter um olhar optimista sobre o mundo moderno com os seus valores, as suas conquistas... A célebre Constituição “Gaudium et spes” é sempre um encorajamento a esta atitude espiritual nova. O nosso testemunho é um sinal da atitude da Igreja para com o mundo moderno: uma atitude feita de atenção, de compreensão, de admiração, de amizade».

Este é o Montini “sem vocação sacerdotal” que esfacelará a Igreja de Cristo!

- De repente, depois da eleição a Sumo Pontífice, Paulo VI põe-se rapidamente ao serviço do ressurgimento da “Nova Teologia”, começando por chamar ao ensinamento bíblico dois jesuítas, Lyonnet e Zerwick, humilhando, com este gesto, o Santo Ofício que os tinha condenado; depois, nomeou para a Comissão Bíblica os Cardeais Alfrink e Köenig e outros quatro estudiosos progressistas modernistas, os quais, em 21 de Abril de 1964, publicaram uma “Instrução” que era a rejeição do “Monitum” do Santo Ofício que defendia a historicidade dos Evangelhos.
- Na audiência de 2 de Julho de 1969, Paulo VI ousou dizer: «É necessário mudar mesmo a religião, porque o mundo muda»; esquecido de que Jesus disse: «O Céu e a terra passarão, mas as minhas palavras



Paulo VI: uma nova “Tiara”?

não passarão» (Mt. 24, 35). Mas Paulo Vi queria transformar o Cristianismo de modo a alinhá-lo com o mundo. Seria uma apostasia! São Tiago disse: «Não sabeis que a amizade do mundo é inimizade de Deus?» (Carta 1, 4, 4). O sonho de Paulo VI, pelo contrário, era fazer da Igreja uma organização filantrópica.



Israel, 1964. **Paulo VI** saúda o Presidente de Israel, Z. Shazar.

cunho socialista, ou seja, **maçónico-modernista**”, que tinha o Homem como meta.

- A obra de Paulo VI reduzia-se a desviar os homens do Céu para os tornar escravos do **Senhor do Mundo**”, ignorando a **ordem de Jesus: «Procurai, primeiro, o Reino de Deus e a Sua justiça»**, ou seja, a via da Graça e da Santidade, para realizar a sua quimera de um **“Mundo Novo”**, ou seja, outro **“paraíso terrestre”**.
- Humilhando a dignidade do Papado e da Igreja, eis alguns dos inúmeros **“erros” e desvios doutrinários de Paulo VI:**



Jerusalém, 1964. **Paulo VI** abraça o Patriarca Atenágoras I.

- **O comportamento de Paulo VI com relação ao pérfido “Catecismo Holandês”** foi nada digno da sua missão, permitindo que os modernistas humilhassem Deus e toda a Igreja, não apenas com o silêncio, mas unindo-se aos admiradores daquela heresia.
- Na **“Constituição Litúrgica”**, **Paulo VI ignorou a Doutrina da Igreja de sempre, mas cala também a condenação de Pio XII em “Mediator Dei”**, na qual tinha denunciado as gravíssimas consequências do abandono da língua latina na Liturgia.
- **Paulo VI**, depois de suprimir as **“Ordens Menores”** e o **“Subdiaconato”**, fez de modo que, a pouco e pouco, os **“leigos”** assumissem o posto dos sacerdotes, do mesmo modo que fez Lutero e como fazem os protestantes.
- **Paulo VI era modernista**, e procurava sempre fazer reviver o modernismo, em oposição ao Magistério anterior.
- Não é de duvidar da traição de **Paulo VI**, tanto na aceitação como no querer uma **“democracia universal”** de

1. **nova concepção ecuménica da Igreja**, dividida na Fé, já condenada no **“Syllabus”**, a, 18;
2. **uma nova posição, democrática, da Igreja**, já condenada pelo Vaticano I;
3. **nova concepção dos “direitos naturais do homem”** no Decreto **“Liberdade Religiosa”**, se bem que já condenada em **“Quanta cura”** de Pio IX e na segunda encíclica **“Libertas”** de Leão XIII;
4. **nova concepção do poder do Papa;**



Nova Iorque, 4 de Dezembro de 1965. **Paulo VI**, na ONU, pronuncia o seu discurso: «a paz deve guiar o destino dos povos e da humanidade».



Istambul, Julho de 1967. **Paulo VI** é recebido pelo Patriarca Ortodoxo Atenágoras I, na Catedral Ortodoxa.

5. **mudança radical**, sob concepção protestante, do “**Santo Sacrifício da Missa**” e dos “**Sacramentos**”, também já condenada pelo Concílio de Trento (Sessão XXIII);
6. **uma querida livre circulação das “heresias” e a supressão do “Santo Ofício”**.

- Em 4 de Outubro de 1965, **Paulo VI falou na ONU** e disse: «**Senhores, cumpristes uma grande obra; ensinastes a paz aos homens. A ONU é a grande escola onde se recebe esta educação**», ou seja, o **humanismo maçónico**.
- Em 20 de Março de 1965, **Paulo VI** recebeu em audiência dirigentes do “**Rotary Club**”, **organização maçónica**, e disse: «**a forma associativa daquele grupo para-maçónico**» era boa e que «**bom era o método**» e, assim, eram “**bons também os fins**».



Paulo VI, no anfiteatro de Éfeso, durante a sua viagem à Turquia.

- **Na porta de bronze da Basílica de São Pedro, no Vaticano, nas costas da mão esquerda de Paulo VI estava esculpida uma “estrela de cinco pontas”, também chamada “pentalfa maçónica”, ou “estrela flamejante”,** que é um dos símbolos mais importantes e significativos da Maçonaria, o “sigilo” com que marcha a sua conquista. **Esta estrela indica a presença de Satanás e da luz que ele irradia sobre Maçonaria. A estrela flamejante é o próprio Lúcifer.** A marca da “**Besta**” (Satanás). Indica o homem sem Deus e o “**Homem-Deus**” satanizado! Aquela “**estrela de cinco pontas**” foi também publicada no suplemento especial do “**Osservatore Romano**” para o octagésimo aniversário de Paulo VI (cf. Domenica, 26 de Setembro de 1977, pag. XI), quase a assinatura do seu Pontificado.
- Em 7 de Agosto de 1965, **Paulo VI, juntamente com o Patriarca cismático Atenágoras, levantaram reciprocamente as excomunhões (ainda válidas) que, em 1054, S. Leão IX tinha lançado.** Mas já **Pio XI**, na sua “**Mortalium animos**”, a tinha condenado como “**estultícia**” e, assim, contrária à Fé.
- Em 23 de Março de 1996, **Paulo VI, na Basílica romana de São Paulo extra-muros”, fez abençoar os fiéis (Cardeais e Bispos incluídos) pelo herético e cismático “Arcebispo” (laico) Dr. Ramsey. Foi um insulto ao**



Roma, 1975. Por ocasião do Ano Santo, **Paulo VI** recebe os representantes das Forças Armadas da NATO.

Papa Leão XIII que, na Bula “*Apostolicae curae*” de 13 de Setembro de 1986, tinha declarado inválidas as ordenações anglicanas.

- **Paulo VI**, pelo seu orgulho, o seu sensualismo, o seu materialismo, o seu laicismo, não fez nunca nada de sério e de empenhado para reabilitar a Europa des-cristianizada.
- De **Paulo VI** pode-se dizer que a sua acção contradizia a sua palavra, como o seu modo de governar contradizia a sua própria “**Profissão de Fé**”.
- **Paulo VI** abdicou de ser **Vigário de Cristo** quando, na Basílica de São Pedro, na presença de dois milhares de Bispos, renunciou à “**Tiara**” com as **três coroas**. E completou o seu acto de abdição remetendo ao Secretário-geral da ONU, **U’Thant**, maçã, os dois outros símbolos do Papado: o “**Anel Pontifício**” e a “**Cruz Peitoral**”; em troca, receberá o símbolo de “**Sumo Sacerdote Judeu**”, o **Ephod**, ou seja, o “**peitoral**” que **Caifás** usava no momento da condenação de **Nosso Senhor**.
- **Paulo VI** foi um **Papa** que não governou a **Igreja**, pelo que não pode ser absolvido da sua auto-destruição, da qual só ele foi o primeiro responsável.
- **Paulo VI** não fez da “**religião**” o princípio de união entre os homens, mas um princípio de “**liberdade**”. Por isso, **Paulo VI** havia esquecido que **Cristo** fora anunciado como “**sinal de contradição**” (Lc. 2, 34). Hoje, com **Paulo VI** e o **Vaticano II**, entrou na **Igreja** a “**desunião**”, também entre a **Jerarquia**, porque já não nos encontramos perante um **Catolicismo**, mas **diversos tipos de catolicismo** e, ademais, perante o gravíssimo aluimento no seio da **Igreja**, **Paulo VI**, mesmo vendo os danos e os erros, não aplicou nem o bisturi, nem os medicamentos próprios para curar, manifestando, assim, a sua “**traição**” na direcção da **Igreja**.

- **Paulo VI** remeteu toda a doutrina Católica para o “**duvidoso**”, em “**reflexão**”, em “**pesquisa**”, em “**diagnóstico**”, em “**diálogo**”, enquanto, em vez disso, **Jesus Cristo** tinha imposto o seu “**docete**”, que é um imperativo que não admite “**diálogo**” sobre a **Fé**; e **São Paulo** escreve que se deve “**propor**” a **Verdade** e não dialogá-la. Para **Paulo VI**, em vez disso, na



Paulo VI no Conselho Mundial das Igrejas.

construção da sua “**Nova Igreja**” excluía toda a discussão dogmática, deixando livres os teólogos modernistas para atacarem toda a espécie de dogmas, com todos os erros que ele defendia e deixava propagar, sem dar nunca nem resposta nem algum apoio aos tradicionalistas.



Paulo VI celebra Missa em Bombaim (Índia).



Paulo VI em Hong Kong.

com os irmãos das outras igrejas e confissões Cristãs, com os “irmãos maiores judeus”; com os não-Cristãos, com os não-crentes; e assim, em toda a linha eclesial. Foi o seu Pontificado!

- Na “Alocução” de 23 de Setembro de 1963, Paulo VI declarou: «Não é de admirar que depois de vinte séculos... o conceito verdadeiro, profundo, completo da Igreja, como Cristo a fundou... tenha ainda necessidade de ser mais precisamente anunciado».
- Mas a Igreja é ou não é, sem adequar-se aos tempos, porque a “Verdade Revelada” ou se aceita na totalidade sem modificação humana, ou se recusa toda. Portanto, não se podem tratar os “adequamentos pastorais” e as “actualizações pastorais”, confundindo a “revolução” em acção com a “Revelação” de sempre.
- Na sua encíclica “Ecclesiam suam” escreveu: «A Igreja faz-se “diálogo” (não mais evangelizadora, assim sendo) para converter a Cristo, único Caminho, Verdade e Vida, e este “diálogo” deverá caracterizar o nosso trabalho católico».
- A “Nova Igreja” de Paulo VI não é senão uma mistura de peças, de fragmentos, pedaços da ideologia corrente; religião do progresso, culto da ciência, do evolucionismo, da psicologia sexual, do existencialismo, da fé política em contínua evolução, do relativismo intelectual e moral. Uma Igreja modernista, em suma, amadurecida sob Paulo VI, que foi causa e artífice primeiro da derrocada da Igreja do Vaticano II.
- Paulo VI fez aprender na Igreja um novo modo de pregar, coralmente; uma “Nova Liturgia, uma “nova atitude para com o mundo”, uma “nova relação”

- Paulo VI foi o profeta e o chefe da inaudita “Reforma” da Igreja. Com a sua encíclica “Ecclesiam suam”, fazia a paz com todos os inimigos e perseguidores da Igreja, com ela abria o seu “diálogo” que calava o “docete” imperativo de Cristo, dando concessões a todas as religiões e ideologias do mundo, que subitamente se tornaram colaboradoras na sua “auto-destruição” da Igreja, para a substituir pela religião maçónica do homem!
- A política de “não intervenção” de Paulo VI foi uma despudorada abdicação do seu dever de intervir, particularmente naquela auto-destruição da Igreja que ele próprio conduzia para a colocar ao serviço da Hu-



Agosto de 1968. Paulo VI, na sua viagem à Colômbia, com aldeões e peregrinos que lhe oferecem pequenos presentes.



Aeroporto de Ceilão. **Paulo VI** saúda um grupo de dignitários budistas, depois de celebrar a Missa, em plena noite, numa pista de aviação.

manidade e conciliar todas as crenças e todos os cultos numa única “Religião Universal”.

- **É claro que se está protestantizando toda a Igreja, para depois a dissolver na “Super-Igreja Universal”, ou seja numa religião sintética, a ORU, ou “Organização das Religiões Unidas”.**
- **A “Nova Igreja” de Paulo VI necessitava do seu sonho de criar uma “Nova Ordem”, com a ideia de libertar a Igreja da sua natureza dogmática, “ absolvendo-a” do seu passado com um processo de descristianização que deve levar a uma completa viragem do primado religioso, à secularização, mediante um sincretismo ecumenista, fundado na filosofia moderna; na essência, nem sequer é uma filosofia, mas uma atitude religiosa ao nível da religião natural, seguida de uma contra-religião natural, em oposição aos primeiros quatro Mandamentos do Decálogo. Um substituição, posteriormente, da “philosophia perennis” por uma outra “filosofia revolucionária”.**
- **Com Paulo VI, a Igreja não devia evangelizar mais para ganhar as almas para Cristo, mas devia, em vez disso, empenhar-se na promoção de um “humanismo ple-**

no”. A sua encíclica **“Populorum Progressio”** é toda dirigida a esta mentalidade pagã.

- **Paulo VI tinha um culto pelo homem que era superior ao dos humanistas ateus, chegando até a dizer: «Toda esta riqueza doutrinal do Concílio não visa senão uma coisa: SERVIR O HOMEM»!**
- **Com a sua “Nova Missa”, Paulo VI impôs os “erros” já condenados pelo Concílio de Trento e por Pio VI, que condenou o mesmo erro do “Sínodo de Pistóia” contra os Jansenistas.**
- **A Missa de Paulo VI foi asperamente criticada por dois Cardeais, Ottaviani e Bacci, porque “se afastava, de modo impressionante, no conjunto como nos detalhes, da Teologia Católica da Santa Missa”. Paulo VI viu-se constrangido a alterar a sua definição herética, mas, na “nova definição” que fez, juntou apenas um débil aceno a “Santo Sacrifício”, sem modificar nada em todo o resto do texto litúrgico.**
- **Com a Constituição “Missale Romanum” e, depois, com o “Novus Ordo Missae” de 3 de Abril de 1969, Paulo VI substitui o antigo Rito Romano da Santa Missa pela sua “Nova Missa”, toda de matéria protestante.**
- **A “Missa” de Paulo VI é a destruição intencional do conceito e do valor intrínseco do “Sacrifício Eucarístico”, da “Presença Real” e da “sacramentalidade” do sacerdócio ministerial, vale dizer, a destruição de todo o valor dogmático essencial da Santa Missa.**
- **A Missa ecuménica de Paulo VI “dessacraliza” a Santa Comunhão, tomada em pé, na mão, e distribuída por leigos: cola o “Sacrifício Propiciatório” do “povo de Deus” ao do Sacerdote (nomeado Presidente) com o rito cuja “reforma” foi inspirada por um maçónico ecumenismo sincretista; transforma o Cristianismo em um simples “humanismo”, numa Igreja que faz “diálogo”, não a “evangelização que deve caracterizar o nosso dever apostólico” (Paulo VI).**
- **Paulo VI pensava que a Igreja dogmática fosse o obstáculo maior para o ecumenismo, porque a “Verdade” revelada por Cristo, para fundar a unidade na Verdade, seria, em vez disso, um obstáculo à unidade das religiões!**
- **Foi Paulo VI que quis permitir o Congresso de Bruxelas, no qual se procurou demolir os dogmas da Igreja. Nada de mais dogmas, mas um “Humanismo Universal” e, depois, uma “Igreja Universal” como instrumento de um “Governo Mundial”. O teólogo Padre Raymond Dulac, assim descreve alguns “factos” principais do reinado de Paulo VI: «a demolição do Santo Ofício, custódio da ortodoxia; a abrogação do “juramento anti-modernista”; a destruição do tesouro litúrgico; a demolição da vida religiosa e cleri-**



Em cima: Vaticano, 10 de Abril de 1970. **Paulo VI** agradece aos seis membros não Católicos do “**Conselho**” encarregado de compor a “**Nova Missa**”, por terem “**elevado**” o culto divino, por terem “**ajustado**” os antigos textos “**ao nosso modo de pensar**”; por terem “**corrigido**” a juntado a esses textos “**uma maior riqueza teológica**” (!!!)

Na gravura em cima à direita, no sentido horário:

- Missa na sala de estar;
- Missa com bailado;
- Missa com mulheres no altar;
- Missa de roda;
- Missa jazz;
- Missa para padres e freiras, celebrada sobre uma bobina para cabos telefônicos.





- **Paulo VI tentou até limitar o culto a Maria Santíssima** para comprazer os protestantes. Quando ainda estava em Milão, entre as suas intervenções na Comissão Central Preparatória do V aticano II, **declarou-se contrário à extensão do título de “Mediadora Universal” a Maria SSm^a**, dizendo: «A proposta de um novo título, vale dizer o de “Mediadora”, a atribuir a **Maria SSm^a**, parece-me “inoportuna” e mesmo “prejudicial”; isto porque o título de “Mediador” respeita exclusivamente a Cristo, como diz a advertência de São Paulo: “Um é o Mediador”. É necessário falar mais da sua realeza e maravilhosa e benigníssima intercessão, mas não de mediação». E continuou: «A extensão deste título não parece favorecer a verdadeira piedade» (Osservatore Romano, 10 de Junho de 1992). E, deste modo, a “Mediação de Maria” foi totalmente ocultada no Vaticano II, por vontade de Paulo VI.



cal; a nomeação constante de Bispos liberais e progressistas em todo o mundo».

Foi um “Plano” ponderado e perseverante.

- Em 29 de Janeiro de 1965, **Paulo VI entregava aos turcos o estandarte de Lepanto**; foi em Lepanto que aconteceu a célebre batalha naval, em 7 de Outubro de 1571, que salvou o Ocidente Cristão da ameaça de ocupação muçulmana. **São Pio V** instituiu a “Festa de Nossa Senhora do Rosário”, a fim de perpetuar a recordação daquela vitória devida à intercessão da Virgem Mãe de Deus. Deste modo, com aquele ver gonhoso acto, **Paulo VI** não podia deixar de significar também um insulto à Virgem do Rosário.

– São palavras, as de Montini, que são mentirosas e injuriosas para com a Mãe de Deus. A comprovação deste título a Maria SS^{ma} tínhamo-la no **“Dicionário de Mariologia”**, do grande Mariólogo **Padre Gabriele Roschini**; cito os principais:

1. **Bento XIV**, Bula **“Gloriosa Domina”** (27.09.1748);
2. **Pio VII**, **“Privilégios da Igreja da Anunciada de Firenze”** (1808);
3. **Pio IX**, encíclica **“Ubi Primum”**, 1849;
4. **Leão XIII**, encíclica **“Octobri Mense”**, 22.09.1892, **“Supremi Apostolatus”**, 1883, **“Superiore Anno”**, 1884;
5. **Bento XVI**, Carta Apostólica **“Inter Sodalicia”**, 1918, instituição da **“Festa de Maria Mediadora”** de todas as graças, 1921;
6. **Pio XI**, encíclica **“Misericordissimus Redemptor”**, 1928: **“Mediadora de Todas as Graças”** junto de Deus;
7. **Pio XII**, cf. Rádio-mensagem de 13 de Maio de

1946; e vários outros documentos. É bom saber que, já em 1921, mais de 450 Bispos tinham pedido a definição dogmática da **“Mediação de Maria”**!

- **Aprovando o novo “Rito das Exéquias”**, Paulo VI concede as exéquias mesmo a quem escolha a **“cremação”** do seu cadáver, se bem que seja **contra a Tradição Apostólica e esteja regulado no velho Código, no cânone 1203, § 1 e 21, mas, agora, imposto pela Maçonaria.**
- **Paulo VI aparece sempre ao “Mundo” como homem de esquerda, autêntico e típico “progressista”, além de “perigoso revolucionário”.** Neste desvario montiniano, a evangelização foi substituída pelo **“diálogo”**, e o **“Reino de Deus”** cedeu o lugar ao **“reino do homem”**. Pela sua **“abertura ao mundo”**, pelo seu **“Movimento de Animação da Democracia Universal”**, Paulo VI será considerado o **“Grande Corruptor”** da Igreja do século XX!
- É necessário também saber que **sobre o ataúde de Paulo VI não estava nenhum símbolo Cristão, nem seque a Cruz.**



Conclusão

Ter dito a “Verdade” sobre Paulo VI não foi, decerto, para espezinhar-lhe a memória, já entregue ao juízo da História, mas é um direito pôr a claro o que lhe diz respeito como homem, como Cristão, como Sacerdote, como Bispo, como Papa, porque calarme, ocultar ou negar a discussão, seria uma ofensa à “Verdade”, além de ao **Direito Canónico** e ao **Civil**.

De qualquer modo, o “método” de estudo crítico não proíbe absolutamente o debate aberto e livre para esclarecer também as tensões, os choques, os desvios dogmáticos e normativos que houve no Vaticano II.

Depois, se o que assina contestou também a inexplicável proposta de “beatificação” do **Papa Montini**, não é, decerto, caso de começarem os insultos, nem de lançar condenações,

quando a razão aconselha, ao invés, apresentar outros documentos que provem o meu eventual erro de juízo.

Porventura, de que serve a “Verdade” com falta de **Caridade?**

São Jerónimo disse: «Por que não deverei denunciar as coisas que os outros não arriscam fazer?».

E **São Gregório Magno** escreve: «É melhor fazer nascer



Paolo VI.

um escândalo do que abafar a “Verdade”».

Até **São Tomás d’Aquino** afirma: «Quando acontece um perigo para a Fé, os súbditos têm de apresentá-lo aos seus Prelados, ainda que publicamente».

Nosso Senhor Jesus Cristo acrescenta: «**Quem não tem espada, venda o manto e compre uma**» (Lc. 22, 37).

Recordo aqui, também, o grito de **São Paulo**: «**Acautelai-vos dos cães**»! (Fil. 3, 2-3). Ora, hoje, de cães rosnadores está cheia a Igreja do Vaticano II.

São João, o predilecto de Jesus, escreveu: «**Se alguém vier até vós e não traz este ensinamento, não o recebais em casa nem o saudeis**» (2 Jo. 10).

Hoje, inversamente, os servidores da Doutrina de Cristo são não apenas saudados, mas acol-

hidos em casa, na Igreja, e são honrados e premiados com postos de prestígio, se bem que sejam envenenadores de almas e contestadores de toda a “Verdade” que, no passado, foi sempre crida.

Por isso, a minha posição foi sempre uma “**cruzada**”, mesmo pelo direito de reclamar, o direito de poder cumprir o meu dever de “**alter Christus**”, de proclamar, com exactidão, a “**Verdade**”.

Talvez que, quem haja lido a minha **“Trilogia Montiniana”**: **“Paulo VI...beato?”**; **“Paulo VI, processo a um Papa”**; **“A Nova Igreja de Paulo VI”**; terá compreendido que o autor teve sempre presente o **“facientes veritatem in charitate”**, procurando sempre a **“Verdade”** com **“Caridade”**. Não me foi fácil, todavia, porque a pôr fogo à pólvora estiveram, sobretudo, os **“Bispos”** e os **“Padres”** despudorados, nunca silenciosos, mas antes louvados e cobertos de cargos e honras eclesiásticas. Se **Cristo** voltasse hoje à Terra encontraria falta de unidade de Fé, crescente **“secularização”** da Sua Religião; outra presumível Igreja sem nenhum sobrenatural, empenhada em encontrar uma nova estrada, mais cómoda, que forme outro Paraíso na Terra, como se não existisse outro no Além.

Depois, a minha pesquisa **“histórico-teológica”** e a minha **“conclusão”** sob o **Pontificado de Paulo VI**, não se serve de conjecturas pessoais, mas é a **“colheita da Verdade”**, baseada em **“ditos”** e **“feitos”** incontestáveis, anotados porque verdadeiros!



INDICE

– Apresentação:	
Paolo VI, o Papa que mudou a Igreja	2
– A Sua vida	7
– Paulo VI mação	30
– A Sua homossexualidade	55
– O Seu Pontificado	64
– Os seus “ditos” e “feitos”	74
– Conclusão	94

